This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

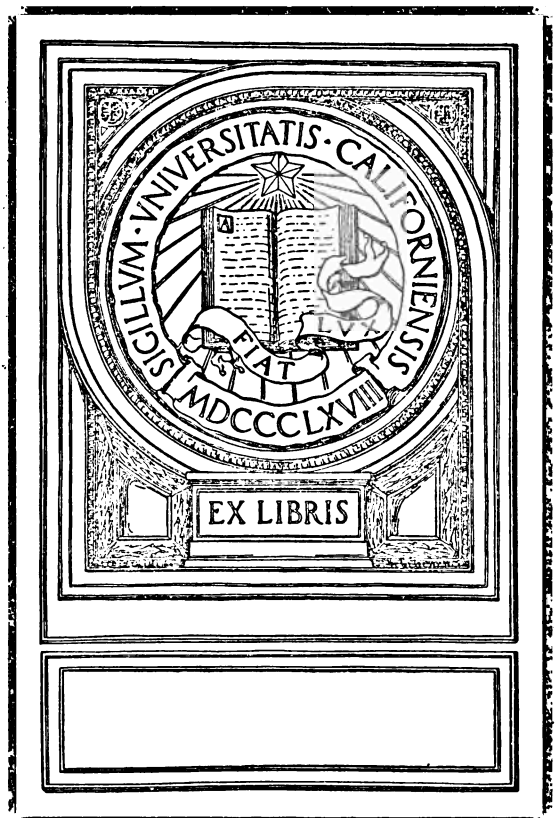
+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 23 533

YC 10091


SIGILLVM · VNIVERSITATIS · CALIFORNIENSIS
FIAT LVX
MDCCCLXVIII
EX LIBRIS

Uma Viagem

AO

Estado de Santa Catharina

EM 1902

PELO

P. Jacomo Vicenzi

UNIV. OF CALIFORNIA

NICTHEROY
TYP. AMERINO — Rua do Reconhecimento, A 1
1904

PRESERVATION
COPY ADDED
ORIGINAL TO BE
RETAINED

APR 3 0 1993

F-2626
V.5

Uma Viagem ao Estado de Santa Catharina

Apreciação Critica

Causou-me a mais lisongeira impressão a leitura do trabalho *Uma viagem ao Estado de Santa Catharina*. Em estylo sobrio, claro, fluente, encontra-se ahi interessante descripção de paysagens e scenas de costumes, entremeiada de muito criteriosas ponderações.

O Snr. Pe Vicenzi sabe observar, e transmittir aos outros de modo agradavel e impressionante, o resultado do que observou.

Ha duas notas relevantes no livro, sufficientes por si sós para lhe darem valor. A do patriotismo em primeiro logar. Vê-se a cada passo, que o autor é verdadeiro amigo do Brasil, zeloso de seus brios, desejoso de o achar sempre prospero e digno.

A segunda nota é a da fé religiosa. Revelão tambem todas as paginas um *bonus miles Domini*, um intemerato defensor das verdades religiosas, disposto por ellas a quaesquer sacrificios. N'essas condições, este livro importa uma boa acção. Queira o Snr. Pe Vicenzi acolher os meus applausos e felicitações.

Villa Petiote — Petropolis, 20 de Fevereiro de 1905.

DR. AFFONSO CELSO

M251271

Ao Leitor

E' a primeira vez que, em forma de livro, apresento ao publico um pequeno trabalho, simples descripção de uma viagem. Embora habituado na imprensa, não é sem receio que a tanto me atrevo. Sei que pullulão por toda parte publicações inuteis e perniciosas, e não queria augmentar-lhes o numero.

Se pois atiro á publicidade esta brochura é por ter sido encorajado por pessoas que me convencerão de que ella não será de todo inutil. E aqui peço permissão de offerecer estas paginas, em primeiro logar áquelle que me offereceu ensejo de as escrever, unico sobrevivente dos que me derão a vida. E' dever de um bom filho offerecer a seu velho pae, que felizmente ainda possúe, as primicias de seu trabalho. Em segundo logar dedicarei estas linhas a alguns bons amigos que sempre se interessárão pela minha humilde pessoa, assim como pelos meus emprehendimentos, embora nem sempre fossem coroados com exito feliz. Citarei em particular os nomes bem conhecidos dos Doctores: Carlos de Laet, Affonso Celso e Commendador Aureliano Pimentel, os quaes, sempre que os consultei, mostrarão a melhor boa vontade para commigo, e muito contribuirão para que eu não recuasse, estimulando-me com a competencia e sinceridade de sua palavra. Acceitem pois, este offerecimento como prova de affectuosa gratidão.

Espero que o leitor saberá relevar os defeitos do livro que ouso apresentar lhe.

PADRE JACOMO VICENZI.

CAPITULO I

O Embarque

Erão tres horas da tarde do dia 25 de Outubro, e eu estava prestes a partir. Uma grave enfermidade de meu pae chamava-me urgentemente para junto d'elle no Estado de Santa Catharina. Tinha de embarcar no *Itaperuna*, pertencente á *Costeira*, em que predomina o regimen inglez. Imagine o leitor com que solicitude procurei n'esse dia ser pontual. Sabia com quem tinha de me haver. Recommendarão-me, na agencia, fosse a bordo uma hora antes, cuidado este muito natural em quem com tanto empenho procura bem servir ao publico na mais rigorosa observancia do horario. A's 4 horas da tarde devia ser a partida.

Pelas 2 horas, o mais tardar, o *Itaperuna* devia ter desatracado do trapiche, e por este motivo mandei preparar uma embarcação para ir a bordo na hora aprasada. Tive uma verdadeira decepção. Ao aproximarmo-nos do *Itaperuna*, (acompanhavão-me algumas pessoas) encontramol-o ainda atracado, e em condições de quasi não poder receber passageiros. Ladeavão-no algumas lanchas carregadas, sendo-nos mister trepar á primeira, passando depois de uma a outra, para, a muito custo, chegar ao convez do alludido vapor. Chegámos esfalfados; a tarde era quente e asphyxiante. Quasi todos os passageiros já se achavão a bordo. N'esse dia, como geralmente acontece no começo das viagens, vi que os meus compa-

nheiros erão gente estranha, e por isso, juntamente com as pessoas que até lá me tinhão acompanhado, assentei-me n'uma parte do convez completamente desempedida. Vendo que os bancos não erão bastantes para que todos se pudessem accommodar, aproveitei duas cadeiras proximas, assentando-me em uma d'ellas, offerecendo a outra a uma moça que ainda ficava de pé. Mal tinhão decorrido uns tres minutos, e eis que um illustre cavalheiro desconhecido approxima-se de mim acceleradamente, pedindo-me todo insofrego lhe cedesse a cadeira. Levantei-me promptamente e obedeci. Comprehendi logo ter commettido a falta de utilizar-me, por alguns momentos, de uma cadeira desoccupada. Mas por fim tranquillizei-me. O homem não se deu por satisfeito. Quasi não teve tempo de transportar a cadeira á distancia de alguns metros, que, sem eu esperal-o, ouço-o intimar a se levantar sem demora a moça que com a maior segurança se ficara na outra cadeira. Todos os que assistirão a este requinte de *amabilidade* e *cavalherismo* pretenderão que o tal cidadão não podia ser brasileiro. E tinhão sua razão de assim pensar. Faz-me isto lembrar as palavras proferidas por um jovem argentino na minha volta para o Rio de Janeiro. Disse-me elle que ficara encantado pela meiguice e modos delicados do povo brasileiro. Esta fôra sua primeira impressão. Com effeito a polidez é um dom natural, caracterisco do povo brasileiro, e que se encontra nas classes mais altas, como nas medias e infimas. A prudencia de seu fallar, o respeito sem igual no tratamento, a lhaneza de suas maneiras, mesmo para com as pessoas desconhecidas, todos esses modos captivantes distinguem incontestavelmente o brasileiro de qualquer outra nacionalidade.

Não deixarei de mencionar a consideração inexcedivel dos homens para com a mulher, á qual, em todos os actos, por espirito de cavalherismo, cedem sempre o primeiro logar. Foi pois recebido com sentimento de franca reprovação o acto de indelicadeza que acabo de relatar. O seu autor, que disserão-me residir nos Estados do Sul, e que é conhecido pela alcunha de *poeta*, espero que muito se aproveitará d'esta singela narrativa, e que, d'ora avante, se esforçará por merecer do publico as sympathias que aos delicados e amaveis cultores das Musas são tributadas.

A hora da partida se approximava, ou melhor, já tinha passado; o calor continuava insupportavel e já era tempo que cada qual se encaminhasse para os seus lares. Cumpria pois um duro dever, convidando as pessoas que até ahi me tinhão acompanhado com grave encommodo, a não mais prolongarem o sacrificio que estavão fazendo, levadas a isto pela grande dedicação e sincera amizade. N'esse momento convenci-me de que ir ao bota-fóra de um amigo não é folia, é antes uma prova de estimação excepcional.

A despedida não devia ser por muito tempo, mas não deixou comtudo de ser penosa.

Chegou a hora do jantar, findou a refeição e nem siquer um signal de partida. Tres annos antes, embarcando eu no mesmo vapor, notára entre os passageiros grande impaciencia porque só ás 5 horas, e não ás 4, levantava ferro em demanda da barra! Queixarão-se então fortemente da falta da proverbial pontualidade ingleza! Tão mal a Companhia tinha habituado aos que vierão antes de nós! Mas voltemos ao assumpto. Só ás 9 horas da noite terminou a carga do *Itaperuna*. N'esse momento deveriamos já contar 5 horas de viagem. A's 9 1/2 horas retirou-se a lancha da Companhia: pensei que afinal iamos partir. Era tarde não havia duvida, disse cá commigo mesmo, mas emfim, antes assim! Pois bem, não passou de uma simples illusão. O *Itaperuna* não se mecheu. A's 10 horas e 25 minutos, a lancha reapparece, mas quasi logo some-se na escuridão da noite, sem que as machinas dessem o menor signal de vida.

A essas horas quasi todos os passageiros tinhão-se recolhido aos seus camarotes, emquanto no convez silencioso só se vião tres homens: dois dormião tranquillamente, o terceiro vigiava. Fôra talvel inutil acrescentar que o terceiro era justamente quem agora vae traçando estas linhas. Lá estava portanto eu sosinho contemplando os dois companheiros a dormirem socegados, completamente alheios aos cuidados da vida. Um era o Commissario de bordo; o outro um negociante d'esta praça chamado Augusto de Oliveira. Foi este o melhor companheiro que tive em minha viagem até Blumenau. Elles dormião e eu, com passo algum tanto concitado, passeava por sobre o convez:

passeava e scismava. Erão dez e quarenta, quando tirei do bolso o meu terço, rezando-o, a par de outras preces, sem suspender o encetado movimento. A Nossa Senhora encommendei então a minha viagem e o futuro incerto que me esperava. N'essa occasião o meu companheiro Oliveira se levantou e, sem proferir palavra, foi procurar no beliche melhor descanço. Erão 11 1/4 e mal tinhão passado 15 minutos, quando o ultimo dos companheiros, seguindo o mesmo caminho, desappareceu silenciosamente. Estava portanto a sós, firme no meu posto, mas como já me sentisse fatigado, assentei-me em um banco, e, recostando-me um pouco, continuei a scismar. Já não havia que duvidar: as esperanças estavão perdidas. Havia cerca de duas horas que estavamos no meio da bahia, e o vapor parecia-nos andar vagarosamente. O movimento da machina electrica muito concorreu para produzir esta illusão. Mais uma vez vi uma lancha avizinhar-se á escada de bordo que se conservava arreada; immediatamente reconheci n'ella a lancha da Companhia. Um leve sopro de esperança levantou de novo o meu espirito acabrunhado. Quem sabe, disse eu, se dentro em pouco não seguiremos? A's 11 horas e 54 minutos a lancha atracava ao *Itaperuna* e, apenas dois minutos depois, destacava-se d'elle, ouvindo eu então uma voz que á nossa equipagem desejava uma *boa viagem*. Minha esperança tornara-se uma realidade: esta era a verdadeira despedida. A embarcação da Agencia ia não muito longe, quando de repente a luz se apagou. Olho instinctamente para o relogio: erão 12 horas! E ahi tem o publico um exemplo frizante da pontualidade da Costeira: 8 horas de atrazo! Atrazo não devido a causas externas mas, segundo ouvi affirmar cathegoricamente, devido exclusivamente á propria Agencia da Companhia. Qual seria o motivo d'esta anormalidade? Entre outros commentarios pouco lisongeiros para a Companhia, affirmava-se que esses atrazos erão ultimamente muito communs na Costeira, por ella tambem andar atrazada de mezes e mezes, no pagamento da feria de seus empregados. Será verdade? Não sei. O certo é que taes commentarios pouco favorecem a Companhia, na qual parece introduzir-se, pouco a pouco, o mal que desabona o pessoal de quasi todas as nossas repartições. Este

mal, como todos sabem, consiste no relaxamento, nas arbitrariedades e no quasi abandono em que muitos empregados publicos deixão o seu posto ou emprego.

Era meia noite! Hora esta que, segundo as singelas e indeleveis narrativas de nossos avós, as almas de alem tumulo escolhem de preferencia para fazer suas apparições aos parentes e amigos sobreviventes. O *Itaperuna*, lá no meio da nossa bahia, jazia no silencio e na escuridão.

Só ouvi, pelo lado da poupa, e por poucos instantes, um desusado e surdo movimento nas aguas, que me fez suppor não longe a existencia de algum monstro desconhecido. N'isso estava ainda a pensar, quando por fim ouvi distinctamente o estrepito das machinas; o ferro foi-se levantando, e o navio, volteando preguiçosamente sobre si mesmo, ia tomar o rumo que lhe cabia seguir.

Muitas vezes, de dia como de noite, contemplára e as bellezas indescriptiveis da nossa bahia, mas nunca achei n'ella tantos encantos como n'essa noite inolvidavel. Vião-se de uma e outra banda milhares e milhares de luzes, que parecião dispostas artisticamente para adornarem os morros e as collinas de Nictheroy e d'esta Capital, communicando, especialmente a esta ultima, uma variedade de vistas que successivamente mudavão e se transformavão. No entretanto seguiamos para a sahida da barra.

A vista ia tornando-se de mais a mais deslumbrante. Sosinho, e de pé no alto do convez, contemplava extatico o magnifico quadro que me circumdava. Após mim deixava a cidade que, de quando em quando, eu me voltava para admirar; de um e outro lado erguião-se, não muito longe, magestosas montanhas, emquanto em minha frente approximava-se sempre mais a fortaleza de Villegaignon, illuminada por seis poderosos phocos de luz electrica. A marcha era regular e, ao passo que o *Itaperuna* progredia em sua derrota, uma especie de edificios phantasticamente illuminados me ferião a vista, parecendo-me, na primeira impressão, mysteriosos palacios,

emquanto, ao approximar-me d'elles, verificava serem navios mercantes ou náos de guerra. A's 12 horas e 20 minutos tinhamos ao nosso lado direito a ilha e fortaleza de Villegaignon cujo consentimento deviamos solicitar. O *Itaperuna* fez a primeira chamada com apitos, queimando em seguida um lindo fogo de Bengala.

Mal se tinha este apagado, da proxima fortaleza retumbou um tiro de peça, acompanhado pelo resplendor vivissimo e fulgurante de um fogo artificial semelhante ao primeiro. Já estavamos com a licença de transpor a barra e, com effeito, o *Itaperuna* accelerando sua marcha, levava-nos rapidamente para o seio do vasto Oceano.

Erão 12 1/2 horas quando, satisfeito pelas rapidas impressões, que muito imperfeitamente acabo de registrar, desci para o meu camarote, que já me sentia fatigado.

Deitei-me contente: e não estava só. Muitos companheiros e amigos ja repousavão tranquillos, pessoas cujas relações de amizade acabava de contrahir n'esse dia.

Continuámos a navegar o resto da noite, todo o domingo e a noite seguinte, chegando a Paranaguá na segunda-feira, ás 11 horas da manhã. D'entre os conhecimentos feitos n'essa travessia, farei ao menos menção dos principaes. Occupa o primeiro logar o senhor Augusto de Oliveira e Silva, negociante d'esta praça na *Praça do Mercado* 171 e 172. Ainda no dia do embarque, a hora do jantar, fomos vizinhos na mesa. Elle em primeiro logar, dirigiu-me a palavra, dizendo que me conhecia de longa data pelos meus escriptos no *Jornal do Brazil*. Acrescentou que teria o prazer de ter-me por companheiro até o ultimo desembarque na cidade de Blumenau. Foi para mim de immenso jubilo encontrar, sem esperal-o, um bom companheiro até o termo da viagem. De todos os conhecimentos este foi o mais intimo, e muito contribuio o senhor com seu genio expansivo e folgazão para quebrar a monotonia do tempo. Foi, como se costuma dizer, um companheirão.

Logo no primeiro dia, me despertou a attenção um vizinho de beliche: era alumno da Escola Militar. Pelas conversas que lhe ouvira, notei que era um jovem affavel e amante do saber. Bem logo travámos relações. Disse-me que era muito sujeito ao enjôo e que receiava não resis-

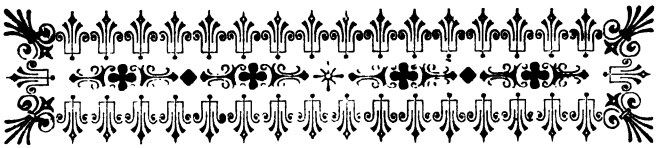
tir a este terrivel e importuno incommodo. Esforcei-me por convencel-o que esse mal é, em grande parte, devido á imaginação, e, para prova, allegava o que commigo mesmo succedera. Muitas vezes eu tinha viajado, acompanhado sempre do mesmo incommodo, que desappareceu de todo desde o principio de minha ultima viagem, feita a bordo do mesmo navio em que agora seguiamos.

O que eu dizia era, com effeito, a pura verdade; mas justamente quando pensava ter convencido o meu companheiro, vi-o descorar rapidamente, retirando-se quasi logo para o camarote com o estomago revolto.

Eu comtudo estava convencido de ter toda a razão. Na ultima viagem que fizera para Santa Catharina, erão horas de jantar exactamente ao transpor da nossa barra, que, como é sabido, costuma ser sempre mais agitada, do que o alto mar. Contra o meu habito de todas as viagens precedentes, resolvi ir á mesa, e, com grande surpresa, jantei satisfactoriamente, e, ao voltar para o convez, já estava firmemente convencido de que o tal enjôo nunca mais me havia de importunar. Para confirmar o poder da imaginação nas pessoas embarcadiças citarei mais um exemplo.

É o testemunho irrefragavel de um outro companheiro da viagem que vou descrevendo. Era um engenheiro francez, empregado na Sorocabana que, com alguns dias de licença, ia visitar a familia residente em Curytiba. O Dr. H. Schewing (assim se chamava) durante o largo decurso de uns trinta annos de officio, fez sete viagens á Europa e Africa, e nada menos de umas quarenta viagens pelas costas do Brazil. Apesar de tão longo navegar, nunca deixou de sentir em suas viagens as consequencias do terrivel incommodo do mar. Asseverou-me que quando determina fazer uma viagem d'essas, oito ou quinze dias antes da partida apparecem-lhe vomitos violentos, como si já estivesse entregue á mercê de encapelladas ondas. E' aliás o que acontece a varias pessoas quando permittem que sua phantasia se detenha a considerar certos remedios que, quando tomados, em outros tempos, lhes causárão a maxima repugnancia. O mencionado engenheiro contaria approximadamente os seus sessenta annos. No que se pode ajuizar dos homens pelo seu exterior, elle era homem recto,

amante da verdade e escrupuloso conservador de sua dignidade. Muito fiquei edificado deprehendendo que era um bom esposo e bom pae: amava sua familia, se assim é permittido dizer, até o excesso. E' raro ver um esposo atirado pela propria sorte de uma para outra parte, e que conserve inalteravel em seu coração este amor sagrado á familia.



CAPITULO II

Paranaguá

Disse, ainda ha pouco, que chegámos a Paranaguá no dia 27 de Outubro, ás 11 horas da manhã. Da bocca da barra até o porto ha cerca de trinta milhas de caminho, que correspondem, mais ou menos, a duas horas de viagem. N'esse porto os vapores não podem approximar-se da terra, por ser o mar muito raso, baixando ferro uma boa meia hora de Paranaguá,

Dos passageiros que ião no *Itaperuna* parece-me que só dois desembarcarão, com o fim de dar um passeio em terra. Antes o não tivessem feito. Eu e o senhor Augusto de Oliveira fomos os unicos a desembarcar. Antes de tudo fomos ao hotel tomar um café. Ahi encontrámos o engenheiro francez almoçando em companhia de sua familia, que viera de Curytiba ao seu encontro. Parece-me que erão dois filhos, uma filha e a esposa. Antes ainda do desembarque, aproveitando sua boa vontade, entreguei-lhe dois grossos volumes da obra interessantissima intitulada *Nel Faese dei Bramini*. Esses dois volumes erão offertados por mim a duas associações catholicas de Curityba que, até hoje, nada infelizmente me communicárão a respeito. Entregara-lhe tambem um requerimento para o senhor Bispo que promptamente me attendeu. Na nova despedida o Dr. Schewing prometteu-me que, na mesma tarde, o proprio filho levaria as encommendas aos seus destinatarios.

Eu e o meu companheiro Oliveira quizemos então percorrer a cidade de Paranaguá. D'esse passeio guardei a mais desagradavel impressão.

O sol conservava-se occulto, mas havia mormaço e sentia-se calor suffocante. A cidade sem movimento, completamente morta, parecia-se com um cemiterio. Não sei devido a que, apoderou-se de mim um cansaço intoleravel. Fomos á estação da Estrada de Ferro e não havia um banco; chegámos a um grande largo, ou melhor, a um vasto campo, em cujo centro avistámos um elegante caramanchão; para lá nos dirigimos, mas baldados esforços de encontrar um assento qualquer! Dirigimo-nos finalmente ao cemiterio para vel-o de perto, e ahi tambem teria sido inutil procurar um logar para um breve descanço. D'ahi deprehende-se que a população de Paranaguá, ou nunca sae de casa, ou é pouco amante das commodidades da vida, e não mais solicita de as offerecer aos seus hospedes e visitantes.

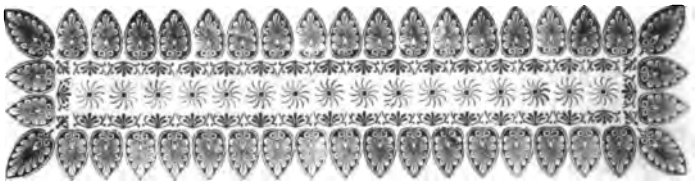
Depois de duas horas de penosissimo andar, voltámos para o já citado hotel. Ahi pedimos uma bebida que não prejudicasse a saude, e o empregado de casa nos fez um *punch* (agua e assucar com aguardente) recusando-se depois a receber qualquer pagamento. E não só nos fez esta generosidade inesperada, mas offereceu-nos uma garrafa da mesma aguardente, que era superior, e de doze annos. Agradecemos-lhe penhorados tanta gentileza. E' agora escusado dizer que com isso elle ganhou mais dois freguezes, quando por ahi tiverem de passar. Antes que nos retirassemos, foi-nos apresentado pelo gerente (o mesmo que nos acabava de servir tão bem) o dono da casa, que é o cosinheiro mór. E' um velho baixo e de côr, jovial e barulhento, que, de avental e mangas arregaçadas, veio comprimentar os novos hospedes, como se de longa data forão conhecidos da casa. Chama-se, creio, Tristão, nome que passou para o mesmo hotel, o qual, se encarado debaixo de certos pontos de vista deixa talvez alguma cousa a desejar, sempre ha de ser procurado pelo bom sabor dos pratos que offerece á sua freguezia. Despedimo-nos, e pelas 3 horas da tarde, estavamos a bordo; ás 4, deviamos partir em demanda da cidade do Desterro.

Se ao chegar a bordo, me senti bem disposto e descançado, attribui tudo ao refresco tomado em terra e ao agradavel passeio de bote. Ahi encontrei os companheiros de viagem anciosos de seguir para o sul.

Entre os passageiros (já conhecidos velhos de 48 horas) havia uma pequena familia que reside no Rio de Janeiro. Erão quatro pessoas: pae, mãe, um menino de oito annos, e uma menina de sete. As crianças erão engraçadas, interessantes e de um desenvolvimento precoce. A menina, chamada Elsa, tinha feito commigo grande camaradagem.

Ao chegar de terra, encontrei-a com o irmãosinho jogando malhas, no qual divertimento, por ser de minha preferencia, entrei como parceiro, divertindo-me devéras até á hora da partida. D'esse passatempo innocente guardei uma lembrança; causámos á Companhia um prejuizo, cahindo-nos ao mar uma das malhas de couro. Mas considerámo-nos sem culpa por as grades não serem mais fechadas.

Erão 4 horas mathematicas quando o *Itaperuna* virava a proa para a barra, com grande satisfação de todos os passageiros. Até ahi acompanhára-nos um vento nord'este, favoravel, portanto, á nossa viagem. Agora, porem, mal acabavamos de transpor a barra, encontramo-nos com um vento sul frio e furioso, a que era quasi impossivel resistir. Para não atrazar a viagem com a coberta do navio, a marinhagem poz todo o convez a descoberto. Todos os passageiros descerão, sem detença, para a sala ou para os camarotes; apenas tres ou quatro ficámos em cima até ás 7 horas da noite. Para mim, como para muitos, o camarote não é logar de repouso, é antes uma prisão ou peior ainda. Essa noite então foi um martyrio. O horrivel calor soffrido em Paranaguá, e o vento gelado supportado á noitinha, por uma boa hora, produzirão em meu organismo um estado febril que me durou toda a noite. Pela madrugada, estava com a garganta bastante atacada, e fiquei bem receioso de que os incommodos se aggravassem. Ao amanhecer avistámos, não longe, a barra de Santa Catharina.



CAPITULO III

Santa Catharina

Erão, mais ou menos, 7 1/2 horas da manhã quando passámos em frente á fortaleza de Santa Cruz. A bahia ou entrada norte de Santa Catharina (não conheço a do sul) formada pelo continente e pela grande ilha em que está edificada Desterro, Capital do Estado, creio ser uma das mais lindas do Brasil. Para quem vae de norte a sul, ao lado direito fica-lhe a terra firme, ao esquerdo, a ilha tambem chamada de Santa Catharina. A prespectiva, de uma e outra banda é magnifica. Ilhas, collinas e montanhas espalhão-se e se levantão por toda a parte matizadas de verde, cobertas de bosques, ou sombreadas de densas mattas, notando-se aqui e acolá, nas alturas menos ingremes, e não as mais elevadas, bonitos pedaços de terra, cuidadosamente cultivada. A Capital fica na ilha e n'uma posição extremamente pittoresca. Antes de se avistar a parte principal da cidade, passa-se pelo estreito, em que a ilha e o continente mais se approximão. Na ilha, bem perto do estreito, ergue-se um morro bastante elevado no qual, pela sombria arborização e pela originalidade dos monumentos, logo se reconhece o cemiterio. Na extremidade opposta da cidade, a pouca distancia do mar, avista-se, tambem no alto de um morro, o Hospital da Misericordia, um dos mais importantes edificios do Desterro, e que ultimamente passou por uma reforma geral. Entre esses dois pontos extremos, o primeiro do norte e o segundo do sul,

acha-se a parte principal e mais antiga da Capital. Atraz da cidade, ergue-se uma cadeia de montanhas, que communicão á Capital um encanto e belleza toda peculiar. Sobre o cume mais alto d'essas montanhas descobre-se de longe uma alta cruz, ahi collocada pela piedade do povo catharinense consagrada, na passagem do seculo, ao Santissimo Salvador.

A's 9 horas da manhã, estavamos no ancoradouro. Ainda não chegára a visita de saude, quando vi approximar-se, em um bote, o meu velho amigo Trajano Leite que vinha receber-me. Feito o desembarque, seguimos para a residencia d'elle, cuja esposa nos preparara um bom almoço. Esse amigo, em cuja casa costumo hospedar-me, é empregado da companhia ingleza do telegrapho submarino e fôra meu condiscipulo, em 1885 no Collegio de Blumenau. E' inutil acrescentar que d'elle recebo sempre agazalho, não só como amigo, mas como se fôra uma pessoa de casa. Não sei como agradecer tanta dedicação, carinho e amizade. Como o almoço estivesse prompto fomos para a mesa.

Não pude infelizmente corresponder ás muitas amabilidades e gentilezas ; continuava em estado febril, não podendo quasi tomar alimento algum. A' noite tratei de cortar o mal com um bom suadouro, no que muito me valeu uma dose da aguardente trazida do Hotel Tristão de Paranaguá.

Passei a noite melhor e já no dia terceiro estava completamente restabelecido. Dei graças a Deus, e de coração, por mais este beneficio. Como ia visitar a meu pae gravemente enfermo e talvez morto (pois tudo eu ignorava) esperava anciosamente o momento da partida para o porto de Itajahy. Um pequeno vapor do Lloyd, cuja carreira é entre Laguna, Desterro, Itajahy e S. Francisco, devia-nos levar ao desejado porto. No dia 28, tinha de seguir para Itajahy, mas erão já 29 do mez, e elle, nada de apparecer. Quando chegaria? Eis ahi um profundo mysterio ! Laguna, onde o *Itapemerim* se achava, é um porto de difficil entrada, e, o que é peior, de mais difficil sahida. Acontece muito a miudo que, mal ahi entra um vapor ou um pequeno barco, as aguas calão, ficando elle encurralado dois ou tres dias, á espera do vento sul, o unico que

das aguas dispõe a seu talante. Occasiões houve de uma embarcação ficar ahi apresada quinze longos dias e até um mez. Laguna é pois um porto que muitos detestão por transtornar de continuo os planos de tantos passageiros e causar ao commercio immensos prejuizos. Devia portanto armar-me de paciencia, e esperar pelo momento suspirado que me parecia distanciar-se sempre mais em vez de se me approximar.

No dia 30 de Outubro, ás 8 1/2 horas da noite, assistia a uma reunião das conferencias de S. Vicente de Paulo, na Matriz, quando ouvi distinctamente um apito que me garantirão ser do *Itapemerim*, o que me causou immenso contentamento. No dia seguinte fui, sem demora, á agencia do Lloyd, á qual o *Itapemerim* pertence, para comprar a passagem. Ahi recommendárão-me de embarcar no mesmo dia, antes das 9 horas da noite. Fiquei ainda mais satisfeito por saber que os vapores d'essa carreira, costumavão levantar ferro a meia noite e chegar ás 6 horas em Itajahy, onde sempre se encontra um vaporzinho prompto para levar os passageiros até Blumenau. E assim, no mesmo dia primeiro de Novembro, chegaria ao ponto final de minha navegação.

Erão 8 1/2 horas da noite de 31 de Outubro, quando cheguei, em companhia de alguns amigos, á pequena ponte provisoria que une o trapiche do Lloyd ao mencionado vapor. Aqui nos esperava uma surpresa muito desagradavel. Um empregado de bordo communicou-nos do convez que ninguem podia embarcar áquella hora, e que os passageiros devião apresentar-se no dia seguinte, ás 6 horas da manhã. Havia, entre outros, junto de nós, uma familia com duas ou tres crianças, que já tinha a bordo tudo que lhe pertencia, roupa, malas e as proprias camas. Pois de nada tambem lhe valerão as justas observações e os rogos para poder passar a noite ahi. O empregado, que cumpria ordens, foi inflexivel, impedindo o embarque a quem quer que fosse. Disse-nos serem essas as ordens terminantes do immediato do vapor.

Esse facto inaudito provocou um clamor de indignação. Com effeito, mesmo que os passageiros não tivessem direito, nenhum prejuizo causarião á Companhia, passando ahi uma noite. Mas elles tinhão direito á dor-

dormida, em virtude das ordens expressas da agencia de se acharem a bordo antes das 9 horas da noite. Pelo que ouvi dizer, a culpa não foi da Agencia, nem do Commandante Souza, homem pontual e correcto, que, n'essa occasião, estava em gozo de licença, por enfermidade. Affirmarão que isso não passou de uma rude e habitual arbitrariedade do immediato, que todos conhecem pela alcunha exquisita de *Badejo*.

Fiquei triste ao presenciar com meus olhos taes irregularidades e desmandos nas barbas da agencia, sem que ella tomasse providencias para castigar os culpados, dando assim uma satisfação ao publico e aos passageiros. Isso deu-me ensejo a que aprendesse cousas que completamente ignorava. Até esse dia eu pensava que todas as Companhias de vapores fossem dirigidas por suas respectivas directorias e pelas agencias dos diversos portos. Estava completamente illudido! Soube então que os commandantes mandão e desmandão a despeito das agencias. Eis um exemplo bem moderno, pois deu-se por aquelles mesmos dias, na cidade do Desterro:

Chegou um navio do Lloyd; eu estava na agencia. Esta, por agglomeração de serviço, marcára para o meio dia, a partida do vapor. O commandante não esteve de accordo, marcou ás 10 horas e a sua palavra se cumpriu. Isso me escandalizou muito, mas os amigos disserão-me que é o que se dá diariamente.

Veja-se a que ponto chegámos! Sobre isto remetti immediatamente um protesto para o *Jornal do Brasil*, chamando a attenção da Directoria. Esse protesto enviei-o, com mais umas quatro ou cinco cartas, para um amigo do Rio, tudo em um pacote registrado. Pois bem, depois de dois annos e tanto, o tal pacote ainda não chegou ao seu destino! Cousa analoga succedera-me tres annos antes. Pelo telegrapho nacional, mandei do Desterro um telegramma para outro amigo do Rio. Cinco annos já se passarão, e o pobre do telegramma ainda está em viagem! E' o caso de se dizer, uma e muitas vezes: *Para quem appellar?*

O *Itapemerim*, que ás 6 horas devia sahir do porto, só ás 7 horas e 40 minutos começou a se mecher, e isto, segundo ouvi dizer, por culpa do immediato. Tudo estava

prompto ; e perguntei então a um marinheiro : Porque não partimos já? Respondeu-me : o immediato ainda está em terra. E d'esta forma foi elle mais uma vez causa de um grave incommodo dos passageiros, que tiverão de madrugar e fazer tudo precipitadamente, para depois ficarem duas longas horas esperando resignadamente pela sahida.

CAPITULO IV

De viagem para Itajahy

A's 8 horas, por fim, o *Itapemerim* começava a andar, e nós davamos o ultimo adeus á pacata cidade de Santa Catharina.

Tomámos rumo para o Norte, em direcção ao porto de Itajahy. Essa viagem, que um vapor de marcha regular faz no espaço maximo de cinco a seis horas, dura não menos de 9 horas no *Itapemerim* que, como é costume dizer-se, é uma verdadeira carroça.

Erão quasi 4 1/2 horas quando transpunhamos a estreita e difficil barra do Itajahy, barra cuja vista despertava em minh'alma tantas saudades.

A's 5 horas, estavamos promptos para o desembarque. A primeira pessoa conhecida que vi em terra foi o bom amigo Joca Brandão, filho do meu velho amigo Manoel Marques Brandão, proprietario n'aquella cidade. Finalmente, já estava desembarcado, quando avistei com grande contentamento o dedicado e grande amigo Angelo Rodi que, apesar do rheumatismo que o acabrunhava, vinha ao meu encontro para me levar, como de costume, á sua residencia. E' excusado fallar no affectuoso agazalho que me é sempre prodigalizado por essa familia genuinamente christã. A esposa do senhor Angelo Rodi é uma senhora mui piedosa, a qual com o seu exemplo insinua, nos que a conhecem e se lhe approximão, o amor á virtude e os mais elevados sentimentos de fé. Poucos momentos depois de minha chegada soube que no dia seguinte (2 de

Novembro) seguia para Blumenau o pequeno *Jahn* um dos tres vaporezinhos dessa pequena companhia de navegação fluvial.

Erão 7 horas da manhã, quando o *Jahn* dava ultimo signal de partida. A viagem entre Itajahy e Blumenau é uma das mais encantadoras e amenas que eu conheço. A navegação é feita pelo rio Itajahy que até Blumenau tem a distancia de 53 kilometros. N'esse dia, suas aguas erão amarellas, signal certo de enchente, ou, como muito bem dizem os marinheiros e habitantes de Itajahy, *o rio trazia agua do monte*. A viagem, por conseguinte, devia ser mais vagarosa, por causa da maior violencia do movimento das aguas. O rio não é muito largo, e por isso torna-se mais attrahente, ostentando de perto aos passageiros suas ribanceiras eternamente verdes. Nos lados direitos e esquerdo, á altura de poucos metros, estendem-se ferteis planicies, cultivadas por lavradores, ou reduzidas a pastos, cuidadosamente tratados pelos criadores de gado. Na distancia de cem ou poucas centenas de metros, erguem-se outeiros e montanhas, vestidas até os cumes de densas florestas. N'esse longo percurso de mais de cincoenta kilometros succedem-se as vistas de mil formas differentes. Desce o rio, com marcha mais ou menos regular, tortuoso e lento, abrindo caminho pelas planicies, serpeando em derredor dos morros, apertando-se mais ao passar entre angustas gargantas, deixando por fim, apos si mattos, capoeiras, pastagens, habitações e choupanas, para, de instante em instante, tornar a ver os mesmos quadros, mas com differentes aspectos. Passão assim rapidamente os momentos e as horas d'esse passeio cheio de encantos.

E' costume munirem-se os passageiros, antes do embarque, de algum alimento, como no Rio costumamos fazer, quando vamos a um pic-nic. Julguei prudente seguir o exemplo dos mais experimentados e praticos. O meu bom Basilio, que costuma acompanhar-me de Santa Catharina até a colonia de Blumenau, preparou uma boa gallinha com farofa, offerecida generosamente pela generosa D. Anna Rodi. A bordo me encontrei com o velho camarada Augusto de Oliveira, que desejava anciosamente ver pela primeira vez a cidade de Blumenau. O vapor em que seguiamos, era uma embarcação minuscula. Mediria

uns dez metros de comprimento, e não mais de tres ou tres e meio em sua largura maxima. Eramos uns doze ou quinze passageiros, e já estava litteralmente cheio! Nunca, talvez, em seus quinze ou mais annos de existencia andou tão apinhado. A razão d'isso é que o *Jahn* foi construido exclusivamente para levar cargas, ou rebocar barcos cheios de mercadorias. Erão 9 1/2 horas, e já o apetite, ou melhor, uma fome devoradora nos apertava. A manhã tinha estado fresca, e uma purissima viração matinal produzira o effeito do melhor dos aperitivos. Tratámos pois de apromptar o necessario para a refeição. O difficil era encontrar um logar, que, apesar de o não ser, fizesse ás vezes de mesa, Alguem teve a feliz idea de nos levar para a proa do *Jahn*; seguimol-o sem demora. Nem havia perigo que algum dos companheiros do grupo improvisado puzesse a proposta em discussão... A parte elevada que servia de mesa tinha a superficie de quasi um metro quadrado, Ahi collocámos tudo que possuiamos para tal fim, e, todos de pé, em roda da *mesa*, puzemo-nos a comer. Eramos cinco ou seis companheiros, de sorte que, o que um não podia fornecer, o outro tinha em abundancia.

Havia pão com manteiga, bom queijo e carne assada a fartar; mas, modestia a parte, a gallinha assada com farofa foi um verdadeiro petisco. Porem não foi tudo, que o amigo Oliveira apresentou na mesa, para complemento do *banquete*, tres garrafas de vinho de uva superior que acabava de receber de presente do conceituado e muito estimado negociante de Itajahy, o senhor Asseburgo. Em poucas palavras, esse almoço, ao ar livre, consumado admiravelmente, não com talheres bem areados, mas simplesmente, como cá dizemos em linguagem de casa, *a unhas e dentes*, foi um verdadeiro banquete principesco. Havia longo tempo que eu não comia com tanta satisfação.

Era 2 de Novembro de 1902, anno esse que nos ultimos não teve egual na intensidade e duração do calor, pois sentiu-se de um modo extraordinario em todos os pontos do Brasil. A' medida que o sol caminhava para o seu zenith, de tal forma inflammava de mais a mais a atmosphera, que, por volta das 11 horas para o meio dia, o calor era tão forte que aqui no Rio de Janeiro, raras vezes e tavez nunca, o senti tão asphyxiante e afflictivo.

A despeito do continuo movimento do navio e da maior velocidade das ondas contra que navegavamos, a menor aragem não dava signal de vida: em vão se procurava, onde quer que fosse, o minimo refrigerio. Os entendidos annunciarão-nos proxima tempestade. A's 2 horas da tarde chegámos á cidade de Gaspar, principal porto entre Itajahy e Blumenau. Disse principal, porquanto não é o unico. Esses diversos portos são comtudo mui curiosos e originaes.

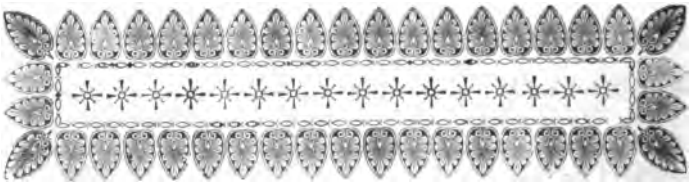
Surprehende-nos, muito de frequente, o apito do pequeno vapor que, sem mais nem menos, se encaminha para uma das margens, dirigindo-se para um ponto qualquer, unido por um trilho a uma proxima casa ou palhoça. Um dos empregados de bordo atira para terra um pequeno cabo, que immediatamente é apanhado por um homem ou rapaz, que está á espera, e então, com a maior presteza, os empregados collocão uma taboa, que serve de ponte para desembarque de um sacco ou de outro volume e mesmo de algum passageiro. O mais engraçado é quando o porto improvisado serve apenas de correio particular: ouve-se um apito, o navio se approxima uns dois metros da terra, sem parar, emquanto um empregado, ou mesmo o chefe, arremessa a encommenda para junto de seu destinatario. O pequeno embrulho consiste em uma ou duas cartas amarradas n'um pedaço de páo do tamanho de um palmo. Foi-me dito que todos esses privilegiados são accionistas da pequena Companhia, que tem tres pequenos vapores e alguns barcos; e quando não sejão, contribuem com um tanto annualmente em troca de taes favores. Essas pequenas paradas não aborrecem a ninguem por serem rapidas, e tornarem a viajem mais divertida. Em Gaspar, demorámo-nos uns 15 minutos. Em quanto uns forão ver a proxima cidade, outros ficámos sobre a relva da margem direita do rio. Ahi começa uma encosta bastante ingreme, a qual se levanta acima do leito do Itajahy talvez uns cincoenta metros. No alto d'essa elevação começão as casas da cidadesinha, plana, mas, como se vê, bastante elevada, e fóra de qualquer perigo de inundações.

O céo começou a escurecer, emquanto do lado de Blumenau, nos ferião de vez em quando a vista raros e longiquos coriscos. Dado mesmo o caso que alguma tem-

pestade tenha de desabar, não é, dizia cá com os meus botões, tão cedo que nos ha de incommodar. Os distanciados relampagos parecião tel-a afastado para bem longe. Enganei-me redondamente. Mal nos tinhamos destacado de terra em demanda de Blumenau que nos accommetteu uma tempestade subita e violenta de aguaceiros, enchotados de continuo pelo impeto de caprichosas ventanias, que nos mortificavão, ora pela frente, ora pelos lados, não permittindo aos marinheiros que, com toldos lateraes apropriados viessem defender-nos a tempo de tão furibundas rajadas. O *Jahn* estava coberto á moda dos nossos bonds do Rio, mas de nada lhe valeu a coberta. Fomos atacados com maior vehemencia do lado esquerdo (vem o ser o lado direito do rio) pelo que nos recolhemos todos do lado opposto abrindo os guarda-chuvas, para em parte nos defendermos da tormenta.

Quando os elementos serenárão, o convez estava todo alagado, nem se sabia onde collocar os pés, ou descançar um pouco, E assim, nesse estado, que comtudo não era dos mais deploraveis, chegámos ás 4 horas da tarde, a Blumenau.

Blumenau é uma cidade pequena, moderna e é sede d'esse florescente municipio que, ha pouco mais de 50 annos, foi fundado por um velho prussiano o qual lhe deixou o proprio nome. Parece incrivel que, no curto espaço de meio seculo aquellas mattas virgens se transformassem no mais prospero municipio de Santa Catharina. Não pretendo fazer o historico d'aquella colonia, hoje municipio de Blumenau ; desejo tão somente offerecer aos meus leitores uma pallida idea da sua transformação.



CAPITULO V

Blumenau

Quando no anno de 1850 o senhor Blumenau chegou áquellas paragens, pouco ou nada encontrou, a não ser talvez (faltão-me os dados necessarios para affirmar com certeza) um certo numero de brazileiros que habitavão as margens do mesmo rio Itajahy. De passagem, farei observar que esses moradores dão uma fraquissima idea, senão errada, do povo brasileiro em geral. Pouco elles se incommodão geralmente fallando com a industria e menos com o commercio ; vivem uma vida quasi nomada, alimentão-se de pesca e de caça afastando-se periodicamente do lar em busca de caças mais abundantes.

Emquanto ao solo fertilissimo que occupão, tirando-se uma ou outra plantação de canna, pouco ou nada se vê de cultivado, a não ser em torno de suas pobres choupanas, onde todos costumão plantar um pedacinho de milho, cujas espigas, em tempo opportuno, antes de maduras, são colhidas, assadas sobre as brasas e comidas como raro e precioso manjar. No mais possuem elles qualidades communs ao resto dos brasileiros, não devendo omittir a affabilidade e delicadeza, qualidades que incontestavelmente distinguem este povo de qualquer outro. A disposição topographica d'esses vastos territorios era a melhor possivel para a colonização. São bacias mais ou menos parallelas formadas por diversos rios de maior ou menor grandeza, sendo que os menores desembocão nos maiores, e estes

lação suas aguas no maior do municipio que é o proprio Itajahy. Essas bacias são planicies da largura media de um a dois kilometros. Essas planicies são ladeadas por cadeias de altas serras, cobertas até os cimos de soberbas florestas. O systema de colonização foi, como a pouco acabei de dizer, favorecido pelo solo. Cada colono recebia do governo um lote de terra (matta virgem) com duzentos metros de frente e mil de fundo.

O engenheiro encarregado de dividir as terras, examinava antes de tudo o que lhe cabia fazer. O rio era de ordinario seu guia predilecto. Se do leito de um rio até o pé da serra, só houvesse umas centenas, ou mesmo mil metros pouco mais ou menos de distancia, abria uma picada por entre aquellas selvas sombrias, nunca se afastando do leito do rio. D'esta forma, ficava uma serie simples de lotes ou colonias, e isto pode ser comparado a uma rua junto á praia do mar, ficando de um lado as casas, do outro o Oceano. Se pelo contrario a extensão era notavelmente maior, n'este caso o engenheiro abria a picada a uns mil metros mais ou menos de distancia do rio. E' facil de ver-se que essa distancia era muito relativa, descendo muitas vezes abaixo de quinhentos metros, outras subindo até cerca de dois mil. Os lotes que ficavão do lado da serra não podião ultrapassar os mil metros.

Os colonos forão durante alguns annos favorecidos pela imigração completamente gratuita. Logo que chegavão a Blumenau erão auxiliados nos primeiros mezes, embora com quantias mui reduzidas. Recebião, alem d'isso, cincoenta mil reis para construcção de uma cabana no proprio terreno. Cada qual procurava tomar posse, quanto antes de sua bella propriedade. Todos erão animados pelo mesmo pensamento : amor ao trabalho.

As familias permanecião por alguns mezes na séde da colonia, hoje cidade de Blumenau. Os paes de familias e os filhos já homens partião, em pequenos grupos, todos munidos de foices e machados, encaminhando-se para seus respectivos terrenos, que a principio ficavão na vizinhança e mais tarde forão-se afastando vinte, trinta e mesmo acima de cincoenta ou sessenta kilometros. Chegando os differentes grupos ao seu destino, escolhião um ponto commodo para todos, ahi levantavão de improviso

um barracão, e em cada lote, junto á picada, já se sabe, fazião uma pequena derrubada. A seu tempo fazião a queimada, semeavão os cereaes mais indispensaveis para sua propria subsistencia, e, depois de vencidas as difficuldades dos primeiros mezes e de se approximar o tempo da colheita, tratava cada qual de trazer para junto de si, na propria choupana, (que a este tempo já não convivião mais no barracão, como a principio erão obrigados pela necessidade) sua familia. Todos então, de commum accordo, cuidavão não só na lavoura, mas em ter tambem sua criação, trabalhando todos satisfeitissimos, como homens livres que erão, n'aquellas paragens solitarias que ião tomar vida apoz tantos seculos de mudez e inalteravel silencio. E' difficil aquilatar a vehemencia dos sentimentos que então experimentára esse povo laborioso que, depois de ter deixado para sempre a terra natal, com um doloroso adeus, e depois dos inevitaveis soffrimentos e privações de uma longa viagem, via-se em um novo paiz, nova patria adoptiva que o agasalhava com carinho, e que lhe offerecia generosamente terras fertilissimas e abundantes, cujas brenhas escuras o extasiavão e lhe promettião proximo futuro cheio de esperanças. O preço d'essas terras era quasi nullo e só uns vinte e mais annos depois é que começou a cobrança.

Voltemos agora ao assumpto. Reconheço ter-me afastado d'elle, o que fiz com a intenção de dar ao leitor uma idea do processo que lá seguirão para a colonização das terras devolutas.

Os effeitos não se fizerão esperar: forão rapidos e maravilhosos. Muito as cousas mudarão de então para cá. Outro é agora o aspecto d'aquellas paragens as quaes o que perderão em poesia, ganharão em commodidades e no desenvolvimento commercial e industrial. Erão cerca de 4 horas da tarde, como disse a pouco, quando o *Jahn* deu o signal da chegada. Devido a uma rapida curva do rio, o passageiro encontra-se, sem o esperar, em frente da cidade, na distancia de poucas centenas de metros.

O primeiro edificio que depara á vista é a torre da egreja matriz, pequena, mas elegante e de estylo gothico.

O apito do vapor espalha habitualmente no coração dos habitantes de Blumenau um alvoroço de intima ale-

gria. Uns esperão cartas, outros encommendas ou visita de pessoas amigas, de maneira que, n'um abrir e fechar d'olhos, vem descendo de todos os pontos pessoas de differentes edades e condições, o que muitos fazem por simples curiosidade e distracção. Este movimento extraordinario e a presença agradavel dos habitantes de Blumenau, tudo concorre efficazmente para produzir no passageiro, a melhor impressão. De Itajahy tinha telegraphado a um amigo, pedindo-lhe viesse receber-me, não por luxo, senão para que me apresentasse aos Revmos. Padres Franciscanos, em cujo convento costumo hospedar-me. Sabia que já não erão os mesmos que encontrára em minha ultima viagem, e por isso não lhes tinha mandado aviso algum.

Desembarquei, examinei de relance os presentes e tive a decepção de não encontrar entre elles o amigo esperado, o que me poz em certo embaraço. Assim mesmo segui para lá, onde fui recebido de modo que mais uma vez captivarão meu coração esses bons filhos de Francisco de Assis. A essas horas já tinha tido noticia de que meu pae se achava em franca convalescença, o que me tirou do coração um peso que me opprimia.

As saudades comtudo, quanto mais proximo de casa, mais me apertavão : havia mais de tres annos que não via minha familia e os bons amigos que estimo de coração desde a infancia.

O meu primeiro cuidado, na hora do desembarque, foi ajustar um carro, para que, ás 5 horas do dia seguinte, estivesse á porta do convento á minha espera. A noite pareceu-me mais comprida do que nunca ; mas afinal passou.

A's 4 e pouco da madrugada levantei-me. Era uma segunda-feira, tres de Novembro, dia, n'esse anno, consagrado ás almas, pelo que, ás 4 3/4 celebrei a missa de finados. A's 5 1/2 já estava no carro, prompto a partir. Foi nessa occasião que vi approximar-se do carro o amigo, a quem na vespera esperára encontrar ao meu desembarque. Desculpou-se, attribuindo a incommodos a falta commettida, e, para prova, pediu-me que na volta lhe expedisse do Indayal (25 kilometros acima de Blumenau) um telegramma. Vi nesse pedido um excesso de gentileza, agradeci penhoradissimo e prometti satisfazer-lhe o desejo.

Acabada a conversa, que duraria talvez meio minuto, fiz signal ao cocheiro para partir, transmittindo-o elle immediatamente aos quatro cavallos que promptamente obedecerão.

A viagem não era pequena. Cincoenta kilometros de caminho separavão-me da residencia de meu velho pae, o qual ficava em um logar denominado : *Caminho dos Pomeranos*, em Allemão ; *Pomerstrasse*. Esse caminho, ou rua, se quizerem, é habitado de ambos os lados, devendo notar-se que os moradores da esquerda tem, de certo ponto em diante, o rio Cedro fazendo frente com os seus terrenos. Chama-se Pomeranos, porque seus primeiros moradores forão allemães vindos do Pomerania. A essas ruas, que mais propriamente se chamão caminhos, os seus habitantes, de origem italiana,lhes applicão o nome significativo de *valles*, e isso tem sua razão de ser, se attendermos á ligeira descripção que ainda ha pouco fiz a respeito da posição topographica d'esses territorios. Os caminhos são ordinariamente bons. Carros e especialmente carroças os percorrem diariamente em todas as direcções.

A conservação dos caminhos corre por conta dos colonos, obrigados, duas vezes por anno, a limparem e concertarem a frente de seus terrenos, sob pena de serem multados pela camara.

Muitas pessoas conheço que, em um dia, vão a pé, de Pomeranos a Blumenau em dez e mesmo em oito horas. Um carro, sendo bom tempo, pode vencer esses cincoenta kilometros em quatro ou cinco horas. Eu porem não fui tão feliz : tinha chovido bastante, de sorte que a lama, pisada pela continua passagem dos cavallos e carroças, nos atrazou extraordinariamente a marcha. Na pequena povoação do Indayal, ultima agencia do Correio, como tambem ultima estação telegraphica, descançámos uma hora e meia para almoçar. O viajar por aquellas partes é differente do que acontece viajando, por exemplo, pelo Estado do Rio ou Minas.

No municipio de Blumenau, por onde quer que se ande, encontrão-se habitantes, de ordinario, de ambos os lados do caminho. Isso torna a viagem muito divertida, pois a cada instante, se encontra : ora um viajante, ora uma carroça carregada de generos ; emquanto, por toda parte,

se avistão no campo familias inteiras occupadas no cultivo da terra. Os allemães, bons lavradores, são comtudo, mais propensos á criação de gado; os italianos dedicão-se com preferencia á lavoura. Todos elles obtêm, com seus suores, das entranhas da terra, os generos alimenticios necessarios para a propria subsistencia. Entretanto eu continuava o meu caminho, enlevado de continuo por esses quadros singelos e attrahentes. Cada passo que dava trazia-me ao coração novas e doces recordações.

A população do municipio de Blumenau é, em sua quasi totalidade, ou allemã ou italiana, pelo menos na origem. Pode-se comtudo dizer que as pessoas de vinte e cinco ou trinta annos para baixo, todas nascerão no Brasil. Os que vierão da Allemanha creio que quasi todos são prussianos; os chamados italianos não são italianos senão na lingua, sendo quasi todos elles naturaes da Austria isto é, do Tyrol. Na distancia de cerca de hora e meia de casa, comecei a passar por entre moradores italianos, em cujo numero conto as mais intimas e sinceras relações. Sempre que, de visita, passo por lá os que me vêm, não podem deixar-me passar, sem se approximarem do meu carro, cumprimentando-me e tomando-me respeitosamente a benção. Que intima alegria experimento, toda a vez que chego áquelles magicos logares! Apesar dos caminhos ruins e das diversas paradas, cheguei ao fim da viagem ás 2 1/2 horas da tarde. Era esperado, mas alguns dias mais tarde. Encontrei, graças a Deus, todos bons, e meu pae, que tinha estado em perigo de vida, já andava e comia com certa regularidade; emfim, acheio-o enfraquecido, é verdade, mas quasi bom. Descrever agora o regosijo indescriptivel de meu pae, irmãos, irmãs, sobrinhos, parentes e amigos, é cousa impossivel de fazer. Ser-me-hia muito mais difficil descrevel-o do que ao leitor imaginal-o.

CAPITULO VI

O Mestre-Escola

No percurso de Blumenau a Pomeranos encontrei diversos conhecidos e amigos que me puzerão em dia sobre as principaes novidades e acontecimentos que me interessavão. O principal de todos foi-me narrado no momento em que desembarquei do pequeno *Jahn*.

Fiel ao meu programma, que consiste em registrar n'estas poucas paginas as impressões recebidas n'essa ultima viagem, não deixarei de transmittir aos meus leitores esse facto que não deixa de ter um quê de curioso e extravagante.

Existe em Pomeranos um mestre-escola, vindo do norte da Italia ha cêrca de 26 annos. Desde que ahi chegou, apesar de lavrador, nunca deixou de dedicar ao menos uma parcella de seu tempo ao ensino das crianças e da mocidade.

A principio dava aulas nocturnas que eu mesmo por algum tempo frequentei. Pelo voto geral dos paes de familia, aceitou por fim a escola primaria particular, a qual, a despeito dos muitos contratempos e contrariedades, tem consagrado, até hoje, dezesete annos de sua vida. Das doze ou quinze escolas parochiaes pertencentes aos catholicos de lingua italiana, não ha em todo o municipio exemplo de tanta perseverança e dedicação n'este magisterio tão ingrato e tão mal recompensado n'aquelles loga-

res. A esse mestre-escola, que por bastante tempo foi tambem meu mestre dedico amizade profundamente sincera, admirando n'elle predicados verdadeiramente especiaes. Como professor tem um dom inexcedivel. Para com as crianças é de bondade imperdoavel em qualquer outro, porquanto, não obstante as insistentes recommendações de muitos paes de familia, nunca foi capaz de applicar a um de seus pequenos alumnos o menor castigo physico. Qual será o resultado d'esse systema? A resposta ha de, com certeza, suprehender os meus leitores. Não conheço outro exemplo em que as crianças progridão tão rapidamente, como os discipulos d'esse humilde e modestissimo mestre-escola.

Um predicado que n'elle admiro immensamente, é o amor de pae extremoso com que trata as crianças e a fé viva que lhe domina a alma e sabe infundir de modo admiravel n'aquelles corações ternos e innocentes. As mães christãs tão zelosas por lá no formarem o coração de seus filhinhos, lh'os confião com a plena certeza de que elle completará a obra por ellas encetada.

Estou vendo agora que ainda não entrei no assumpto de que prometti occupar-me. Em todo caso, antes tarde do que nunca, diz o dictado.

Elle, como todos nós, tem tambem suas scismas ou manias. Viera da Italia viuvo, trazendo comsigo uma filhinha que, com os annos, ficou moça, desapparecendo porem do numero dos viventes, com immensa dôr de seu pae angustiado! Contava apenas 20 annos de idade.

Era proprietario, professor e lavrador; vivia trabalhando, mas completamente independente, e gosava, como se costuma dizer, de uma saude de ferro, Qualquer outro em identicas condições, teria pensado em casar-se. Elle não foi d'este parecer. O que mais o atemorizava era sem duvida a responsabilidade de nova familia. Longe de ser vicioso, era antes piedosissimo e recebia com frequencia os sacramentos. Aposto comtudo que, si não fosse um lutador, o ponto n'elle mais vulneravel seria o proprio coração. Para norma de sua vida tinha escripto tres sentenças, ou antes tres resoluções que o publico, já havia muitos annos, sabia de cór. O que elle queria dizer com as taes sentenças era que nunca mais havia de casar,

nem ter empregadas em casa, nem deixar a propria casinha que lhe era tão cara. Eis aqui, como elle resumira em palavras laconicas o seu pensamento inabalavel: *Casar não*; *criada, não*; *fóra de casa, não.*

Era pois seu firme proposito não casar. Sabião-no os alumnos, e todos os paes lhe tinhão ouvido dizer o mesmo algumas dezenas, ou centenas de vezes. Mas quem somos nós para (independentemente de um voto eterno cuja violação nos enche de um temor sobrenatural) podermos contar com o mais completo dominio do nosso coração, especialmente nas cousas licitas?

Fronteira ao sitio ou fazendola do alludido professor, morava uma familia com quem, desde o primeiro anno, contrahira as mais intimas relações. Alli costumava frequentemente passar as horas de tedio, nas mais animadas e agradaveis palestras.

Ha poucos annos morreu o pae de familia, deixando a viuva com um filhinho e quatro filhas. Esse novo estado de cousas veio surprehender pouco a pouco a paz inalteravel do nosso quasi anachoreta. Até essa data sua vida fôra muito parecida com a de um cenobita.

Findas as aulas pelo meio dia, consagrava o resto do tempo no cultivo da terra, e mais especialmente no trato de um vinhedo, que fazia, para assim dizer, suas delicias.

No alto de um monte, que ficava em seus terrenos, construira uma capella, consagrando-a a N. S. de Lourdes. A' noitinha, para lá se encaminhava sósinho, levando na mão direita um bastão, e na esquerda uma lanterna, e, prostrado aos pés da Virgem Immaculada, desafogava sua alma piedosa e profundamente christã.

A antiga amizade de que acima fallei, foi tomando, sem que o percebesse, outra feição; não era como d'antes; inquietava-lhe agora o coração. A amizade successivamente se foi transformando em sympathia, amor, e mesmo em paixão que lhe não era mais possivel occultar. O ponto engraçado foi que ainda tentou, por algum tempo, resistir a si mesmo, não querendo dar-se por vencido, e sustentando a nota que não pretendia nem queria casar-se. Ultimo mas inutil esforço de uma vontade abalada. Quanto mais procurava apparentar indifferença no caso, tanto mais lhe ia o publico descobrindo o fraco. Deu-se o que era inevitavel

e succede a todos os namorados cautelosos e prudentes : elle pensava piamente que, do pouco que havia, o publico não conhecia a centesima parte ; este, pelo contrario lhe attribuia impiedosamente cem vezes mais que a propria realidade. E' difficil imaginar o vivo interesse e o alvoroto do povo por esse caso em que só os dois interessados devião occupar-se. O alludido mestre era homem de bem, e pode-se affirmar que elle só, tinha instruido e educado a mocidade dos ultimos 25 annos. Todos portanto o estimavão e tomavão o maior interesse por tudo que lhe acontecia. Apesar de suas affirmações em contrario, o publico tinha como certo que brevemente assistiria ás segundas nupcias do querido mestre.

Já ninguem se lembrava, nem fazia caso de sua triplice resolução que até ahi parecia inexpugnavel. Como continuasse a insistir em suas negativas, o publico presentiu n'elle a intenção de os illudir a todos, por isso redobrarão de vigilancia, pois não podião admittir que se desse com um homem tão popular um tal acontecimento sem que fosse devidamente festejado. Ficarão, pois, todos de sobre aviso.

Existe um costume entre os moradores d'aquelles logares, oriundos de italianos, e mesmo, creio, de allemães, de festejarem de um modo muito original o casamento de um viuvo, embora uma das partes nunca se tivesse casado. Eis ahi por certo a principal causa do empenho que havia de occultar o casamento em questão.

Um casamento de viuvos é, para a mocidade, e até para muitos casados, um acontecimento e uma verdadeira folia. Ajuntão-se em grande numero na noite em que se realiza o casamento, collocão-se em frente da residencia dos recem casados, e então começão a executar uma musica originalissima em que, para ser mestre e muito applaudido, não ha necessidade de ensaio. Cada qual leva o instrumento que mais lhe agradar pois, por muito desafinado que seja, no fim de contas sempre dá certo. Os instrumentos mais usados são : campainhas, chifres furados, e panellas quebradas. O instrumento, comtudo que mais concorre para animar o *grandioso* espetaculo, sendo o preferido por uma boa parte dos *musicos*, talvez por sua sonoridade *doce* e *suave*, são as latas de kerozene. Calcu-

le-se agora toda essa diversidade de instrumentos tocados com todo o fervor, durante horas inteiras, por trinta, ou quarenta e mais rapazes, que pandemonium hão de produzir! Se o recem casado, depois de algumas horas de tão *penoso trabalho*, em signal de gratidão e recompensa, os convidar amavelmente para sua casa, e lhes offerecer um copo de vinho, uma chicara de café, ou mesmo um simples calix de aguardente, tudo termina depressa e com a maior satisfação de todos, Se, pelo contrario, o festejado, por teimoso, não quizer praticar esta pequena delicadeza, n'este caso as harmonias recomeção e prolongão-se indefinidamente em dias subsequentes. Para provar, apresentarei um facto que não pertence á antiguidade.

Menos de um anno antes que eu lá chegasse, um meu vizinho viuvo casara-se com uma das filhas (solteira) da viuva hoje em questão, mas entendeu que era desaforo fazer a vontade aos malucos, e ficou firme no proposito de nada lhes offerecer. Na primeira noite, *apreciou a musica* até madrugada; na segunda, na terceira e quarta, da mesma forma. Vendo que a cousa não acabava, quiz pregar em todos uma peça, illudindo-os. Retirava-se á noitinha pelos fundos da casa, e, por uma picada secreta, em companhia da esposa, sahião da picada para o caminho principal a uma distancia de cento e cincoenta ou duzentos metros de casa, sem serem percebidos por ninguem. D'ahi seguião para a casa da sogra, que ficava a poucos minutos de distancia, e só voltavão para a propria residencia quando a *musica* tinha completamente cessado. Essa astucia valheu-lhes poucas noites de descanço. Não sei por que meios, os finorios descobrirão a tramoia. Que fizerão elles? Começavão todas as noites invariavelmente a execução de suas *peças* na citada residencia. Ahi trabalhavão conscienciosamente por algum tempo; encaminhavão-se em seguida para a residencia da sogra, e alli, continuando no seu trabalho, esperavão com a maior paciencia que os recem-casados voltassem de novo para sua morada. A rapaziada então punha-se respeitosamente em ordem, deixava que o casal fosse na frente, em seguida punha-se em movimento, acompanhava-os, sem a menor injuria, enchendo-lhes porem os ouvidos com o estridor de seus instrumentos.

O bom do meu vizinho foi valente ; supportou essa *estrondosa manifestação de apreço* durante um mez inteiro. Afinal foi forçado a ceder. Offereceu-lhes amavelmente uma chicara de café, e todos voltarão satisfeitissimos para suas casas, para descançarem de vez de tantas fadigas. Dito isto, tornemos ao mestre escola.

O tempo passava sem novidades, quando um pequeno incidente veio precipitar os acontecimentos. Tres sacerdotes ou missionarios, que não residião no lugar, vierão para passar ahi uns dias, pregando uma missão. No segundo ou terceiro dia, correu voz entre o povo que o mestre escola se tinha casado occultamente, conseguindo illudir os mais espertos interessados. Foi um alvoroto geral, e sem demora os manifestantes resolveram festejar segundo os costumes tradicionaes tão grande acontecimento. Puzerão-se a pouca distancia da habitação dos *recem casados*, dando immediatamente principio a um pandemonium indescriptivel, que durou tres noites consecutivas, porquanto o festejado não se mostrou disposto a lhes agradecer a gentileza.

Creio que os manifestantes ficarião de cabellos brancos se esperassem que espontaneamente os convidasse. O meu bom mestre, que aliás tem um coração de ouro, não pode, parece-me, collocar-se em primeiro lugar na pratica impeccavel da virtude da paciencia. Nem soube, ao menos disfarçar o incommodo que aquillo lhe causava. Metteu-se-lhe na cabeça, o que muito aggravou seu estado nervoso, que o que se fazia não era uma simples troça, senão um insulto grave e proposital dos alumnos de outr'ora ao seu antigo e bondoso mestre. Ainda hoje não ha quem lhe possa persuadir o contrario.

Domina incessantemente n'aquella phantasia a impressão terrivel d'essas noites memoraveis. Elle não é mais aquelle espirito alegre e bem fallante que, durante horas inteiras, entretinha a mais amena e animada conversa. Não é expansivo, como dantes : anda fugido, melancolico e todo macambuzio. Mas ainda não acabou a historia.

O quarto dia era precisamente o estabelecido, em segredo, para o tão fallado casamento, que devia ter logar na Capella da Immaculada Conceição, afastada da casa d'elle cerca de tres kilometros.

Em conformidade ao preceito da Egreja, tão boa e previdente em tudo que nos ordena, o casamento effectuou-se de manhã, por occasião da missa. A essas horas, os *musicos* já estavão prevenidos. Da Capella para a rua principal havia tres caminhos, e em cada um d'elles postára-se um numeroso grupo de manifestantes, munidos da mais variada e extravagante instrumentação, incançaveis no cumprimento de sua nobre missão. Passado esse primeiro perigo ou suplicio, os esposos forão seguindo caminho, quando souberão que a meia distancia de casa, no centro de uma encruzilhada, junto da qual se acha construida a capella de Nossa Senhora das Dores, outro grupo numeroso esperava por elles para recebel-os estrondosamente. Os conjuges achárão uma sahida d'esse novo aperto, embrenhando-se em uma mata virgem, indo por uma picada, até á propria residencia. Mal chegou a noite, e já uns quarenta ou cincoenta, entre homens e rapazes, estavão a postos rompendo de improviso n'uma imponente manifestação.

Esqueceu-me dizer que, nas noites precedentes, o festejado noivo deixara escapar da bocca uma expressão algum tanto pesada, cousa aliás muito natural em seu estado de summa excitação. Os rapazes resentirão-se com isso, e não deixavão de tambem ter sua razão, pois no que fazião, não havia a menor intenção de o offender.

Na noite do casamento, mesmo sem espontaneidade, foi-lhes offerecido café, mas por causa do incidente havido, recusarão-no categoricamente. Após tres longas horas de indizivel balburdia, destacou-se do numeroso grupo uma commissão de tres, que forão apresentar-se com todas as formalidades ao mestre-escola a quem communicarão a seguinte resolução tomada pelos companheiros: que elle devia ou pagar-lhes a cerveja, ou ter que *apreciar* aquella manifestação todas as noites durante tres mezes. Estava na escolha d'elle. E' facil advinhar a resposta. Entrárão em accôrdo, e a rapaziada generosa deu-se por satisfeita com dez mil reis de cerveja superior, isto é, *cerveja marca barbante*!

E ahi temos o desfecho d'esse acontecimento original com certeza para muitos, facto em si natural e insignificante, e só gravissimo na imaginação impressionada do

meu bom ex-mestre, a quem quero tanto bem como a uma pessoa imtima de casa.

Antes de fechar o presente capitulo relatarei mais um incidente que vem muito a proposito.

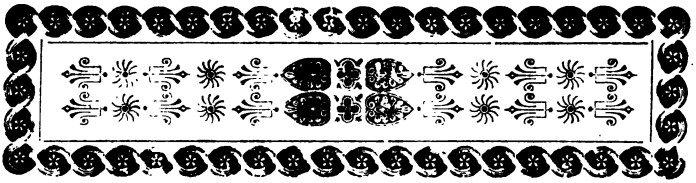
Uma tardinha, após o jantar, sahi, como de costume, para dar um passeio a pé. Encontrei meu ex-mestre, que residia perto, na rua em frente aos seus terrenos. Trazia nas mãos uma grande foice, com que ia cortando um capim crescido nos lados do caminho. Começámos a conversar, e a conversa cahiu insensivelmente sobre os *tristes* factos do dia 8 de setembro. Esse foi o dia de seu casamento. A uns dois metros longe de nós, vi e chamei a attenção d'elle para uma lata de kerozene em estado deploravel. Affirmou-me com profunda magoa que aquillo fôra um dos tantos instrumentos das noites da horrivel bacchanal. Contou-me então, passando de conversa a conversa, que na noite do dia 8, emquanto da rua uma barulhada infernal e ensurdecedora, *apesar de muito paciente*, lhe provocava impetos de impaciencia e desespero, bateu-lhe á porta um joven dos seus vinte annos, o qual, poucos mezes antes tinha sido em pregado d'elle. Declarou-lhe que se achava extenuado de cansaço e de fome. Não era necessario pedir duas vezes. Com o maior carinho foi acolhido e em cima de tudo offereceu-se-lhe uma boa e lauta refeição. Qual porem não foi o seu pasmo quando o hospede, tão bem tratado e alimentado, despediu-se, e,em vez de continuar o seu caminho, metteu-se no meio do grupo manifestante, e, tomando uma panella rachada, começou a tocar n'ella com um furor sem egual!

No modo de pensar do meu bom mestre poucos factos na historia registrão exemplos de mais negra ingratidão.

Contou-me na mesma occasião um outro caso: este é mais irritante. Um dos manifestantes foi e não foi coherente com os seus companheiros. Era um d'aquelles a quem bem cabe o honorifico titulo de *Doutor Laranginha*. Eis como elle procedia. Trabalhava e *tocava* durante trinta e até quarenta minutos consecutivos; vinha-lhe o cansaço e mais do quetudo vinha-lhe a *sêde*. Tinha direito ao repouso e repousava deveras. O instrumento que tocava era um grande chifre de boi que fazia as vezes de trombone

colossal. Produzia taes urros que se ouvião perfeitamente a mais de meia legua de distancia. Deixava por alguns momentos o *trombone* em um canto, ia resoluto bater á porta do recem-casado, entrava, assentava-se a uma meza, molhava a garganta com alguns goles de paraty superior, e em seguida, mais animado de que nunca, voltava para seu posto de honra, onde era recebido pelos collegas com uma grande salva de palmas. Onde jamais se viu tanta ousadia em um simples mortal!

Ao terminar sua narrativa fremia de horror a victima d'esses *desatinos*.



CAPITULO VII

Pomeranos

Não sei qual o juizo que o publico possa fazer do capitulo precedente. Se é provavel que muitos o tenhão achado soffrivel, não duvido que outros tenhão-no julgado severamente, como cheio de inanidades e mesmo de cousas ridiculas. Não é meu intuito contradizer a este ou áquelle, mas não deixarei passar o ensejo sem que me defenda d'estas ou de outras possiveis objecções. O meu unico plano é transmittir ao leitor, com a maior fidelidade, as minhas impressões, sem a minima parcialidade para com amigos ou inimigos, se os houver Ora, o curioso facto do *mestre escola* foi o que mais me impressionou, e innumeras vezes tem concorido, nos dois mezes que por lá andei para quebrar a monotonia. Do mestre escola sou amicissimo desde longa data mas nem por isso penso que minha penna se deva deter vacillante ou embaraçada em referencia a um homem que reputo aliás homem de bem, coração nobre e figura extremamente sympathica

Muitas outras peripecias teria de narrar, intimamente ligados a esse caso, mas tornar-me-hia muito extenso: basta pois o que até aqui deixo exposto.

Desde o dia 3 de Novembro achava-me em Pomeranos, no seio de minha familia, a quem sempre tenho estremecido. Minha mãe ha já 11 annos não existe! Tenho porem pae, irmãos e irmãs solteiras e casadas. D'esta vez fiz, como sempre costumava fazer em minhas visitas pre-

cedentes. E' pois conveniente que diga alguma cousa sobre o modo de passar o tempo n'aquelles logares.

Antes de chegar á residencia do meu pae cerca de um quarto de hora, encontra-se n'uma encruzilhada uma capella á qual conservo, desde a infancia, a mais sincera affeição. Haverá uns vinte annos que está acabada. Foi construida a expensas e com o trabalho pessoal de umas quarenta familias da redondeza. Amo com predilecção essa capella, pela simples razão de n'ella haver tambem o fructo dos meus suores.

Eu era ainda menino quando, em dias determinados, me ajuntava a muitos outros companheiros, e então, acompanhados por muitos paes, iamos trabalhar no preparo dos materiaes, carregando com elles até o ponto da almejada construcção. Esse trabalho espontaneo era para nós um divertimento, uma folia, um verdadeiro delirio. Conservo d'essas horas saudosas uma indelevel recordação. Eis porque a capella de N. S. das Dores, (que assim é chamada) é a da minha preferencia para todos os actos, todas as vezes que vou até lá, para matar as saudades do lar.

N'essa capella, pobresinha como as demais, ha uma linda imagem em vulto de *cartão pierre* de Nossa Senhora da Piedade; é a mais bella que possue o vasto municipio de Blumenau. Um unico e simples colono, que vive de seus suores e dos de sua propria familia, foi quem fez tão generoso donativo. Chama-se elle Jacintho Dalmonico, e bem merece que seu nome fique registrado, pois parece até incrivel que um homem de condição tão humilde despendesse para aquisição d'esse objecto precioso quantia superior a um conto de reis!

N'essa capella pois celebrava eu não só aos domingos, mas tambem nas quartas e sabbados. Nos dias uteis celebrava ás 7 horas, confessando as pessoas que se apresentassem. A missa dos domingos era ás 9 1/2 horas, havendo sermão ao Evangelho.

Sempre que vou a Pomeranos, costumo formar um côro de cantoras que consta de meninas, moças, senhoras casadas e mesmo alguns paes de familias mais amantes da musica.

Os rapazes (por toda a parte são os mesmos) parecem-se um pouco com os de cá: o respeito humano é o tyranno cruel que immola sobre seus altares jovens dotados das melhores qualidades! Na missa conventual são entoados diversos hymnos que, pela suave naturalidade das vozes, enlevão a alma dos assistentes para cima das miserias da terra.

Já fiz observar em outra parte que a mocidade do municipio de Blumenau é toda brasileira de nascimento. Deve-se comtudo dizer que, conforme a origem dos paes, conservão aquelles jovens as mesmas inclinações e os mesmos dotes naturaes. Assim os filhos de italiano ou de origem italiana manifestam, mas de modo irresistivel, grande tendencia e verdadeiro amor á arte musical. Para prova, direi que mais de uma vez tenho ouvido crianças de dois ou tres annos de edade cantarem com a maior precisão bellissimas melodias e, o que é quasi inacreditavel, formarem lindos duetos.

Os domingos e dias santos erão para mim os mais occupados e ao mesmo tempo divertidos. Depois do meio dia, havia sempre um ensaio geral em minha residencia, ensaio que durava até ás quatro horas da tarde. Ensaiar, especialmente sem harmonium, é trabalho ingrato e penoso. Sentia comtudo n'esses trabalhos grande prazer, não só pelo muito que sempre amei a musica, como tambem pela boa vontade e sacrificio que aquellas pessoas fazião para aprender. Ao ensaio assistião em grande numero pessoas de todas edades, especialmente os paes e parentes dos que vinhão cantar.

Guardei, e sei que todos guardão, as mais vivas saudades d'essas horas de trabalho e doce entretenimento.

Já estavamos em fins de Novembro e a festa da Immaculada Conceição se approximava. Para que tão grande dia fosse dignamente commemorado por minhas cantoras, ensinei-lhes um hymno á Virgem Immaculada. Isso deu occasião a um facto que não deixarei de relatar aos meus leitores. Já disse ha pouco que a capella de N. S. das Dores se acha n'uma encruzilhada.

N'esse ponto, com effeito, de Pomeranos, ao lado esquerdo de quem vae para lá, destaca-se um caminho que

une a capella das Dôres á da Immaculada Conceição, na distancia de um quarto de legua.

A Capella da Conceição acha-se collocada no outro lado do rio Cedro, em cima de um outeiro. Melhor posição não poderia haver. E' inutil dizer que ella foi edificada a expensas dos moradores do *valle rio Cedro*, que para levar a effeito esse emprehendimento não hesitarão em submetter-se a enormes sacrificios. No mesmo dia do anno precedente, depois de fechada e coberta, tinha sido inaugurada com uma concurrencia sem exemplo. Essa capella, quando estiver de todo acabada, será a primeira de todo o municipio.

Em tamanho é maior que a matriz de Blumenau. Quem vê fica assombrado de como um grupo reduzido de trinta ou quarenta lavradores, sem fortuna, ousassem erguer aquelle templo, penhor incontestavel de sua fé á Virgem Immaculada. Em compensação de tão grandes sacrificios, recebem todos os domingos e dias santificados a visita de um sacerdote que vem aos sabbados e parte nas segundas-feiras de manhã, fazendo uma viagem de 30 e mais kilometros, haja o tempo que houver, e isto sem o minimo interesse! Costuma-se dizer que, para ser apreciado, não ha como vender-se caro. E' o caso que muitas vezes chega o pobre do padre, sosinho e cançado da viagem, sem encontrar de prompto quem lhe tome o animal e lhe offereça com a maior solicitude um refresco ou a alimentação precisa para que recupere as forças perdidas.

Porque motivo em cada sabbado de tarde não se destina uma pessoa unicamente para este fim? Para quem trabalha de graça um pequeno descuido torna-se falta grave digna da mais severa reprehensão. E' o que não sabem fazer esses bons padres Franciscanos, encarregados da administração da freguezia. Na capella, pois, da Immaculada, estava-se preparando uma grande solemnidade. E' certo que, se eu não estivesse presente, teriam da mesma fórma sua missa cantada. Mas encontrando-me eu a pouca distancia, e gozando, desde a infancia, no meio d'aquellas povoações, muitas sympathias, que têm suas origens quasi no berço, combinárão todos de me convidar para cantar a missa solemne e prégar o sermão da festa. N'esse dia a capella das Dores ficaria sem missa, e dessa fórma toda

a população aquem do rio iria engrossar a concurrencia que já não era pequena. E' o que se deu. De ante-mão avisei as cantoras que durante a procissão a realizar-se no rio Cedro, devião cantar uma vez o hymno da Immaculada.

Com grande surpreza notei n'ellas pela primeira vez uma certa reluctancia. Soube então que, de longa data existião rivalidades entre ellas e as do rio Cedro e que estas (cujo côro era bastante inferior ao d'ellas) de fórma alguma tolerarião que abrissem a bocca para cantar no dia da solemnidade que lhes pertencia. Custou-me acreditar em affirmações tão categoricas, em todo o caso garanti-lhes tomar a peito para que um acto tão digno de encomios não soffresse embaraço algum. Animadas pela minha firmeza, prometterão cumprir minhas ordens. Veio o dia da festa, e, na hora aprazada, cheguei ao local da festividade. Combinei com o director do canto, que é tambem o principal fabriqueiro da egreja, sobre a hora em que o côro de Pomeranos devia cantar o hymno preparado, o que transmitti immediatamente á senhora encarregada da direcção do côro. D'ahi a pouco desfilava, no meio do maior recolhimento e respeito, a grandiosa procissão que precede a missa solemne. E eu como celebrante, seguia acolytado por dois filhos de Francisco de Assis. Chegou o momento em que o côro da capella das Dôres devia fazer-se ouvir; mas nada se ouviu; tudo ficou mudo!

Chamei um dos principaes, a quem pedi fôsse avisar as cantoras que era já tempo de fazer o que fôra conbinado. Voltou o portador e disse-me ter cumprido minhas ordens, mas eu nada absolutamente ouvi. Que teria acontecido? depois de um momento de perplexidade, resolvi dar tempo ao tempo, na certeza de que, no mesmo dia, chegaria ao conhecimento de tudo. Acabada a procissão, entrou a missa solemne, e ao Evangelho subi ao pulpito para discorrer sobre o dogma da Immaculada Conceição. O tempo, apezar de uma chuvinha impertinente da vespera, estava muito bom, a festa em seu todo foi grandiosa e brilhante e reaccendeu n'aquellas multidões um sagrado enthusiasmo que não podião occultar.

Após o santo sacrificio da missa veio o almoço, e, este acabado, passei algum tempo em conversa com os

collegas e amigos. Pelas 4 horas havia vesperas ; esperei por ellas.

Devo dizer que o sermão e a missa cantada, tudo fiz espontaneamente de graça, e, ao concluir, tinha intenção de offerecer um pequeno donativo. Antes porém de realizar isto quiz verificar e conhecer a verdade sobre o que succedera por occasião da procissão. Chamei de parte os fabriqueiros da egreja e ao director do canto e pedi informações. explicou-se e convenceu-me que estava completamente innocente no caso.

Visto isso, além do que acabava de fazer, fiz um donativo á capella de vinte mil reis.

Poucos momentos depois deixava o *valle* do rio Cedro, de volta para Pomeranos. Poucos dias após soube com certeza de ter sido enganado pelo director do canto. Se procedeu d'esta fórma, não fez propriamente para illudir-me, e sim para desculpar a propria fraqueza. Fôra combinado que no principio da procissão, logo que o côro dos cantores acabasse de cantar os primeiros versos do seu hymno, entrassem com o hymno da Immaculada as cantoras da capella das Dores.

Assim, com effeito fizeram ; mas as do rio Cedro que estavam perto e que se achavão resolutas a impedir de todos os modos que as outras cantassem, entraram immediatamente com o seu hymno, com o que as de Pomeranos se sentirão offendidas, e não mais quizéram cantar. Devo comtudo dizer, para bem da verdade, que antes d'ellas desistirem pediram ao director do canto que impuzesse ás outras um silencio de poucos minutos ; elle, no emtanto, nada fez, por muita fraqueza, receiando melindrar alguma das meninas ou a seus paes.

Esse facto escandalisou não só aos de Pomeranos, mas aos estranhos, e mesmo aos do rio Cedro. Soube depois que algumas mulheres mães de familia foram as causadoras d'esse caso desagradavel. Duas ou tres d'ellas mães de algumas das cantoras, instigarão nas de todos os modos para que resistissem tenazmente ás suas concurentes. Eis ahi até onde podem levar as paixões não dominadas! No que me dizia respeito, o facto tinha circunstancias muito mais aggravantes.

Além dos meus trabalhos que acabava de prestar, e da esmola offerecida, em diversas outras occasiões tinha feito alguma cousa em beneficio d'aquella capella. Sabia-se além disso que eu era especialmente o offendido por ter ensinado o hymno e ter manifestado claramente o desejo que fosse cantado na procissão. Devia portanto exigir uma reparação. Escrevi aos fabriqueiros declarando que a unica reparação que pedia e admittia era a seguinte: depois que eu partisse para o Rio de Janeiro, o corpo das cantoras de Pomeranos devia ser convidado pelos fabriqueiros a cantar, na missa conventual, na capella da Immaculada, durante um mez inteiro. Se por qualquer forma ellas fossem perturbadas uma so vez, a reparação seria nulla para sempre. Note-se bem que eu não fazia questão d'essa satisfação, continuaria, pelo contrario, a ficar amigo como dantes, com a unica differença que jamais poderião contar com os meus auxilios. Quando tomei esta deliberação, estava plenamente convencido de que a reparação não seria feita. Os fabriqueiros, poucos dias antes de minha partida, vieram em commissão á minha casa para pedir-me desculpa, promettendo-me que minhas vontades seriam executadas á risca. Foi para mim uma surpresa agradabilissima quando, dous ou tres mezes depois, recebi uma carta da directora do côro de Pomeranos, communicando-me que realmente a reparação foi completa, não faltando nenhuma das cantoras, apezar da repugnancia que sentiam.

Os fabriqueiros empenharam sua palavra e souberam apesar de muitas difficuldades, cumpril-a, com um brio deveras edificante. Muito talvez demasiado me alonguei na descripção do presente facto, que é um exemplo eloquente do quanto póde uma boa correcção mesmo em beneficio dos proprios culpados. Passemos a outro assumpto.

CAPITULO VIII

As eleições

O dia 9 do mez de Novembro, se não estou enganado, era o da eleição do presidente e mesarios da camara municipal de Blumenau. A secção do rio Cedro devia ter logar na casa de um conceituado negociante, estabelecido proximo á capella da Immaculada Conceição. Essa secção abrangia todos os moradores do rio Cedro Pomeranos e outros valles adjacentes. N'esse ponto, os eleitores erão exclusivamente italianos-austriacos; em outras secções erão exclusivamente allemães. Sabe o publico, que me conhece, que nunca pretendi nem occupar-me, nem metter-me em politica; não deixarei por isso passar o ensejo sem fazer algumas observações imparciaes. Considerarei primeiro o assumpto sob o aspecto religioso. Os habitantes estrangeiros de Blumenau, creio que em sua maioria, forão naturalisados. Os italianos são quasi todos naturaes do Tyrol, na Austria. O tyrolez, como é sabido, é um povo eminentemente catholico, afferrado e fiel ás crenças de seus antepassados.

Haja embora, entre elles os seus senões, todos são eguaes sob o ponto de vista de fé. Para assistir ás eleições do rio Cedro, veio, em caracter particular, da cidade de Blumenau um cidadão, tambem natural do Tyrol, chamado Aleandro Lenzi. Apesar d'elle não ser influencia politica, foi ao rio Cedro com o fim de auxiliar a com-

posição da mesa e de trabalhar em favor do partido a que pertencia. Até aqui nada de mal. O peior é que em materia de religião elle pensa de um modo bem differente d'aquelle povo, motivo sufficiente para que fosse tratado com certo retrahimento. Essa indisposição aggravou-se quando se soube que a eleição teria logar ás 9 horas, justamente na hora em que começava a missa, na proxima capella da Conceição, e meia hora antes de começar a missa na capella das Dores. Era um domingo, e por isso os homens sensatos reputárão essa deliberação como um acto accintoso á quasi totalidade dos eleitores, considerando-se, sobretudo, que as eleições nunca começão antes das dez horas da manhã. E, admittido o caso da hora fixa, era indubitavelmente um acto de boa educação e boa politica, mandar uma commissão de alguns mesarios, para combinarem com o Revmo. Vigario ou seu representante, sobre uma hora mais conveniente para a celebração do santo sacrificio da missa.

Esse facto, cuja responsabilidade foi attribuida, ou com razão ou sem ella, aos sentimentos pouco religiosos do senhor Aleandro Lenzi, desagradou, como era natural, a toda a população. Não se pense que pretenda com isso innocentar a outros culpados. O facto das eleições offereceu-me occasião de verificar a ingenuidade d'aquelles bons catholicos. Apesar de sua grande fé, nem ao menos se lembráram de protestar. Com certeza pareceu-lhes que era humanamente impossivel adiar um pouco a hora das eleições. O bonito era vel-os, esses bons eleitores, compenetrados profundamente do importantissimo papel que ião desempenhar, como cidadãos brasileiros. Na vespera das eleições, á tardinha, passeiava eu vagarosamente pelo caminho, quando de repente, avisto, ainda longe, um carro que vinha á minha volta. Fiquei surprehendido, pergunto a mim mesmo : quem nelle poderia vir ?

O apparecimento por aquellas bandas de uma carruagem é verdadeiro acontecimento. Esse carro, assaz espaçoso, estava coberto mais ou menos da mesma fórma dos nossos bonds ; prevenção necessaria para os dias de chuva n'uma viagem de cincoenta, sessenta e mais kilometros. O carro podia conter commodamente seis pessoas. Comtudo, além do cocheiro que vinha na boléa, só trazia

um passageiro. Era o já citado Aleandro Lenzi, que vinha de Blumenau para assistir ás eleições do dia seguinte, como uma das principaes figuras. E' escusado dizer que, apesar de alto e bem encorpado, ia no carro folgado e bem á vontade. Prendeu-me a attenção sua posição autoritaria e magestosa. Vinha entretido na leitura dos jornaes, o que, como é sabido, entre os camponios, communica uma importancia excepcional. Comprimentou-me correctamente com urbanidade, mas tambem sem se abalar de sua magestatica e romantica posição ; correspondi á saudação, e fomos seguindo o caminho, cada qual em sentido contrario. Erão 8 1/2 horas do dia seguinte, e eu já estava na capella das Dores. Não decorrerão muitos momentos e já o carro da vespera passava em frente da capella, em demanda da respectiva secção eleitoral do rio Cedro. D'essa vez, a carruagem não ia muda como na vespera; alguns eleitores (do mesmo partido já se sabe) rodeavam o illustre Amphitryão, formando um quadro de aspecto guerreiro e vencedor.

Lancei para esse grupo um rapido olhar, exclamando, sem quasi o notar: quantos felizes ainda ha n'este mundo !... Quando quiz vel-os segunda vez, já ião longe pelo tortuoso caminho que os levava ao seu destino. Então puz-me a scismar: E a missa que está para principiar ? Ah ! n'esse *faustoso* dia muitos nem pensarão em cousa tão *insignificante*, e houve fervorosos catholicos que, no momento, nem sentião remorso de a perder ! Antes e depois das 8 1/2, muitos e muitos vi eu, a pé e a cavallo, passando pela frente da egreja serios e ufanos, como quem devéras partisse em defesa da patria ameaçada. Notem bem os meus leitores que se exceptuarmos talvez o já mencionado cidadão, não havia n'esses bons lavradores nem descrença, nem impiedade, nem mesmo esfriamento na fé. Todos elles passavam jubilosos e com ares de triumpho, mas nem de longe pensavam em insultar com isso os seus correligionarios. Emquanto uns oravão ião elles a bater-se em prol da causa commum, bem estar e liberdade de todos !... Na capella do rio Cedro, houve tambem missa, e ás 9 horas ; mas nesse dia para muitos tudo ficou esquecido. Esse facto que, para nós no Rio de Janeiro, nada teria de novo, no meio d'aquelle povo religioso e pratico

despertou attenção e produziu escandalo. E a cousa, considerada com a maior imparcialidade, merece, não ha duvida, ser criticada. Eu, sem preoccupações politicas, e abstrahindo de qualquer consideração religiosa, ri-me á vontade da ingenuidade e do papel *importante* que n'isso aquelles bons eleitores representarão. Supponhamos mesmo que elles não fossem melhores que muitos catholicos com quem convivemos, os quaes, com egual piedade, accendem uma vela a Deus e outra ao diabo, ou por outra: pouco adorão a Deus, e menos temem ao diabo ; pois bem, ainda assim, se não fôra por outra causa, só pelo respeito exterior devido ás crenças de seus avós, não devião sujeitar-se ao capricho provocador d'aquelle ou d'aquelles em cujo favor elles fossem votar. Lembrei-me então do nosso povo fluminense que ás eleições dá a importancia que merecem.

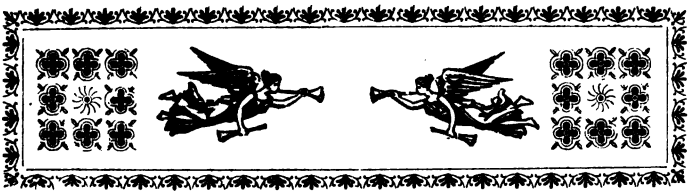
Em toda e qualquer parte, é praticamente admittido não ser o bem do povo que se procura, e sim o bem individual de quem pela reunião dos votos, espera subir, de qualquer fórma, ao poder. Ora aquelle que para collocar a um outro em logar eminente, sacrifica, não só suas obrigações domesticas; mas até a propria consciencia, se não é um descrente, é pelo menos um mentecapto. Com razão, pois, estranhei que a tantos eleitores não passasse pela mente a idéa de se apresentarem á eleição só depois de assistirem ao santo sacrificio da missa, ou ás 10 1/2 horas em ponto. O verdadeiro responsavel dessa falta (se é que o houve) mostrou-se pouco conhecedor de uma politica sã e superior. Querendo talvez fazer alarde de ser um quasi *livre pensador*, offendeu d'esta arte aquelles bons catholicos, incluidos n'este numero os que por leviandade ou inadvertencia olvidarão na occasião seus mais sagrados deveres.

Quando quizerão protestar já era tarde ; antes devião-no fazer.

Por ahi mais uma vez convenci-me de que a politica é entre os simples e os ingenuos que faz sempre suas melhores colheitas.

Soube que os principaes mesarios erão catholicos, os quaes tão atordoados ficarão que nem ao menos fizerão uma proposta para que em futuro as eleições se effectuassem de forma a não poder melindrar a população em peso.

Jamais teria acreditado que aquelles meus velhos amigos se deixassem levar com tanta docilidade a representar um papel bem pouco honroso para suas crenças. Estou bem certo que elles, d'ora avante, mudarão de rumo e que os proprios sacerdotes encarregados do governo espiritual d'aquelles territorios, saberão despertar em todos a attenção, frizando a parte odiosa do assumpto, com o que tudo poderão conseguir, seja do povo, seja das proprias autoridades. Persuadam-se todos de que a verdadeira politica consiste em estudar as inclinações do povo, e, sendo boas, favorecel-as e não offendel-as.



CAPITULO IX

O Commercio

O municipio de Blumenau é, sem duvida, o primeiro do Estado de Santa Catharina. E' composto, como já tive occasião de dizer, de estrangeiros ou descendentes de estrangeiros.

Foi seu fundador o Dr. Hermann Blumenau, vindo da Allemanha em 1850, para onde voltou de vez, em 1884, morrendo alli creio que no anno de 1899.

Não cabe nos estreitos limites d'este opusculo dizer quem era esse homem cujo espirito superior e cuja tenacidade tornarão-no um benemerito do Brasil pela sua obra immorredoura da colonisação de toda aquella vasta zona. Se nos primeiros annos teve de vencer difficuldades quasi insuperaveis, nunca soube o que era descanço, porquanto, considerando essa colonia como filha de seu coração, esforçava-se por vel-a progredir, ornando a povoação, agora cidade, e seus arredores, com alamedas de palmeiras, arvores e plantas de toda a especie, vides mandadas vir de alem mar, fazendo, emfim, tudo com que no correr de poucos annos a tornasse uma cidade commercial, prospera e industrial. O seu maior, o seu ultimo desejo era morrer na terra que, pelos motivos expostos, já devia amar e mais talvez do que a mãe patria; motivos desconhecidos obrigarão-no a procurar o tumulo na região que lhe serviu de berço. Ouvi dizer que o plano primitivo do Dr. Blu-

menau era de povoar os territorios, que o governo lhe concedera para este fim, só de allemães protestantes.

Mais tarde, ou por mudar de opinião, ou por circumstancias independentes de sua vontade, a immigração estendeu-se a catholicos allemães, e a um grande numero de italianos. Estes ultimos quasi todos pertencentes á Austria, e austriacos de coração em sua totalidade, (digo isto para que se não pense que são irredentistas) só 25 annos mais tarde forão para aquella colonia. Que direi agora da actual população d'esse municipio? Eu mesmo não sei por não possuir dado algum.

Sendo forçado a dizer alguma cousa, para satisfazer a justa curiosidade do leitor, repetirei o que mais ou menos ouvi dizer, sempre prompto a corrigir os erros que possam existir n'estas affirmações.

O municipio de Blumenau conta approximativamente uns cincoenta mil habitantes, sendo a maior parte allemães. A cidade é pequena, e talvez conte com seus arredores, umas tres ou quatro mil almas. Em seguida vem os italianos, em numero de dez para quinze mil. Ha alguns poucos milhares de polacos, como tambem ha brasileiros, russos e belgas em menor numero. Em parte alguma, vi populações tão activas e laboriosas como essas. E' pena que suas fadigas não sejão devidamente compensadas. São varias as causas a que esse mal deve ser attribuido. Citarei as duas principaes.

A primeira ainda está longe da esperança de ser debellada.

A segunda, graças a Deus, dentro em breve, tende a desapparecer completamente.

A falta de uma facil e pouco dispendiosa conducção, para exportar os proprios generos, eis o primeiro empecilho ao maior desenvolvimento n'esses pontos tão afastados do mar. Basta dizer que de Pomeranos a Itajahy são quinze leguas apenas; pois bem, os generos que se exportão causão uma despesa n'esse pequeno percurso duas ou tres vezes maior do que a que fazem de Itajahy ao Rio de Janeiro. De Pomeranos, ou de qualquer outro ponto, a Blumenau tudo é transportado por terra, pelo que não pode ficar barato. A outra causa de atrazo para o lavrador é o monopolio pernicioso de tudo quanto se compra e vende,

que alguns negociantes de Blumenau conseguirão estabelecer e conservar por annos e annos. Disse, ha pouco, que isso tende a desapparecer.

A cidade de Blumenau é o centro commercial de todo o extenso municipio. Ahi todo o commercio está em mãos de allemães. Os allemães pelo que tenho podido notar, tem uma qualidade que lhes é caracteristica : a grande união entre si. D'essa forma, era facillimo e até inevitavel que os principaes homens de negocio fizessem entre si uma liga formidavel, contra a qual fosse inutil qualquer tentativa de reacção. Assim em qualquer casa de negocio em que o pobre colono, o lavrador ou o criador de gado se apresentasse, os preços erão eguaes : de seus generos recebia a paga minima, emquanto tudo que comprava era a preços exorbitantes. Até hoje todo e qualquer emprehendimento generoso de negociantes brasileiros e italianos para alliviarem aquellas populações d'essas imposições de monopolio, tem sido sempre gorados. Para exemplo citarei um facto.

Em 1885 e 1886, achava-me no Collegio de S. Paulo em Blumenau. Um negociante brasileiro vindo de Itajahy, cuja firma commercial, era se não me falha a memoria, Liberatos Filho, estabeleceu-se ahi com uma casa forte, cujo lemma era o seguinte : vender barato para vender muito. Mal o povo começava a respirar por essa inesperada felicidade, que o commercio allemão ou local unio-se todo para fazer ao dito negociante a proposta de só vender d'ora avante por atacado, tornando-o d'esta forma o fornecedor de suas casas de negocio. E ahi temos mais um esforço generoso em beneficio do povo perdido para sempre, devido, ou á fraqueza, ou a um interesse mal comprehendido. Vamos a provas mais recentes.

N'esta minha ultima viagem de que vou me occupando, tive um companheiro cujas confissões devem ser insuspeitas aos allemães. E' elle um medico allemão que residiu algum tempo n'aquelle municipio. Perguntei-lhe se não gostara de Blumenau e se lá não conseguia os meios para uma honesta subsistencia. Respondeu-me textualmente : gostei muito e com minha clinica eu ganhava regularmente, mas fui forçado a sahir porque todos os meus lucros erão absorvidos pelo commercio insaciavel.

Vejamos o systema interno do commercio de Blumenau, em suas transações commerciaes com os particulares e mesmo com os pequenos e fracos negociantes que lhe cahem nas mãos. Todos os generos que lhes compra, se exceptuarmos o fumo, é com a condição de pagar a dinheiro só a metade da importancia. Pela outra metade devem comprar fazendas e outros artigos do proprio negocio do comprador. Não é tanto nas compras que faz aos seus freguezes quanto nas vendas de seus artigos que o commercio de Blumenau tem se arranjado e mesmo locupletado com uma rapidez de causar espanto.

Em outras partes, o commercio acha rasoavel vender com o lucro de vinte, vinte e cinco ou trinta por cento. Em Blumenau a cousa passa muito alem, pois vende-se com quarenta e até com sessenta ou setenta por cento de lucro. Isso foi-me garantido por homens bem ensinados pela propria experiencia.

Dito isto, prepare-se o leitor para ouvir um facto de todo singular. Digo singular e creio que poderia dizer unico, porquanto não me consta que outro negociante adoptasse um systema tão lesivo do sentimento de humanidade e de honestidade.

Existe n'esse municipio um negociante que começou a negociar com bem pouca cousa, ha cerca de trinta annos. Hoje é um dos mais fortes e considerados. Eis como procede para com seus freguezes. Vende caro cómo todos os outros e a credito com a maior facilidade, por conhecer desde os primeiros annos a honestidade provada de seus compradores. O systèma originalissimo de fazer dinheiro é o seguinte : O devedor tem que pagar doze por cento de juros, devendo accrescentar que de tres em tres mezes o mencionado *consciencioso* negociante capitaliza esses juros, sem a menor inquietação de espirito e sem a minima reclamação de pudor ! Aposto que nenhum dos meus leitores é capaz de me apontar no commercio um exemplo tão repugnante e deshumano. Consta-me porém que apesar d'esse methodo deshonesto, os negocios peiorárão muito ultimamente para o mencionado negociante. E' sempre o mesmo epilogo : o que se faz a Deus paga-se ao diabo, como se costuma dizer em linguagem popular.

N'estes ultimos annos o Brasil tem passado por uma phase de successivas calamidades. O dinheiro desappareceu e os productos do pobre lavrador barateárão de um modo desanimador. Houve assim mesmo aqui no Rio e por toda parte uma compensação : se os productos agricolas baixárão, baixárão da mesma forma os preços das fazendas e dos outros artigos de commercio. Em Blumenau, garantem-me, tal facto não se deu. E' uma verdadeira calamidade! O negociante continúa a vender com os mesmos preços exorbitantes! Como o commercio é composto totalmente de allemães, não vão elles pensar que estou fallando animado de preconceitos e antipathia. Nada d'isso. Aprendi desde a infancia a ter uma profunda admiração para com esse povo, dotado de qualidades tão bellas que enchem de enthusiasmo ao observador, calmo e imparcial. N'isso que acabo de dizer, condemno do fundo do coração o monopolio voraz que em proveito de meia duzia ou uma duzia de negociantes sem coração, alimenta-se, qual sangue-suga, dos suores das classes desprotegidas da fortuna. Sejão embora prejudicados alguns particulares que até agora se encherão á custa do povo, mas procure-se o bem geral d'aquellas populações laboriosas. O que desejo e deve desejar todo o homem de bem é o commercio livre em todo o municipio.

Para que o leitor comprehenda bem o estado actual da questão, devo dizer que esse monopolio ha muito tempo começou a perder pouco e pouco o seu absolutismo despotico. Os primeiros a abrirem o caminho da independencia forão os negociantes allemães dos diversos pontos afastados da cidade. Esses, não é de hoje que exportão os seus generos e negoceião directamente com o Rio de Janeiro e mesmo, creio, com a Europa.

Os italianos tem-se mostrado menos perspicazes e menos unidos n'um assumpto tão grave, que para elles é uma questão vital. Nestes ultimos annos pode-se dizer que erão os unicos que se achavam em peso entregues em poder do commercio da cidade de Blumenau.

Em 1893, começárão, por fim, a se mexer, a dar signal de vida, fazendo as primeiras tentativas por se desvincilharem de um jugo tão pesado. Forão a Santos, vierão ao Rio de Janeiro, forão pessoalmente á Allemanha e á

Italia, mas parece que após tantos sacrificios conseguirão o seu *desideratum*. Que difficuldades comtudo não tiverão de vencer !

Como era de esperar, o commercio de Blumenau guerreou-os de um modo atroz. Queixão-se mesmo de ter sido victimas de um acto de feia deslealdade por parte de um dos maiores negociantes, que procurou desacredital-os no mercado da Allemanha. Não sei o que haja de verdade, só posso dizer que elles me affirmarão terem sobre isso recebido cartas particulares da Allemanha. Seja como fôr, tudo, pouco a pouco, enfrentárão e souberão vencer.

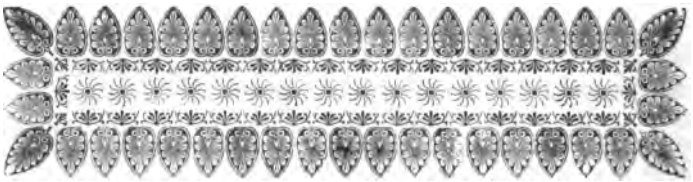
Os lavradores de origem italiana são muito desconfiados, impacientes pelo resultado e pouco propensos á união. Muitos d'elles já são membros de *Sociedade Cooperativa do rio Cedro*. Outras sociedades vão se formando. No dia em que elles conseguirem fazer um corpo só, formarão n'aquelle municipio uma verdadeira potencia. Muitos ainda não entrárão a fazer parte da dita sociedade, o que paralysa um pouco seus innegaveis e crescentes progressos.

Varias vezes tem a Sociedade exportado seus generos para o Rio e para o estrangeiro. O que ainda faltava era fazer suas compras por atacado onde encontrasse melhores vantagens. E que mercado melhor haverá do que o Rio de Janeiro ? E' o que nunca me cancei de aconselhar a todos, promettendo de minha parte ajudal-os efficazmente com o conselho e com os meus conhecimentos. E note-se bem que esta minha disposição de fazer o bem, não é exclusivamente em favor dos italianos, mas de todos indistinctamente, sejão quaes forem suas origens e suas crenças.

Toda a boa obra em beneficio do proximo, feita com absoluto desinteresse, deixa-nos na alma uma satisfação que com poucas palavras é difficil exprimir. E' o que commigo se dá n'este momento, depois de ter dito algumas verdades, que com certeza hão de desagradar aos interessados ; ninguem porém poderá contestal-as no fundo e espero que todos os homens sensatos estejão promptos a profligar commigo todo e qualquer monopolio, procurando o maior bem do proletariado de Blumenau, até hoje tão mal compensado em seus labores.

A questão economica é que em nossos dias reclama uma prompta solução. E porque não trabalharemos todos para fim tão nobre? Haja concurrentes em todos os ramos do commercio e da industria, estabeleça-se por toda a parte o commercio livre e independente, e bem depressa veremos as populações laboriosas respirarem um pouco de suas labutações quotidianas, embora um ou outro explorador de seus suores, haja de ser detido em seus desejos insaciaveis de enriquecer. Isso desejo e espero para todos os camponezes do vasto e prospero municipio de Blumenau.

Parece-me já tempo de concluir o presente capitulo, passando a fallar de um assumpto ainda mais relevante, como seja a instrucção primaria.



CAPITULO X

Instrucção e Educação

Quem pela primeira vez for até Blumenau e observar attentamente o modo e a solicitude com que se preparão o espirito e o coração da criança, não pode conservar-se indifferente. Confessarei com imparcialidade (e faço-o gostosamente) que os allemães, no tocante á educação e ao ensino de seus filhos, occupão no municipio de Blumenau o primeiro logar. Estou mesmo firmemente convencido que a Allemanha, considerada sob este aspecto, é o primeiro povo do mundo. Em parte alguma, as crianças e particularmente os alumnos das escolas tem-me edificado como os allemães e oriundos de allemães d'esse municipio. Apesar de afastados dos centros civilizados, aquelles filhos de modestos colonos podem dar lições de boa educação a qualquer dos alumnos dos nossos melhores estabelecimentos. Essas crianças protestantes distinguem sem custo o sacerdote catholico de qualquer de seus ministros; pois bem, não ha uma só que o não comprimente com o maximo acatamento. O mesmo praticão para com todas as pessoas de maior edade ou de melhor condição. E note-se bem: esses meninos não esperão o comprimento das pessoas que passão, pelo contrario ou estejão na rua, ou achem-se trabalhando no campo, descobrem promptamente a cabeça dirigindo ao transeunte, em voz clara, a saudação do costume.

Lembra-me muito d'esses factos edificantes quando encontro na rua algum empregado por exemplo de egreja, que, apesar de ser ainda criança, olha para mim, mas nem tira o chapéo, nem faz um cumprimento, sem que eu o faça primeiro ! Facto incrivel talvez para muitos, mas que não deixa de ser bastante commum !

Admittida a verdade do que acabo de expor, facil cousa será aos leitores aquilatarem o esmero, os esforços e os mil cuidados d'esses paes rusticos mas zelosos pela educação de seus filhinhos.

Em todos os pontos, até os mais afastados da séde do municipio, existem escolas particulares sustentadas pelo esforço individual de todo pae de famllia.

Fiz observar em outra parte que, se exceptuarmos dois ou tres agrupamentos de casas, acham-se todas espalhadas, afastadas uma da outra pelo menos duzentos metros.

Como é agradavel ver, todos os dias, esses bandos de crianças, percorrendo um ou alguns kilometros de caminho, tanto sob os raios de um sol abrazador, como nos tempos de chuvas importunas e molestas, para irem receber da bocca do mestre os ensinamentos que os paes estremecidos lhes não podem ministrar !

Até aqui fallei da educação e do ensino dos brasileiros, mas de origem allemã ; o mesmo se poderia quasi dizer dos de origem italiana a quem os primeiros servem inquestionavelmente de grande estimulo.

Vamos agora considerar o mesmo assumpto sobre um outro aspecto.

Ha mais de vinte annos, se não me falha a memoria, o Governo estadoal auxiliava todas as escolas particulares com a modicissima subvenção de 15$000 mensaes, com a condição porém, muito natural e muito justa, que nas escolas allemãs ou italianas se ensinasse tambem um pouco de portuguez. Isto era util e agradavel, mas não durou. Supprimirão a subvenção e tudo cahiu. Agora toda essa mocidade, brasileira de nascimento e de coração, nem que o queira, póde, n'aquellas paragens, aprender um pouco de portuguez. Mas minto. Anda por lá algum sabichão a ensinar, com o maior desembaraço, a lingua de Camões, sem ser d'aqui nem nunca ter estudado a lingua

mãe, conhecendo-a algum tanto só praticamente, e muito pouco na theoria.

Mais que uma vez, fallando sobre este ponto, tenho por lá frizado a muita coragem dos taes professores. Os meus ouvintes comtudo, pouco conhecedores da materia, sustentavão convencidos a sabença linguistica dos mais conceituados d'entre elles.

Um dia certo rapaz de bom senso, intelligente e estudioso, disse-me que possuia um grande numero de composições portuguezas, todas corrigidas pelo respectivo professor. Devo accrescentar que era um dos mais afamados conhecedores da lingua do paiz o tal professor. Mostrou-me esse jovem uma das taes composições corrigidas, pedindo-me indicasse os erros que n'ella encontrasse. Era um pequeno trabalho de oito ou dez linhas de papel almasso. Querem saber quantos erros ahi encontrei? Nada menos de 40! Creio que não é preciso dizer mais nada. Mas isto não é senão um incidente; voltemos ao fio da historia.

Ha nos diversos pontos do municipio de Blumenau numerosas escolas particulares, mantidas heroicamente pelos sacrificios incalculaveis dos paes de familia. Essas escolas tiverão nos ultimos annos um grande bemfeitor na pessoa do Dr. Bonifacio da Cunha, presidente da Camara Municipal o qual nas ultimas eleições foi infelizmente derrotado. Apertados pois aquelles camponezes pela boa vontade e pela escassez de recursos, tem recorrido a differentes meios para garantir a estabilidade de suas escolas. Conseguirão afinal que as nações de sua origem lhes garantissem alguma subvenção. Os allemães recorrerão á Allemanha e os de lingua italiana, á Italia.

Actualmente tanto em Blumenau, como em outras colonias ou municipios de Santa Catharina e creio que de outros Estados do sul, muitas escolas são auxiliadas efficazmente por aquellas duas nações. A unica clausula que esses paizes lhes impõem é que nas escolas se ensine a lingua da mãe patria. Para quem encarar com imparcialidade estes factos, não ha duvida que esta exigencia é mais do que justa. A Allemanha e a Italia sabem muito bem que o ensino de suas linguas augmenta-lhes immensamente a influencia no Brasil. Penso comtudo que isto deve

entristecer o coração de todo o bom brasileiro. Triste necessidade a de recorrer ao estrangeiro para ensinar as primeiras lettras á mocidade brasileira !

E não é tudo. Soube que justamente por occasião d'esta minha ultima viagem, no Estado de Santa Catharina forão supprimidas de uma só pennada, as subvenções de umas noventa escolas espalhadas nas differentes cidades e villas do Estado.

Pobre instrucção primaria ! Os governos estadoaes, deixando de auxiliar as populações em materia tão necessaria e delicada, produzem no meio d'ellas um mal estar profundo, quando não implantão sentimentos de antipathia. E como tantos paes de familia se não mostrarão agradecidos, vendo seus filhos, brasileiros de nascimento, instruidos com o dinheiro da patria de origem ? Os desmandos e a deshonestidade de governos sem escrupulo são a causa d'este e de muitos outros males que tanto nos deprimem perante o estrangeiro. O oligarchismo ou o filhotismo, eis a chaga roedora de talvez todos os Estados do Brasil.

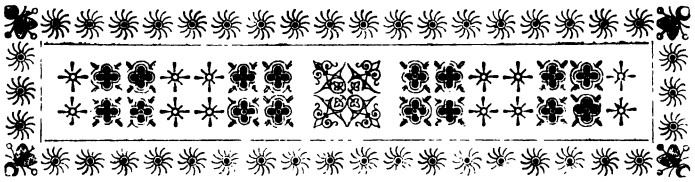
Para um governo ser honesto, não basta que o seu principal representante não se apodere do erario publico exclusivamente em beneficio proprio ; deve ter sobre tudo uma consciencia limpa, procurando sempre o bem geral, evitando de encher com cynismo inqualificavel as algibeiras de seus afilhados e amigos politicos.

Quando o governo dos Estados for entregue a homens rijos e de honestidade comprovada, tudo mudará por encanto, e então não só as escolas primarias serão contempladas, mas tudo entrará em caminho de grande prosperidade.

Antes de fechar o capitulo, direi algumas palavras sobre as escolas catholicas. Do numero de escolas protestantes nada absolutamente posso dizer : faltão-me os dados precisos. Em todo o municipio de Blumenau, existe pelo menos quinze escolas parochiaes, pertencendo em sua maioria ás populações de origem italiana. O municipio consta de uma parochia cuja séde é na cidade de Blumenau, onde os Rev.mos P.es Franciscanos construirão um grande convento, no antigo logar do Collegio de S. Paulo. Os mesmos ahi tem uma grande officina para aprendizes de

diversos officios. A principio tinhão tambem um internato, que faria um grande bem se de novo tornasse a existir. Além da parochia foi, ha cerca de tres annos, criado um Curato cuja séde é o *valle* chamado Rodeio, acima de Blumenau talvez uns cincoenta kilometros. No Rodeio os P.es Franciscanos fizerão outro convento, em que se acha instalado o noviciado da Ordem Franciscana, existindo tambem ahi um collegio frequentado por 120 meninos e meninas.

Para mostrar ao publico a differença profunda das condições economicas, será bastante dizer que cada pae de familia, que manda á escola uma ou muitas crianças, paga por cada anno a insignificante quantia de dez mil réis. As outras escolas tem muito menor numero de alumnos; os mestres trabalhão umas tres ou quatro horas por dia percebendo de 40 até 60 mil réis por mez. O cura do Rodeio é o Director de todas as escolas catholicas do Curato, em cujo favor tem feito e ainda faz os maiores sacrificios.



CAPITULO XI

Religião

O assumpto do presente capitulo é de grande relevancia e por isso da-me ensejo a que me afaste do plano traçado e seguido fielmente até este ponto. Aqui encontrará o leitor não só as minhas impressões, mas tambem os diversos sentimentos que em mim produzirão, e as reminicencias de factos analogos que despertárão no meu espirito. O velho fundador da Colonia de Blumenau, cujo nome ainda conserva e conservará, conheci-o apenas de vista pois n'esse tempo eu era ainda muito criança. Sempre ouvi dizer que era prussiano de nascimento e de coração e protestante de crença. Como fosse lutherano, disserão-me que era seu proposito de povoar aquella vasta colonia exclusivamente de allemães protestantes.

O plano falhou, de sorte que, a par de muitos protestantes, entrou tambem um certo numero de allemães catholicos e, mais tarde, um grande numero de italianos e polacos. Hoje creio que cerca da metade da população é catholica. Mas o que quero fazer notar é a admiravel e inalteravel harmonia existente, entre protestantes e catholicos, e entre as diversas nacionalidades.

Não vá agora o leitor confundir essa harmonia com o nefasto indifferentismo religioso ou com essa vida pagã, vida de egoismo e de prazer, em que cada qual procura satisfazer os desregramentos de seu coração. Nada disso! Essa harmonia funda-se na boa educação e no respeito

sincero das creanças alheias. O catholico é geralmente sincero e fervoroso e o protestante ama a religião em que nasceu.

Pois bem, tenho visto, não raras vezes, mettido no meio de um nucleo de familias protestantes uma só familia catholica (e vice-versa) vivendo ahi na maior paz, em continuo contacto com as outras familias, sem todavia jamais entrar, nem de longe, em questões religiosas.

Que bem-estar indizivel comparado com o viver e procedimento d'esses nossos maniacos que só conhecem o doesto e o insulto, unicos instrumentos de que se servem para espezinhar e vituperar as crenças alheias.

Se considerarmos o homem unicamente pelo procedimento cego e fanatico dos nossos *biblias* (catholicos que renegarão a propria religião ou *missionarios* que talvez nem tenhão mais fé) espiritas ou feiticeiros, materialistas, livres pensadores, etc. etc. mui triste espectaculo e muito desolador nos offereceria a humanidade.

Ha bem poucos mezes ainda ia eu dar um passeio de bond. Encontrámo-nos no centro da cidade com uma extensa procissão, e fomos obrigados parar, deixando-a passar. Quando os primeiros guiões começarão a desfilar em nossa frente, todos os passageiros, seguindo o costume, independentemente de qualquer crença, descobrirão a cabeça. Houve um porem, um velhote portuguez, mal encarado e por cima de tudo apostata, pertencente a uma seita de protestantes que aqui se chamão *biblias*, o qual fez alarde de não curvar a cabeça nem tão pouco de a descobrir. A garotada do Rio de Janeiro tem um santo e louvavel costume que consiste em obrigar á força os taes espiritos *fortes e independentes* a se mostrarem civilisados em taes occasiões. O meu *camarada* quiz resistir aos garotos, levantando-se então todos os que seguião no bond contra elle. Não houve remedio afinal senão ceder.

Para maior segurança, sentiu-se obrigado a agarrar o chapéo com as duas mãos e segural-o bem diante do peito, d'outra forma nunca mais o teria encontrado. E eis ahi um typo desprezivel e ignorante, que depois de ter renegado a religião de seus maiores faz consistir sua crença n'um acto de provocação e n'uma grosseira falta de educação.

Oh como lembrei-me n'essa occasião dos bons protestantes de Blumenau, que, sempre que assistem aos actos solemnes do culto catholico, fazem-no com tanto respeito e acatamento que não podem deixar de edificar! O que acabo de dizer dos protestantes de Blumenau pode-se affirmar dos protestantes allemães do Estado de Santa Catharina como de todas as colonias do sul.

Apresenta-se-nos aqui bem a proposito o ensejo de fallar na dupla questão do dia, a saber: questão de religião e questão de patriotismo em referencia aos estrangeiros que residem entre nós. Chegão-nos mui de frequente telegrammas dos nossos *amigos* da America do Norte, prevenindo e alarmando o nosso patriotismo contra a invasão germanica.

Têm muita ingenuidade os que lhes dão credito. O unico perigo para o Brasil é a America do Norte. E senão vejamos o processo de propaganda protestante entre nós.

O fim immediato dos *ministros ou pastores* norte-americanos, que são continuamente arremessados sobre o Brasil, é conseguirem a apostasia dos catholicos brasileiros. A consequencia de tal apostasia é logica, e é aquillo a que principalmente aspirão. A apostasia occasiona: as dissenções religiosas, as lutas intestinas, d'onde provêm o enfraquecimento do paiz, seu desmembramento e a facilidade de subjugal-o. Quer-se uma prova? Encontramol-a no partido teutonico protestante da Allemanha que, como lemma e palavra de ordem tomou a conhecida phrase *Los von Roma!* « separemo-nos de Roma » Esse partido anti-catholico, eminentemente pratico, bate-se com prodigiosa tenacidade, para conseguir o desmembramento da Austria catholica, em favor da Allemanha protestante, trabalhando unicamente na baixa e odiosa missão de fazer apostatas. Se o fim d'esses protestantes da Allemanha fosse exclusivamente o predominio de religião de Luthero, n'esta hypothese começarião por casa, e ahi muito terião que fazer, pois sabemos que na Allemanha ha vinte milhões de catholicos, é o partido catholico mais poderoso do mundo. Que diremos agora dos norte-americanos? Estão no mesmissimo caso. E, com effeito, qual será o fito das poderosas sociedades protestantes norte-americanas, gas-

tando rios de dinheiro para comprar torpemente as consciencias de brasileiros sem escrupulo e sem fé? Todos conhecemos pelas estatisticas que, na prospera Republica do Norte, a religião que conta maior numero de adeptos, a mais florescente e poderosa é a catholica.

E o mais interessante é que ahi os catholicos não são incommodados, gozando antes da maior liberdade.

Ora, como comprehender tanto zelo em espalhar a heresia nos paizes estrangeiros, deixando tranquillo dentro de casa o mais perigoso adversario? O norte-americano, não nos illudamos é muito conhecedor da vida pratica.

Sabe que os verdadeiros catholicos são honestos, pois só elles possuem o tão temido e guerreado freio de todas as paixões; a confissão sacramental! Sabe tambem que os que vendem a propria consciencia em troco de algum *dollar*, por muito menos do que isso vendem a propria patria.

Admittindo, contra a realidade dos factos, a outra hypothese, isto é: admittindo que os taes *missionarios* não tem em vista a apostasia dos catholicos brasileiros, e sim unicamente levar a fé christã a quem ainda a não possue, mesmo n'este caso, como patriotas que são, não deverião, parece-me, abandonar o proprio paiz.

Existe na vasta Republica norte-americana, uma chaga social tão deleterea e atterradora que o nosso espirito não sabe comprehender como tal cousa se possa dar no seio de uma nação christã. Imagine-se que de 70 milhões de almas (que tantos são os habitantes da America do Norte) quarenta milhões são verdadeiros pagãos; não são baptisados, nem professão crença alguma!

Eis ahi os fructos naturaes do protestantismo. É o que alias presenciamos na Allemanha e na Inglaterra: os que não voltão para o seio da Egreja catholica, aceitando a fé em toda sua plenitude e pureza, lanção-se vertiginosamente no barathro medonho dos scepticismo, racionalismo e materialismo.

Ora se é o zelo que persuade os mencionados *missionarios* a que deixem a propria patria, em demanda de terras longiquas, que fructos abundantes não alcançarião, se ficassem em seu paiz a derramarem a luz do Evan-

gelho no meio de tantos infelizes completamente abandonados? Não é, com effeito, um grande contraste que abandonem não só a salvação de seus patricios, mas até os proprios templos, muitos dos quaes passão para os actos do culto catholico?

Disse, ainda ha pouco, que os protestantes de quem me occupo têm um meio muito curioso de fazer proselytos: consiste em comprar as consiencias. Isso não é invenção; é a pura realidade. E para que inventar, se elles mesmos, com suas proprias obras, são os mais eloquentes apologistas da Igreja catholica?

Ha talvez uma meia duzia de mezes que de uma localidade do vizinho Estado do Rio recebi uma carta em que se fallava dos protestantes de Passa-trez. Vale a pena que o leitor conheça os topicos principaes d'essa carta para o que transcrevo-os fielmente.

Diz a carta: *Quando adoece qualquer d'elles* (protestantes, *biblias*, ou melhor apostatas brasileiros) *o pastor vae visital-o, levando-lhe mantimentos, remedios etc. Para as fazendas os ditos pastores mandão levar livros muito bem encadernados, os quaes, ora dão gratuitamente, ora vendem. Os encarregados d'isso fazem n'essas occasiões reclame de sua religião, dizendo horrores do catholicismo. Gratificão com 50$000 mensaes a quem attrahir ao protestantismo cem pessoas!...*

Na festa do Natal o pastor (que actualmente é um inglez) faz uma arvore para distribuir brinquedos ás crianças dando tambem esmolas aos adultos. Ha alli uma unica escola publica, cuja professora é mulher do pastor.

Os alumnos, quasi que em sua totalidade, seguem o protestantismo.

O protestantismo está espalhado tambem em S. João Marcos, e no Arrozal. Ahi houve, ha pouco tempo, um conflicto, porque os protestantes reunirão-se no largo para fazer pregação. O povo, tendo á frente o delegado do logar, tentou espalhal-os, do que resultárão muitas pauladas. O pastor foi logo queixar-se ao Presidente do Estado, e ao ministro inglez. Dias depois aquella autoridade era demittida.

Esta carta que, por amor á verdade, quiz transcrever textualmente, tem em sua simplicidade uma eloquencia irrefutavel.

Não deixarei passar sem um reparo a tal gratificação de 50$000 mensaes a quem conseguir a apostasia de cem catholicos! Desafio qualquer protestante honesto a ler este facto sem sentir-se revoltado e com pejo.

Um outro facto a lamentar é que se consinta que os hereges estrangeiros venhão em publico espesinhar diariamente as crenças do povo brasileiro, o qual sempre é o sacrificado, quando protesta contra os insultos soezes de seus hospedes ingratos. Que differença entre a verdadeira fé em Jesus Christo e a heresia! Muitos máos catholicos renegão a propria religião ou porque lhes repugna a santidade de seus principios, ou attrahidos por interesses incompativeis com uma alma de bem. Muitos protestantes voltão tambem diariamente para o seio da Egreja que nada lhes promette, antes lhes assegura que de sua conversão só devem esperar privações, injustiças e perseguições! No primeiro caso, o amor da terra sacrifica as esperanças da eternidade; no segundo, dá-se justamente o contrario: tudo se enfrenta corajosamente em troca de um paraizo que Deus promette aos que até o fim lhe forem fieis.

Mas vamos adiante.

Se considerarmos o zelo dos ministros norte-americanos, posto de frente ao dos missionarios catholicos, é bem facil descobrir onde esteja a missão divina. Basta uma simples comparação. Os nossos missionarios pertencem, pode-se dizer em sua totalidade, a congregações e ordens religiosas.

Nas congregações catholicas, todo e qualquer religioso tem o direito absoluto (notem bem) de nunca possuir cousa alguma, nem de esperar a menor recompensa a todos os seus sacrificios.

Para o ministro protestante ou norte-americano a cousa muda de figura: tem familia, tendo, portanto o dever de sustental a. Da-se com elle (digo isto sem intenção de offender a quem quer que seja) o que se dá com muitos empregados publicos d'esta Capital. Sacrificão elles, por alguns annos, as commodidades da cidade pelas privações do interior, levados para lá pelo augmento do ordenado, ás vezes bem consideravel e mesmo quasi dobrado.

Soube, por exemplo, n'esta minha viagem, que um ministro norte-americano, residente na cidade do Desterro, percebe a *modesta* somma de cerca 800$000 mensaes. E não é só este ; todos elles recebem pingue remuneração, em troca da triste tarefa de fazer alguns apostatas, todos tirados do numero d'esses catholicos que de ante-mão já tinhão abraçado a mui commoda doutrina protestante que consiste no seguinte : A fé pode salvar, sem as boas obras, isto é : viva-se á vontade ; entregue se cada qual ás suas paixões, e espere em recompensa a eterna salvação !... Que cegueira ! Que loucura ! De sorte que, se de uma parte a remuneração percebida pelos zelosos missionarios lhes é necessaria para seu sustento e de suas familias, de outra parte reduz a zero seu tão decantado zelo pela salvação das almas.

O clero catholico, quer em paizes catholicos quer em paizes protestantes, ensina verdades, defendendo-as, quando atacadas, e se, as vezes, parece aggredir, elle não é agressor, mas desmascara desassombradamente a hypocrisia dos heresiarchas fundadores da reforma, cuja vida impudica e escandalosa é mais do que conhecida de todos que conhecem a historia.

Os ministros protestantes nada ensinão, e geralmente fallando só abrem a bocca para vomitar improperios contra o que elles chamão de romanismo ou papismo, isto é, contra a unica e verdadeira Egreja, fundada por Jesus Christo sobre Pedro e governada ininterrompidamente por seus successores. Os herejes filhos da reforma não podião encontrar um apelido melhor, que o de *protestantes*. E' o erro n'elles encarnado, que brada continuadamente contra a Verdade eterna ! O modo com que elles se esforção por angariar proselytos é tambem d'esses que pouco edificão. Ao mesmo tempo que em seu paiz natal todos se queixão do completo abandono de seus templos, no Brasil procurão encher suas *casas de oração*, adoptando para isso meios ridiculos e indecentes, introduzindo n'elles, mesmo á força, individuos de toda a casta.

Esses *biblias* são as vêzes de uma coragem colossal. Certo dia passava eu pela rua Gonçalves Dias, de volta do Circulo Catholico. Um rapazola offereceu-me (isto fazia para todos os traseuntes) uma folha avulsa impressa.

Era um convite para uma das taes reuniões de herejes em uma *casa de oração*. Só o facto de se offerecer um convite d'esses a um sacerdote é bastante eloquente para demonstrar o *escrupulo* e a *civilidade* d'esses zelosos propagandistas da apostasia. Imprimir convites para entregar indistinctamente aos que passão é mais uma prova de que estão pregando no deserto. Os poucos que entrão n'essas casas é sabido que o fazem por curiosidade. Todavia, não negarei que ha infelizes que dest'arte, cahem na apostasia, e isto é um justo castigo de Deus, pois quem se expõe ao perigo n'elle ha de cahir.

Assim não procede o missionario catholico, para quem é deprimente ir mendigar nas ruas ouvintes para seus sermões. O transeunte a quem o convite é offerecido com rogos, pode ser um catholico pratico. Ora pretender seduzir um catholico sincero, e attrahil-o para a heresia, é o mesmo que affrontal-o publicamente, sem ser autorizado para isto. Entregar pelo contrario um tal convite ao descrente, ao debochado e ao homem todo material é o cumulo do ridiculo e da insensatez. Grande cousa, pois, se por este processo conseguem attrahir para suas reuniões meia duzia de pessoas!

E a taes pregadores prestão ouvidos muitos catholicos que não sabem distinguir o bem do mal e que perderão até o bom senso.

Não me occorre n'este momento ao espirito o nome, creio que de um heresiarcha, o qual fallando da apostasia de certos catholicos entrando no protestantismo dizia: E' o papa que varrendo sua casa, atira com o cisco em logar apropriado.

O processo seguido pelos ministros protestantes para *converter* almas, e o seu escrupulo em attrahil-as para suas differentes seitas (são milhares e milhares de seitas em que se subdivide o protestantismo) eis ainda dois pontos dignos de ponderação. Com effeito, o methodo que elles tem de ensinar é curioso e serve admiravelmente para pôr em relevo a belleza inneffavel da instituição do sacerdocio catholico.

A divulgação da Biblia em lingua vernacula eis o meio por excellencia adoptado pelo proselytismo protestante. Entre os reformados (ha quem diga ser melhor

dizer *deformados*) a Biblia, o livro por excellencia que tomárão á Egreja catholica, tornou-se um objecto de lamentavel superstição. Acreditão friamente que possuir uma biblia e lel-a, amiudadas vezes é o cumulo da perfeição e a maior garantia de salvação. Coitados! Mas perdôe-me o leitor; já estava eu a pensar que me referia a protestantes que tem fé e que são de boa fé.

Deu-se um facto insignificante, n'esta minha ultima viagem, que vem ao caso ficar aqui registrado.

Achava-me na cidade do Desterro. Fui um dia ao telegrapho inglez para fallar a um amigo. Na bocca da portinhola, por onde se entregão os telegrammas, encontrei, com grande surpresa, um Novo Testamento, novinho e bem encadernado. Para quem era destinado? Por certo para o primeiro que o quizesse. Confesso que á tal vista provei uma magua profunda. Um povo de tão bons sentimentos como o d'essa cidade não deveria tolerar que em uma repartição de serviço publico se armem ciladas de apostasia contra os ingenuos! Pois por ventura não têm ahi os protestantes centros de reunião?

Em minha penultima viagem a Santa Catharina, quando por lá passei ha cerca de quatro annos, fallárão-me de uma nova especie de proselytismo protestante o que não posso deixar de tornar conhecido aos meus leitores. Havia n'esse tempo no Desterro um ministro protestante (norte-americano, já se sabe) o qual vendo que, apesar de todos os esforços, a concurrencia em nada augmentava, procurou dar ás suas conferencias novos attractivos *espirituaes*. As pregações se fazião á noite. Apenas terminada a fallação, o bom do pastor distribuia entre seus *piedosos* ouvintes o *manná espiritual* que consistia em: café com leite, pão com manteiga e chocolate!... E' escusado dizer que todos esses santos varões ahi reunidos tinhão direito a reclamar as mesmas graças. Avaliar agora o grão de promptidão e piedade com que se apressavão a tomar parte em taes conferencias, especialmente aquellas *cujus Deus venter est* (cujo Deus é a barriga) segundo as palavras textuaes do Apostolo S. Paulo, facil cousa deve ser aos meus leitores intelligentes. O escrupulo d'esses piedosos reformadores sobresahe ainda mais quando tratão de aceitar ou não, no seio de suas egrejas, algum novo adepto.

Quando a cousa chega a este ponto, redobrão elles de prudencia. Tão delicada e meticulosa é a consciencia d'elles. Que pureza de fé, que limpeza de costumes não exigem dos *recem-convertidos* !

Para não tornar-me prolixo só fallarei da *conversão* de um sacerdote catholico, que para purificar mais sua alma, abandona a Egreja sua mãe, e atira-se no *casto seio* da Reforma ! Vamos, leitor benigno, edificar nosso espirito na vida quasi angelica do alludido recem convertido ! Fallemos sem figuras. O padre catholico não é differente dos outros homens no que toca ás inclinações da natureza, devendo-se acrescentar que elle, mais do que ninguem, é alvejado pelas setas impuras de Satan. E ahi temos a razão da superioridade incomparavel do sacerdocio catholico que unico apresenta tantos martyres da pureza virginal. Como, pois, o padre não é impeccavel, quem poderá estranhar que n'esta classe privilegiada haja prevaricadores tambem ? Os que prevaricão muito contribuem para realce dos limpos e castos de coração !

Assiste-se, de tempos em tempos, ao triste espectaculo de um d'esses sacerdotes apostatando á sua fé. Qual é geralmente a causa d'essas quedas ? Por pouco que se indague, sempre se encontrará a mulher como causa verdadeira. Note-se bem que uma queda tão desastrada costuma ter sua origem sempre remota. O infeliz antes de dar este passo extremo, de ordinario já tinha escandalizado os seus parochianos, convivendo até com a causa de sua ruina. *Corruptio optimi pessima*, eis ahi uma sentença laconica e cheia de verdade para demonstrar que a queda quanto mais é do alto mais torna-se desastrosa, e o Espirito Santo affirma que « um abysmo chama outro abysmo»: *Abyssus abyssum invocat.* E' o que succede ao sacerdote infeliz que despenha das inaccessiveis alturas em que Deus o collocara : entrega-se a todos os excessos do espirito e do coração ! Desgraçado ! Talvez jamais se levante ! A alma verdadeiramente christã compadece-se de tão grande desgraça ; emquanto o herege tripudia, como se uma alma santissima entrasse a fazer parte de sua egreja !

E' facto innegavel que o sacerdote catholico, para sel-o, fez diante de Deus voto de castidade perpetua.

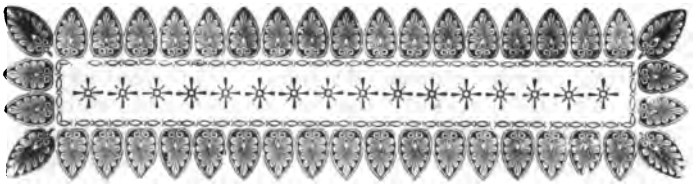
Deus aceita o voto de castidade de quem lh'o fizer, porque, como diz S. Paulo, este voto lhe é muito agradavel. O acto pois de apostasia em vez de diminuir, agrava a culpa e a responsabilidade do deliquente. Esta é a verdade dos factos. Por capciosos que sejão os sophismas engendrados pelo pae da mentira, nunca hão de conseguir apresentar como honesto a quem tão gravemente zomba do que promettera e jurara. Pois bem, que farão os *reformados* d'essa alma tão candida e timorata? Sabem-no todos; sem lhe exigir mais noviciado, recebem o sacerdote apostata de braços abertos, e fazem-no pastor de almas!... E, para que noviciado, para quem com acções tão *santas* a si mesmo se apresenta e recommenda? Esse sacerdote torna-se assim, da noite para o dia, arauto da heresia protestante, fazendo com isso jus a não modico ordenado.

Os que conhecemos alguns d'esses infelizes, sabemos tambem qual o ponto predilecto de suas *piedosas* pregações. Desde o principio embirrão solemnemente com a pureza virginal de Maria!... Poudera não! Aquella belleza incomparavel da Mãe de Deus inquieta-os, perturba-os de continuo com sobresaltos horrendos! Tal é em resumo a doutrina e taes as obras d'esses *missionarios evangelicos* que tão duramente pagão a generosa hospitalidade de quem os acolhe.

Em sua quasi totalidade são hereges estrangeiros que, com ousadia inaudita, vem ao Brasil para seduzir os incautos, e, para tal conseguirem, não vacillão em nos assacar doestos e calumnias, espesinhando grosseiramente as crenças de um paiz inteiro, seja do meio de suas casas de oração, seja pelas calumnias de seus pamphletos. E o nosso povo, que deveria, independentemente de qualquer crença, repellir a insultuosa audacia d'esses passadores de biblias, por uma bondade mal entendida cala-se, parecendo assim consentir e mesmo agradecer as *amabilidades* dos falsos prophetas.

Abramos os olhos emquanto é tempo. A pertinaz propaganda protestante norte-americana constitue o unico verdadeiro perigo para a America do Sul. Emquanto tivermos unidade de crença não correrá perigo a unidade da patria. Ai de nós se o norte-americano conseguir for-

mar aqui um partido (mesmo em minoria) anti-catholico e furiosamente fanatico pelos principios da Reforma! N'esse dia, veriamos o Brasil tornar-se presa de guerras intestinas, desphacelando se por si mesmo e abrindo franco caminho á cubiçosa aguia norte-americana. Oxalá comprehendão todos estas verdades innegaveis, e que nada têm de phantastico e imaginario.



CAPITULO XII

Um passeio a S. Paulo

Já narrei o incidente da capella da Immaculada Conceição. Esse simples facto seria prova sufficiente para demonstrar que no meio d'aquellas populações, profundamente religiosas, as lutas de partido concentrão-se nas respectivas capellas locaes. Essas lutas levão aquella gente aos ultimos excessos. Vou agora narrar um facto ainda mais frizante que o primeiro.

Poucos dias depois da festa da Immaculada Conceição, emprehendi uma viagem de passeio, sendo o ponto terminal cerca de 40 kilometros de distancia. Em um logar chamado Rodeio foi a nossa primeira pousada. Ahi os Padres Franciscanos possuem outro convento, desenvolvendo n'elle e na vizinhança a actividade e o zelo de verdadeiros missionarios. Sustentão um grande externato em que 120 alumnos, filhos e filhas de proletarios, recebem diariamente a instrucção primaria, pagando cada familia a pequena somma de 10$000 cada anno. Para esse mesmo convento foi ultimamente transferido o noviciado da Ordem franciscana do Brasil.

Antes de proseguir, não deixarei de dizer algumas palavras sobre a vida cheia de merecimentos d'esses dignos filhos de S. Francisco de Assis.

No convento do Rodeio, existem sempre, alem dos irmãos leigos, uns quatro ou cinco frades de missa. Fóra os muitos trabalhos da localidade, têm a seu cargo mais de trinta capellas filiaes, espalhadas n'uma immensa extensão, não possuindo, para essas viagens penosas, para

conducção senão animaes de sella. Oito d'essas capellas estão no alto Jaraguá, longe do convento não menos de 80 kilometros. Até lá vão elles de frequente, tendo de passar por caminhos quasi impraticaveis. A maior difficuldade a vencer é uma serra altissima, na qual ha pontos de passagem tão altos e estreitos que aterrão aos homens mais corajosos. Se quizesse agora descrever, só pelo que vi, os sacrificios e padecimentos inauditos d'esses pobres missionarios, os mais ardorosos inimigos dos frades dar-se-ião por vencidos. Sobre isso não posso estender-me: andaria de encontro ao meu plano. Direi somente que uma vida tão cheia de privações, de trabalhos sem fim, de má ou insufficiente alimentação, de chuvas torrenciaes que os apanhão em caminhos e logares completamente desertos, emquanto quasi todos elles já perderão, para sempre a saude, devido á differença de clima e ao excesso dos trabalhos ; tudo isso não só convence aos mais incredulos, mas desperta-lhes na alma sentimentos de compaixão. Essas almas, não ha duvida, vão-se desprendendo a olhos vistos da terra e se avizinhando sempre mais do céo. Contemplando eu algum d'esses quadros commovedores e eloquentes, sentia-me em taes occasiões tão desconcertado que perguntava-me se Deus permittirá ao homem taes excessos de penitencia.

A digressão já se torna demasiado extensa ; é tempo pois de terminal-a. Espero ser desculpado se ainda não fallei do que acima prometti.

Erão 10 horas da manhã quando chegámos ao convento. Fomos bem recebidos, e um bom almoço restituiu-nos as forças já meio desfallecidas. Após a refeição, entretivemo-nos algum tempo com os religiosos em amavel conversa, seguindo depois no mesmo carro para o *valle* denominado S. Paulo, onde chegámos ás 2 horas da tarde, tendo andado cerca de hora e meia. Existe ahi, ha mais de 27 annos, uma familia que d'entre as muitas da localidade tenho sempre estimado com preferencia ; é a familia Buzzi em cuja casa costumo hospedar-me. Esta é uma das familias mais conceituadas do logar, tendo sido outr'ora a mais poderosa, destinguindo-se por uma numerosa e valente prole, unida affectuosamente ao tronco por esse laço estreito de amor que tão raras vezes se encontra em nossos

dias. A familia Buzzi, com o andar dos tempos, muito decahiu da sua prosperidade, pois era impossivel que tantas filhas e filhos casados pudessem continuar a residir na mesma casa.

Assim mesmo ao transpor mais uma vez aquelle saudoso limiar, não experimentei aquella dor pungente que costuma ferir-nos o coração, quando, de volta a um logar querido, nada mais encontramos do que deixaramos, tendo já desapparecido as pessoas queridas. Encontrei ainda, com effeito, n'essa casa patriarchal a ultima filha (já noiva) e dois filhos, sendo um d'elles casado. Mas o principal é que ainda encontrei o primitivo casal, isto é, os paes d'essa numerosa prole. Dizer o modo por que fui recebido e agazalhado é inutil, fallando se de pessoas amigas, de coração lhano e generoso e de uma alma profundamente catholica.

O *valle* de S. Paulo conta cerca de 120 familias estabelecidas de uma e outra parte do caminho, conforme o plano que deixei descripto no principio d'esta narrativa.

Farei notar que do lado direito, a mil metros da estrada, existe uma outra serie de colonias ou propriedades de colonos.

Quasi logo no principio de S. Paulo, construiu-se desde os primeiros annos, uma capella de madeira, que era visitada de vez em quando pelo antigo Vigario. Perto d'essa capella, que ainda existe, estão actualmente construindo uma outra, cujas obras estão bastante adiantadas. Esta é toda de tijolos e vae ser uma das melhores e a maior do municipio, sem excluir a da Immaculada Conceição.

No meio mais ou menos do caminho de S. Paulo, cerca de 45 minutos adiante da primeira, ha outra capella de mui recente construcção. Essas duas capellas são dois pontos da mais dolorosa e aguda discordia entre as familias dessa tão bella localidade.

S. Paulo é um dos *valles* mais lindos e pitorescos que eu conheço n'aquelle municipio. Ao viageiro, que do Rodeio para lá se encaminha, impressiona docemente aquella longa e fertil planicie, inteiramente cultivada e ladeada em suas extremidades por silvosas montanhas. A par d'essa belleza natural ha um mal que talvez uma ou muitas dezenas de annos não consigão extinguir. De todo o vasto Curato do Rodeio é este o ponto mais dolorosamente

ferido pela praga da discordia. O que mais contribue para augmentar o mal é que muitas familias, residentes alem da segunda capella pertencem á primeira, e vice-versa.

Ha naquellas paragens um costume piedoso e poetico, em virtude do qual, aos domingos, por falta de padres, ajunta-se o povo na capella, á hora da missa, emquanto um dos mais conceituados lê todos os actos do santo sacrificio, acrescentando, antes de acabar, mais algumas preces.

Esqueceu-me dizer que a primeira capella de S. Paulo é consagrada a Santo Ambrosio, a segunda á Sagrada Familia. Acontece pois que, quando algum padre franciscano (a elles, como já disse, pertence a cura de almas do Curato de Rodeio e da Parochia de Blumenau vae visitar a capella da Sagrada Familia, certos moradores, que residem mais adiante, mas pertencentes á capella de Santo Ambrosio, abalão-se de suas proprias casas, passão em frente á egreja em que o sacerdote está celebrando, e vão até a de Santo Ambrosio, onde um d'elles reza os actos do costume. E note-se que ha quem assim faça mesmo sendo dia santificado. Parece até incrivel que homens de fé, como inegavelmente são, se deixem levar a taes excessos pelas paixões de partido!

De ambos os partidos tenho em S. Paulo bons e sinceros amigos. Sempre animado da mais absoluta imparcialidade observarei que a capella da Sagrada Familia é composta de catholicos obedientes e doceis ás ordens e conselhos das respectivas autoridades eclesiasticas. A familia Buzzi, em cuja casa hospedei-me, pertence a esta capella, e, como eu só pretendia demorar-me um dia, era justo que celebrasse com preferencia n'esta e não na primeira. Se porem tivesse maior demora, não deixaria de fazer o mesmo na de Santo Ambrosio, pois o Cura mostrára a maior condescendencia, dizendo-me que elle mesmo, com fim de acalmar os animos, e chamal-os a melhor partido, tinha recomeçado a visital-a.

A' tardinha, após o jantar, fomos (eu e meu pae) dar um passeio de carro, fazendo uma visita a uma familia residente pouco mais de quinhentos metros para diante da capella da Sagrada Familia. A recepção não podia ser melhor. Aquella familia, na simplicidade de seu coração, mostrou a mais viva alegria, recebendo dentro de sua ca-

sinha, pela primeira vez, um sacerdote, que fôra conhecido por todos, quando menino. A familia era numerosa. A filha mais velha contaria, quando muito, uns desesseis annos. Os outros fazião uma escada de mais oito ou nove degraus. Mal tinha entrado n'essa casa que desabou medonha tempestade, sendo forçado a demorar-me até que passasse.

Entretendo-me, em certa occasião, em conversa com os filhos mais velhos, deprehendi que não costumavão ir á missa na proxima egreja. Eu então insisti amigavelmente para que ao menos elles, não indo os paes, não deixassem de me apparecer, no dia seguinte. O meu convite foi tão intimo e amigavel que não tive a menor duvida de um triumpho certo.

A's 8 horas do dia seguinte, chegava eu á dita capella, aonde encontrei muita gente que, na vespera, tinha sido avisada. Confessei diversas pessoas e, ao Evangelho, fiz uma allocução sobre a concordia, incitando a todos a se amarem com caridade, perdoando reciprocamente as offensas recebidas. Essas palavras forão muito bem aceitas, mas para muitos forão pregadas no deserto: das dissidentes nem ao menos uma familia se achava presente. Procurei depois no meio do povo, e nem uma pessoa encontrei da familia visitada na vespera. Devo confessal-o francamente: isto causou-me um grande pezar.

Tive magoa contemplando n'esse incidente a maior calamidade d'aquelle valle pitoresco. Quando terá fim esse estado anormal das cousas, essa constante agitação dos animos? Oxalá esteja proximo o dia em que a paz volte a habitar tantos lares perturbados!

Minha viagem a S. Paulo foi rapidissima: a data em que devia seguir para o Rio vinha se approximando. No mesmo dia, pois, após o almoço e uma hora de agradavel palestra, retirei-me agradecido e cheio de saudades d'aquelle povo amigo e particularmente da familia que generosamente e de braços abertos me acolhera.

CAPITULO XIII

Reminiscencias

Existe em Blumenau um collegio fundado pelo fallecido Vigario da mesma Freguezia, P.e José Maria Jacobs. N'elle passei dois annos, 1885 e 1886.

Uma das cousas que então mais me encherão de religioso enthusiasmo foi a bellissima obra da *Santa Infancia*.

São incalculaveis os beneficios que n'aquellas paragens têm produzido. Muitas sommas d'ahi sahirão para as missões do Oriente. Esses dinheiros, como é sabido, são destinados a resgatar ou comprar crianças pagãs, que d'outra forma morrerião abandonadas e sem baptismo. As que morrem, já resgatadas pelos missionarios, (são annualmente muitas dezenas de milhares) sobem direitinho para o céo a orar pelos seus bemfeitores.

Encontrei agora esta obra em bastante e quasi completa decadencia.

Mas é outra a instituição de que pretendo occupar-me. E' uma Devoção especial do S. Coração de Jesus que tem sua séde em Roma.

Todo aquelle que der por uma só vez a somma correspondente mais ou menos a 1$000 (uma lira italiana) são considerados membros perpetuos da dita associação e, como taes, tem direito a immensos favores espirituaes, como sejão diversas missas diarias etc. etc.

O meu velho e bom padrinho João Trentini tem sido, de muitos annos para cá um verdadeiro apostolo d'esta Devoção. Ultimamente tudo esfriou, e, em poucas palavras, direi o porque.

Sendo aquellas localidades muito pobres, os recursos dos seus habitantes são exiguos, e por isso qualquer gasto indispensavel seria um prejuizo muito sensivel.

Nas innumeras capellas erguidas e custeadas pelo esforço inaudito de seus aggregados, nota-se a falta dos objectos ás vezes os mais insignificantes. D'ahi partiu o raciocinio do piedoso e zelosissimo vigario d'aquellas paragens. «Sendo, disse elle, tanta a pobresa de nossas capellas, não convem que desviemos o nosso dinheiro para outros fins.» E tinha sua razão, baseado n'aquelle dictado: *primo sibi caritas*; a caridade sempre começa por casa. A intenção pois do alludido sacerdote não podia ser melhor.

Apesar d'isto, esse raciocinio, a meu ver, pecca pela base. E, na verdade, quem conhece o coração humano, conhece outrosim, por experiencia, que nem sempre elle se governa pelo frio raciocinio.

O que damos de propria vontade, damol-o independentemente de qualquer outro gasto, embora haja de ser para instituições analogas. Se essa offerta (voltando ao assumpto) tivesse de repetir-se periodicamente, não duvido fosse capaz de prejudicar a causa local; mas não é isto que se dava: a unica esmola de uma lira dava o direito de associado perpetuo d'aquella pia instituição.

A consequencia portanto d'essa medida foi tirar ás almas piedosas a occasião de fazer uma obra de piedade que d'outra forma nunca farão. Alem disso, aquelle que, de tantos annos para cá, dedicava a tão santa empresa os seus mais preciosos momentos, desenvolvendo n'ella o seu zelo com grandes sacrificios, ficou para sempre paralysado, obedecendo promptamente ao seu vigario, como bom catholico que é.

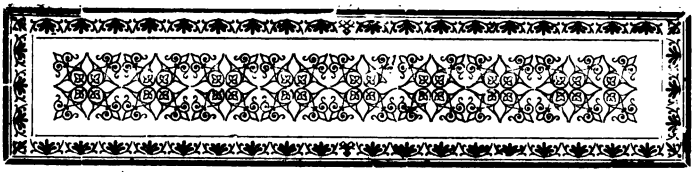
A isso alguem talvez responda que se elle trabalhava por zelo poderia agora fazer o mesmo em instituições analogas. Simples illusões de quem não conhece os segredos do coração humano.

Deixemos pois á caridade sua mais ampla liberdade, e operaremos, sem duvida, em conformidade á vontade do Senhor.

Mande o brasileiro, se lhe aprouver, suas esmolas para as obras pias da Europa ou da China, e Deus lhe dará o premio de seus sacrificios.

Offereça um allemão ou um francez sua fortuna em favor de instituições catholicas do Brasil ou da America e Deus não lhe será menos liberal em enchel-o de beneficios.

A caridade não tem patria, pertencem-lhe todos os infelizes e todos que soffrem necessidades. Porque motivo não poderá cada qual estender sua mão livremente onde quer que encontre almas sensiveis e virtuosas ?.



CAPITULO XIV

Bairrismo allemão

Por bairrismo entende-se esse affecto ou apego exagerado que consagramos ao nosso torrão natal.

Se este amor, é, até certo ponto, a expressão do mais puro patriotismo, passando alem de seus justos limites, torna-se um exclusivismo parcial e mesmo odioso.

Os allemães, digamol-o francamente, podem gloriar-se de sua patria.

A Allemanha é hoje um dos primeiros paizes do mundo. E se essa nação chegou a occupar logar tão proeminente, é devido inquestionavelmente ás bellas e raras qualidades que o seu povo possue. Mas aqui é o caso de se dizer que nem todas as verdades se dizem.

Se o povo brasileiro tem qualidades que lhes são caracteristicas, tem tambem, como é natural, os seus defeitos, que nunca deverião ser notados, nem atirados em rosto pelos que apenas são hospedes na terra de Santa Cruz.

Vê-se no presente caso o que succede diariamente em familia. Que uma pessoa de casa repare, mesmo com aspereza, em faltas ahi commettidas, deixa-se facilmente passar, nunca porem toleramos sem irritação que essas faltas sejão criticadas por pessoas estranhas.

Não se pode negar que em Santa Catharina o brasileiro tem uma anthipathia bem pronunciada contra o allemão. Qual será a verdadeira causa? Não quero entrar muito a dentro n'esta questão, mas um dos motivos é, sem

duvida, essa liberdade mal comprehendida e excessiva que os allemães tomão em levantar até as nuvens a propria patria, deprimindo com a maxima facilidade o paiz que adoptárão como segunda patria.

Vem muito a proposito, para confirmar o que digo, o que se deu commigo mesmo quando estudante de preparatorios. Tive entre outros um professor francez, fanatico pela sua patria, até o extremo. A França, para quem o ouvisse, tinha todas as grandezas e não conhecia defeitos; esses erão atirados impiedosamente sobre o Brasil ou outras nações da Europa, especialmente as rivaes da França. Ora, tanto o homem repetiu esses destemperos, essas inverdades patrioticas, que eu, que nada tinha com a França em vez de aprender a amal-a e admiral-a, tomei-lhe uma verdadeira aversão.

Varias vezes n'esta minha ultima viagem assisti a conversas entre allemães e brasileiros, notando sempre nos primeiros essa tendencia de intemperança em dizer o que não deverião dizer. Um outro motivo de falta de harmonia creio ser a resistencia dos allemães em não aceitar certos costumes do paiz.

Se nas colonias isto é natural, o mesmo não se pode dizer dos que morão nas cidades. Falta no allemão (por ser de raça diversa) aquelle espirito de assimilação que se nota tão bem em pessoas de outras nacionalidades.

Passemos agora para o campo religioso, pois ahi encontraremos, com pouca differença, o mesmo phenomeno.

D. José Camargos de Barros, que merecidamente acaba de ser transferido para a importante diocese de S. Paulo, dirigiu-se creio que exclusivamente á Allemanha, em busca de obreiros evangelicos: padres seculares, religiosos e religiosas. Por este motivo, apesar de ser por todos muito querido, tem sido por vezes alvo de criticas algum tanto severas. Terão ellas seu fundamento? A isto não sei que diga; mas posso affirmar que elle é uma das glorias mais fulgentes do Episcopado brasileiro. E' uma alma grande, um coração apostolico de vistas largas e completamente desinteressado.

Não deixarei comtudo de dizer que nas nações latinas teria talvez encontrado bons elementos e, com certeza mais aceitos aos seus diocesanos. Mais uma vez direi que

os allemães no Brasil difficilmente se convencem de que já pertencem a uma segunda patria. Isto faz-me lembrar as palavras do Apostolo quando, animado do Espirito de Deus, dizia : *Omnia omnibus factus sum* ; fiz-me tudo para todos. Como elle se consumia pela salvação de seus proximos ! Oxalá assim todos pensem os que, vindos do estrangeiro, escolhem o Brasil por sua segunda patria.

Pelo que tenho notado em minha rapida excursão pelo Estado de Santa Catharina, os que mais se acham compenetrados do conselho de S. Paulo são os filhos de S. Francisco de Assis que na diocese de Curityba são uma verdadeira legião de apostolos que em tudo procurão assimilar-se ao nosso povo.

As religiosas allemãs, por estarem mais afastadas do mundo, amoldão-se mais difficilmente á nova ordem de cousas. Assim contarão-me (e o facto tem seu fundamento de verdade) que na escolha de suas candidatas, quando não sejão allemãs ou oriundas de allemães, é tal o escrupulo que ellas tem, que muito se parece com a parcialidade. O que deveria dar-se era justamente o contrario. Toda a Congregação estrangeira, para tornar-se sympathica é bastante que tenha no seu seio um certo numero de membros indigenas. Basta esta consideração de não pequeno alcance para que todas as Irmãs, animadas do verdadeiro Espirito de Deus, procurem de coração que suas companheiras sejão o mais possivel brasileiras. Agora, para que alguem não pense que minha penna seja movida por outro qualquer sentimento que não a verdade, não deixarei de registrar a doce impressão que recebi da rapida passagem por essas casas da Visitação.

As Irmãs, em sua quasi totalidade, são allemãs, vindas ultimamente da Europa, e todas ainda moças.

Se ao homem é humanamente impossivel deixar para sempre o mundo e o que n'elle tem de mais caro ; se ao homem é um passo doloroso e sem a minima compensação n'esta vida, deixar a propria patria e abandonar o proprio lar, que dizer então d'essas donzellas que derão o ultimo adeus, não só aos parentes, mas até ao socegado remanso claustral, no qual votárão a Jesus o seu coração, e receberão as primeiras torrentes de graças e esta paz celeste que só se encontra na casa do senhor ? !

Basta vel-as, essas generosas servas de Deus, entregues gostosamente aos mais humildes labores, não só do Collegio e do hospital, mas da casa, da cozinha, do jardim e da horta: fica-se profundamente commovido e edificado.

Voltando agora ao conselho do Apostolo das gentes, penso que alguma cousa deverião fazer as congregações estrangeiras para mais assimilar-se ao povo brasileiro.

Uma cousa, por exemplo, que nunca approvei é que para as refeições nos internatos se prefirão ás d'aqui as horas da Europa.

Em um instituto dirigido por estrangeiros, mas frequentado em sua totalidade por brasileiros, não poderia tomar-se medida mais sympathica do que dar as principaes refeições ás 10 horas da manhã e ás 4 horas da tarde, offerecendo com preferencia pratos brasileiros.

Em quanto ás ceremonias da Egreja, os cantos sagrados deverião ser o mais possivel de estylo brasileiro, isto é, sempre deverião preferir-se os hymnos mais conhecidos e queridos do povo. Transportar para o Brasil musicas conhecidas exclusivamente na Allemanha, e não cuidar em aproveitar antes de tudo o que por cá temos de bom, é desconhecer um dos mais poderosos meios de fallar ao coração do povo.

E já que estou com as mãos na massa, descrevendo summariamente as minhas impressões, de mais duas, antes de levantar a penna, farei menção.

N'uma das principaes cidades de Santa Catharina, assistia, certo domingo, ao santo sacrificio da missa. O sacerdote trazia sobre os hombros uma casula, que de casula, ouso quasi affirmar, tinha perdido a forma. Achei n'isso tanta novidade que não deixei de ficar mesmo escandalizado. Ainda não obtive explicações sobre essa arbitraria innovação.

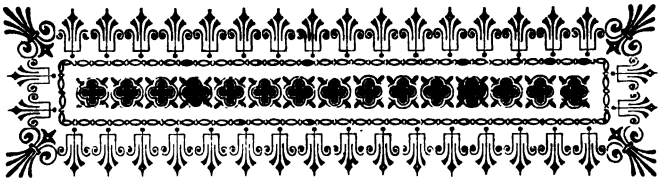
A outra impressão a que, ha pouco, me referi, é a seguinte: N'uma pequena e mui recente freguezia encontrei um novo cathecismo feito exclusivamente para a população da mesma.

Creio que poucos emprehendimentos ha tão difficeis como a confecção de um cathecismo. E a razão é que o cathecismo é o ensino dos mais profundos mysterios da

revelação, feito, porem, n'uma linguagem concisa, simples e adaptada ás crianças.

Ora, não podia dispensar-se um trabalho tão penoso? O ensino da doutrina christã é o mesmissimo em todo o mundo catholico. Sendo assim, estejamos certos, tudo que n'esta materia se podia fazer já está feito.

O auctor d'esse livrinho de religião é um missionario allemão o qual se animou a escrever n'uma lingua que não é sua, o que é quasi o mesmo como querer emprehender o impossivel. Não deixará por isso de ter diante de Deus grande merecimento.



XV

Estação agronomica

Antes de despedir-me d'aquellas regiões para mim tão cheias de encantos, farei uma breve referencia á Estação agronomica, sita na margem esquerda do rio Cedro, fronteira á nova capella da Immaculada Conceição, que se acha na outra margem do rio, e á qual já referi-me.

Ha cerca de seis a sete annos, o governo estadoal de Santa Catharina, animado da melhor intenção, fundou ahi uma estação agronomica que sustentou e ainda sustenta com os maiores sacrificios. No municipio de Blumenau é esse um dos pontos melhores para tal fim. Collocado no centro de uma grande população italiana, dedicada de modo particular á lavoura, poderia a tal estação produzir os mais promptos e efficazes resultados.

Eu não pretendo ser lá dos entendedores em materias agronomicas, mas pelo que pude deprehender, o Dr. Rossi, encarregado d'essa empresa, pareceu-me um homem dos mais competentes. Consagra-se elle com afinco a esses estudos, é incançavel nas tentativas e experiencias, procurando, por mil modos differentes, ser util aos lavradores que consomem todas suas forças nas labutações ingratas de trabalhos mal compensados.

O que acabo de dizer é verdade. E' comtudo egualmente verdade (e o Sr. Dr. Rossi me ha de perdoar esta franqueza desapaixonada) que nada obteve, até hoje, e nada

mui provavelmente ha de alcançar d'ora avante. Esta é a voz unanime de todos aquelles lavradores que até o presente esperárão inutilmente pelo resultado das experiencias.

Citarei um só exemplo : Fazem-se annualmente em toda aquella redondeza grandes plantações de fumo. Nestes ultimos annos tem acontecido muitissimo de frequente que, mal esta delgada planta começa a crescer, morre de um momento para outro, ás centenas e aos milhares, não só uma vez, mas tantas quantas é novamente substituida. Esse phenomeno é muito commum, embora as condições do solo sejão completamente differentes. Apesar d'isso, não houve ainda quem lhe descobrisse a origem.

A mesma planta está sujeita a uma outra praga não menos nociva que a primeira : são as lagartas que a devorão por completo.

Disserão que o Dr. Rossi doscobriu um remedio contra este segundo mal, aconselhando ao lavrador que defenda cada plantinha com uma especie de cano feito de bambú. Imaginem agora como se arranjaria um lavrador que cultiva quinze e até vinte mil plantas de fumo !

O que se diz do fumo, diga-se de todas as outras tentativas analogas. Em conclusão : é convicção geral dos colonos, sem distincção de partido, que todos os sacrificios feitos pelo governo estadoal, e a fazer pelo futuro, na tal Estação agronomica, forão e hão de ser dinheiro completamente perdido.

Quem conhece a situação precaria do Estado de Santa Catharina ; e quem sobretudo conhecer tantas instituições essencialmente boas e que exigem e reclamão o amparo do governo, lastima de coração um desperdicio tão sensivel ao thesouro.

Admittido que sejão verdadeiros os factos acima allegados, o leitor ha de convir commigo, tirando das premissas as mesmas conclusões.

Quem desde o principio me acompanha n'esta narrativa, ha de ter facilmente notado que, se outras qualidades não possúo, tenho ao menos a da mais fria imparcialidade. As linhas que vou traçando não são uma simples narração de factos ; ellas têm tambem um outro alvo : produzir algum bem.

Tanto como sacerdote catholico, quanto como excursionista observador, não seria completo no meu despretencioso trabalho, se ao leitor não apresentasse o Dr. Rossi tambem sob o ponto de vista religioso.

Tenho quasi certeza que esta minha proposição é capaz de causar admiração em muitos dos que me lêm. Que tem de ver, poderão elles dizer, um cidadão, agricultor de officio, com a religião que professa ? Com duas palavras responderei á objecção.

O Dr. Rossi, que se deveria occupar exclusivamente dos negocios de seu officio, é um homem ardentemente religioso, ou, para dizer mesmo a cousa como ella é, é um homem apaixonadamente irreligioso. Não entrarei a estudar os motivos d'essa irreligiosidade que de ordinario tem sua verdadeira base, não nas aberrações de entendimento, mas no orgulho ou nas paixões occultas do coração.

Todos os máos tem horror, que fingem ser odio, á religião immaculada do Cordeiro de Deus. Não pretendo porem penetrar nos arcanos do coração humano, quero pelo contrario, respeitar a opinião do Dr. Rossi. O que não posso deixar de lamentar é que elle se tenha mettido no meio d'aquelle povo bom e crente para ahi fazer uma propaganda anti-religiosa e anti-social. Digo anti-social porque alem de ser irreligioso elle é um propagandista apaixonado das doutrinas subversivas do socialismo.

E' na mocidade que elle pratica mais facilmente suas proezas. Explica-se facilmente. Os rapazes d'aquelles logares, todos dedicados á lavoura, mal aprendem um pouco a ler e escrever, e já deixão por completo as duas ou tres horas de collegio que antes tinhão, para se dedicarem aos pesados labores de seu estado. Que poderão elles responder a um homem que por ventura possúa melhores conhecimentos ? E que poderão elles esperar de um homem talvez bem instruido, mas com certeza adversario declarado das mais sublimes e puras doutrinas do Evangelho ?

Costuma-se dizer com muita verdade que « presumpção e agua benta cada um toma a que quer » E' o que ás vezes se dá por lá.

Sei de algums d'aquelles camponios que fazendo de si mesmos, em ponto de sabença, o melhor juizo possivel, mettem-se a discutir sobre religião com o citado doutor,

Não é por certo grande victoria para elle, se consegue atrapalhal-os e confundil-os. Soube ainda mais: sacerdotes houve que souberão ter elle externado o desejo de entrar com elles em discussões religiosas, e elles promptamente satisfizerão-lhe a vontade, acreditando ingenuamente que o chamarião para o bom caminho. Não se lembrárão do modo porque obrára o divino Mestre para com Herodes que tinha mostrado o desejo de que Jesus praticasse, em sua presença, algum milagre. Nem tão pouco se lembrarão ser vezo de muitos o arrogarem-se importancia, em sustentando questões com pessoas respeitaveis, fugindo sempre de um para outro ponto, deixando-as todas a resolver, e apresentando-se ao publico sempre victoriosos, particularmente toda a vez que lhes é infligida tremenda derrota. Convenção-se todos uma vez para sempre: o modo mais pratico de tratar com taes cidadãos é não lhes dar a menor importancia, abandonando-os a si mesmos. Entrar a discutir com maniacos é proprio de um nescio.

Concluirei dando uma prova de que o nosso agricultor acha-se possuido de manía anti-religiosa.

Uma tarde, em que eu por lá passava de carro, quiz ir apreciar pessoalmente todas suas experiencias, nas diversas plantações por elle cultivadas. Quiz aproveitar a passagem, apesar da muita pressa, pois uma forte trovoada vinha approximando-se. Demorei-me, percorrendo o terreno cultivado, não mais de um quarto d'hora. E quem o diria? Quasi logo entrou em conversa, fazendo-me manhosamente perguntas sobre questões philophico-religiosas. Ora, n'isto o Dr. Rossi mostrou bastante deficiencia do que os francezes chamão *savoir vivre*, isto é, de boa politica. Com effeito, gabando-se elle de agricultor consumado poderia por ventura faltar-lhe o assumpto para sobre elle discorrer durante uns quinze minutos?

Além d'isto, tenho privado com espiritos antagonicos, mações, protestantes e incredulos, fallando de tudo sem jamais entrar no melindroso assumpto de opiniões contrarias. Eis porque de ordinario quando alguem quer entrar commigo em questões delicadas e que não vêm ao caso, costumo cortar tudo pela raiz, aconselhando simplesmente a cada qual o seu officio.

E' minha opinião que o sacerdote se consagre particularmente á theologia, o philosopho á philosophia, todo o artista á sua arte, e por conseguinte, o lavrador tambem deveria cuidar com predilecção de suas plantações. Mais benignamente procedi com o Dr. Rossi, evitando fazer-lhe essas observações por delicadeza e porque o tempo não m-o permittia. Creia-me porem o Dr. Rossi, só por este processo conseguirá alcançar no meio d'aquellas populações melhor conceito.

Concluindo, farei observar que o modo de pensar differente do Dr. Rossi de forma alguma influiu n'estas minhas apreciações sobre sua empresa e seus effeitos. No rio Cedro nunca fará cousa alguma. Em outras empresas analogas, não duvido possa o governo aproveitar este homem com melhores fructos e menores sacrificios pecuniarios.

CAPITULO XVI

Usos em Pomeranos

Esqueceu-me narrar, no principio, um facto bastante contristador que occorreu logo nos primeiros dias de minha chegada a Pomeranos. Este facto põe em relevo um costume semi-barbaro, cujas consequencias tem sido mais que uma vez fataes. E' este um mal exclusivo da mocidade.

Os italianos ou oriundos de italianos têm especial predilecção pelo jogo das bolas. Este jogo, em que o homem exerce necessariamente suas forças, é um dos mais uteis e agradaveis que conheço. Corresponde ao nosso jogo de malhas, constando de nove bolas perfeitamente redondas.

Uma tarde divertião-se nisso alguns rapazes, bem proximo á capella de N. S. das Dores, quando, por uma questão de partido, ou rivalidades, um menor de seus 17 annos, arrebatado de colera, arremessou uma das bolas á cabeça de um outro com quem acabava de ter uma altercação. O ferido cahiu sem sentidos, e por pouco ia para outra vida. A causa d'esta briga é curiosa e merece ser conhecida.

A mocidade d'aquellas paragens conserva um costume, herdado naturalmente de seus maiores, costume reprovavel e que deveria ser eliminado para sempre do meio de uma população que se presa de civilizada. Existem partidos oppostos formados por moços pertencentes aos diversos grupos de familias.

Assim, só em Pomeranos, onde se contam pouco mais de cem familias, ha tres facções ou partidos, em aberta opposição um ao outro. Acontece entre os rapazes d'essas diversas localidades que os de um grupo não admittem possão os do outro terem pretenções de casamento com alguma filha de familia pertencente á localidade em que elles mesmos residem. A sem-razão deste procedimento consiste em que a opposição não se origina de sentimentos de rivalidade, mas tão somente de uma certa dose de preconceitos e valentia de partido. Mais que uma vez tem succedido que rapazes animosos foram corridos a pedradas por frequentarem esta ou aquella familia, levados por sympathias ou por simples amizade.

Os inconvenientes d'este antagonismo insubsistente são graves, porquanto tolhe a liberdade pessoal e occasiona, muitissimas vezes, odios encarniçados entre familias distinctas. Eis ahi qual foi a causa da briga que me offerece o ensejo de escrever estas poucas linhas. Ao registrar de passagem este facto, não deixarei de profligar desassombradamente este costume anti-social, esperando que aquella mocidade, que muito estimo desde a infancia, se esforce commigo para extirpar do meio d'elles o que tanto os torna malquistos perante as pessoas sensatas e honestas.

CAPITULO XVII

A Volta

Marcára minha partida para o dia 27 de Dezembro. Os precedentes foram dois dias santos, por quanto aquelle povo não abandona o antigo costume de santificar tambem o dia 26 de Dezembro. Nesses dois dias, todas as pessoas de amizade tiverão a opportunidade de me trazer pessoalmente suas despedidas. Forão 48 horas de continuo movimento em que nem de dia, nem de noite, tive um só momento de socego. Para prova direi que tinha promettido fazer, nos ultimos dias, uma ultima visita a uma familia distante de casa uns trezentos metros.

Pois, bem, apesar do desejo sincero, não me foi possivel cumprir a palavra, e, no dia 26, ás 10 horas da noite, fui forçado a despedir as ultimas pessoas : sentia-me prostrado, e comtudo tive de trabalhar com os de casa até meia noite, acabando de preparar as malas.

Entre os visitantes não deixarei de citar, como nota curiosa, uns tres ou quatro, não bebados, mas bastante alegres.

Tenho para a embriaguez uma aversão desde criança. Imagine-se agora qual não seria o meu vexame vendo-me rodeado por tantas pessoas amigas, devendo tolerar a imprudente presença de individuos com a razão assaz offuscada. Mas o dia era excepcional e não houve remedio senão fazer ouvidos de mercador, e calar. E note-se que os taes visitantes importunos, apesar de conhecidos velhos,

era a primeira vez que me visitavão. Porque antes o não terião feito?

A razão não deixa de ser curiosa: por acanhamento! E não foi senão com a melhor intenção que entrarão um pouco na *pinga*. Sabião que de outra forma não terião coragem de trazer-me suas sinceras e sentidas despedidas.

O acanhamento d'aquelle povo para com qualquer pessoa de posição, e para commigo, embora me conheça desde pequeno, é incomprehensivel e me entristece immensamente. Eu conservei-lhe sempre a mais franca amizade, e elle no fundo sente o mesmo a meu respeito, mas não tem a coragem de o manifestar, achegando-se a mim com menos temor e mais confiança, como acontece com o povo do Rio de Janeiro.

O acanhamento d'aquellas pessoas amigas em vir ter commigo foi sempre para mim um objecto de estudo. Qual a causa? Na mulher, esse embaraço é mais natural e por isso se explica facilmente. O mesmo não se pode dizer do homem. Elle, que é o rei da creação, deixa-se as mais das vezes opprimir e vencer, não pelo acanhamento, mas pelo respeito humano. Eis ahi uma praga que se não pode desculpar numa alma verdadeiramente crente. Esse mal, se as apparencias não me enganárão, tem produzido seus funestos effeitos no coração da mocidade daquelles logares.

Muitos jovens de seus 16, 18 ou 20 annos, outr'ora tão simples e cheios de docilidade, e que em outras occasiões me derão provas de seu bom coração, conservavão-se n'esta minha ultima visita fugitivos, unico meio para não me tomarem a benção. Tinhão, não duvido, vontade de cumprir com este dever de urbanidade, mas desistião com a vergonha de o fazer.

Possúo em Pomeranos diversos amigos que forão meus companheiros de escola. Alguns d'elles (pouquissimos, graças a Deus) nem uma unica vez me procurárão. Qual a causa? Seria descrença, amor proprio, respeito humano, ou simples acanhamento? Ignoro-o por completo, mas não duvido que n'esses raros haja uma mistura de um pouco de tudo. E', porem, tempo de proseguirmos.

A's 6 1/2 horas da manhã do dia 27 de Dezembro, estava prestes para a partida. Não tenho animo em de-

ter-me descrevendo minuciosamente esse momento doloroso.

Alem das pessoas de casa, só tres ou quatro amigos tiverão coragem de me apparecer pela ultima vez; mas estes mesmos sentião-se tão commovidos que emmudecerão de todo, como se tivessem perdido a falla.

O ultimo momento então foi tristemente solemne; de todos apoderou-se um silencio sepulchral. Já eu estava assentado no carro, quando minha ultima irmã solteira, approximou-se-me; parecia-lhe cousa impossivel separar-se por mais alguns annos do irmão a quem muito estremece. Fiz então um esforço extremo, dando ao cocheiro a ordem da partida, e partimos.

Acompanhavão-me meu pae e o meu fiel e dedicado empregado Basilio. As primeiras horas forão acabrunhadoras: parecia-me não poder fallar. Tudo passa, e assim passou tambem aquelle abatimento pesado. Continuámos a viagem sem interrupções, até o Indayal, percorrendo 25 kilometros.

Ahi almoçámos e descançámos até duas horas da tarde. O calor era excessivo, intoleravel. Aproveitei a occasião para fazer uma visita a um cidadão que já tinha estado em minha casa, e a quem, segundo meu costume, tratára com a maxima franqueza, como pessoa de familia.

Pedira-me n'essa occasião que não passasse pelo Indayal sem que o visitasse.

Prometti, e cumpri a palavra.

Mas depois vi que melhor fôra a não tivesse cumprido. Fui recebido (ignoro a razão) muito friamente, e dei-me ainda por feliz o ter-me attendido promptamente quando lhe pedi um copo d'agua.

Qual seria a causa de tão inexplicavel procedimento?

Ignoro-a por completo. Elle unicamente a deve conhecer. Antes de proseguir a viagem, quiz cumprir com outro dever, no que não me sahi melhor que no primeiro. O leitor ha de lembrar-se de que eu promettera a um amigo de Blumenau expedir-lhe do Indayal um telegramma, quando estivesse de volta. Eu via que era uma cousa inutil, e que eu nem merecia, nem podia pretender tantas considerações, mas pensei que talvez assim elle desejasse para emendar a primeira falta. Infelizmente foi peior a

emenda do que o soneto : nem no mesmo dia, nem no seguinte o amigo appareceu-me no convento onde estava hospedado. Nem por isso deixarei de ser-lhe amigo como d'antes, com esta unica differença : nunca mais lhe darei incommodos, se assim Deus o permittir. Em Blumenau, onde cheguei á tardinha, hospedei-me, como sempre, no Convento de Santo Antonio dos Padres Franciscanos.

O dia seguinte era domingo, e fui convidado para pregar ao Evangelho da missa parochial. Com muito pezar não pude annuir ao amavel convite, pois estava com o espirito preoccupadissimo, e justamente na hora do sermão tinha que despedir-me de meu pae, que até ahi me havia acompanhado. Notei nesse dia com grande prazer que a religião vae produzindo salutares effeitos entre os brazileiros d'aquella redondeza. Antigamente a Matriz era frequentada quasi que exclusivamente por allemães e se uma ou outra vez apparecia algum brasileiro, era, já se sabe, d'esses muitos que se prezão de catholicos mas que nada cumprem do que a Egreja lhes ordena. Isto pelo menos é o que tenho na lembrança do tempo do collegio. Agora augmentou na cidade extraordinariamente o elemento nacional, havendo não poucos brasileiros que se approximão frequentemente dos santos sacramentos, com grande edificação dos proprios allemães.

Causou-me immenso contentamento, encontrar-me n'aquella cidade allemã com gente nossa, egual em usos e sentimentos, e, em tudo, semelhante á boa população do Rio de Janeiro.

Em questão de nacionalidade, sempre fui cosmopolita ; não conheço antipathias contra esta ou aquella nação e, por conhecel-as mais de perto, admiro e amo de coração ao povo italiano e ao povo allemão. Confessarei comtudo que ninguem me agrada tanto como o povo brasileiro, que possue realmente qualidades excepcionaes. Por fallarmos na impressão acima referida, lembra-me um incidente insignificante, mas engraçado que se dera com o meu empregado Basilio, no dia tres de Novembro. O Basilio é branco e brasileiro de nascimento e de familia. Seguiamos n'esse dia de Blumenau para Pomeranos, quando, ao passarmos pela casa do meu velho amigo Guilherme Engelke (fallecido poucos mezes depois) avistou o

bom do Basilio um negrinho junto á porta do citado negociante. Pelo que, vivamente emocionado, disse, com a maior singeleza e naturalidade : « Ah ! graças a Deus que depois de tanto andar, sempre apparece um desses muitos que se encontram em toda a casa brasileira ! » Tal é a força da convivencia que até o que não é para que se diga o mais attrahente, tem sobre nós um grande ascendente.

Não é, a dizer a verdade, o que se deu commigo.

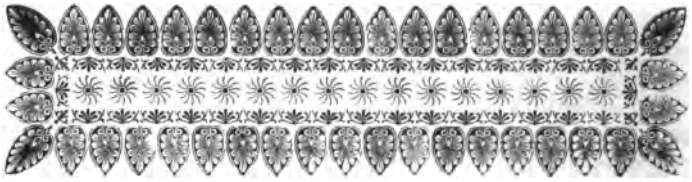
Encontrei ali brasileiros como os ha aqui ; familias distinctas, muito religiosas, boas de coração e meigas de costumes. A muitas d'essas pessoas deixei gostosamente uma pequena lembrança.

Sobre a tarde do mesmo domingo da despedida de meu pae, entretive com algumas dellas uma conversa summamente agradavel pela lhaneza das pessoas que me fallavam. Mostrarão-me antes de tudo um grande desejo de me conhecer. Contarão-me em seguida como só de espaço em espaço tinhão a dita de ouvir um sermão em portuguez, e isto mesmo pregado por allemães, que primão não tanto pela linguagem quanto pelo zelo e boa vontade.

Manifestarão-me o ardente desejo que tinhão de que eu ficasse até o dia do *Anno Bom*, para pregar n'essa solemnidade. O pedido era feito com tanta confiança e sinceridade, que, se o tempo não faltasse, teria annuido de boa mente, só para lhes fazer a vontade. As pessoas a quem me refiro erão todas meninas ou moças piedosas. D'essa palestra conservei, como recordação, o pensamento original de uma das meninas. Disse-me que achava muito bonita a carreira de padre, e que, se fôra homem, não hesitaria em abraçal-a. Objectei-lhe que bonita era tambem (ainda que mais ardua) a carreira dos Padres Franciscanos, mas que para ella mais bonita praticamente era a das religiosas ou freiras, podendo, quando o quizesse, abraçal-a e nella viver sem embaraços.

Ella retorquiu-me com a maior convicção que (se houvesse possibilidade) só abraçaria a vida sacerdotal ; para outra carreira qualquer não sentia vocação. Que bella e ineffavel ingenuidade !

Eu então dei-me por satisfeito d'esta sublime aspiração, embora um tanto original.



CAPITULO XVIII

Partida para Itajahy

No dia 29, ás 8 horas da manhã, embarquei no pequeno *Blumenau*, o maior dos tres vapores da Companhia, em demanda de Itajahy. O rio, devido ás chuvas recentes, enchera bastante, e, por isso, as aguas corrião com maior impetuosidade. Viagem mais rapida não podiamos ter.

A' 12 1/2 horas da tarde já estavamos em Itajahy. Ahi fui recebido por varios amigos, com a maior satisfação.

Lembrarão-se n'esta occasião de uma bonita festa que, no dia 30 de Abril de 1895, eu fizera em Itajahy, de commum accordo com o Vigario de então, constando de uma missa cantada em que fui celebrante e de um sermão que preguei sobre a solemnidade de Santa Catharina, padroeira do Estado.

Era pois natural que os velhos amigos de Itajahy, solicitassem o meu concurso, (gratuito, já se sabe) para dar maior esplendor aos actos do culto catholico, na solemne festividade do *Anno bom*.

Prometti fazer tudo o que dependesse de mim. Pensei que a cousa mais agradavel, não só ás almas piedosas, mas tambem a nosso Senhor, seria preparar alguns canticos espirituaes, para serem entoados na missa conventual, acompanhados a harmonium.

Esta idea despertou enthusiasmo n'aquelles corações animados da mais recta intenção, promettendo-me essas

pessoas arranjar um harmonium, que a Matriz ainda não possuia, e algumas meninas para cantarem. Foi dito e feito. O harmonium foi emprestado com o maior gosto e cavalheirismo por um grupo de protestantes allemães de Itajahy. Em quanto ás cantoras, foi-me promettido que se arranjarião quatro ou cinco meninas, que, em outros tempos, já tinhão cantado na Matriz, isso no caso que eu as quizesse ensaiar. Marquei o ensaio para as quatro horas da tarde do dia 31 de Dezembro. Não havia pois tempo a perder. Com agradabilissima surpreza para mim, apresentaram-se-me, na hora aprazada, não cinco, mas nove meninas e mocinhas, tão decididas como é bem difficil encontrarem-se eguaes.

Com pezar meu, deixo de aqui registrar os nomes d'ellas, por ter perdido os apontamentos que possuia. Todos os canticos que apresentei para a solemnidade erão completamente novos : nenhuma d'ellas os conhecia.

Fiquei devéras encantado pela prodigiosa presteza com que aprenderão os varios hymnos n'um só ensaio, e pelas vozes bonitas e claras que levantavão desembaraçadamente, com a maior naturalidade.

Desde que sou sacerdote tenho ensinado canto aqui no Rio de Janeiro, mas confesso francamente talvez nunca presenciei egual phenomeno. O que admirei n'essas meninas, foi, não a excessiva desenvoltura das grandes cidades, e sim um bonito desembaraço, uns modos lhanos mas modestos, filhos da simplicidade despretenciosa e humilde.

Todos que aqui me conhecem sabem o muito que tenho trabalhado para a fundação e sustentação de córos religiosos, por conhecer, pela propria experiencia, que comtribuem poderosamente para avivar a fé amortecida nas almas indifferentes.

Era, portanto, meu dever não conservar-me surdo ás instancias de velhos amigos, logo que algum sacrificio meu pudesse contribuir para mais enaltecer o nome de Deus, E só mesmo a gloria de Deus podia resolver-me a tomar sobre mim um incommodo tão grave, embora a alguem possa parecer o contrario. Se assim fallo é porque sei que esta modestissima festa religiosa, como todos as obras boas, encontrou quem a reprovasse.

UNIV. OF CALIFORNIA

A mim não me cabe o direito de dar uma apreciação sobre a impressão que esses canticos, em sua simplicidade, produzirão na numerosa assistencia da missa parochial

Consignarei comtudo, com os sentimentos da mais viva gratidão, as felicitações recebidas da mocidade de Itajahy, todos filhos das principaes familias d'essa cidade.

O meu velho e bom amigo Manoel Marques Brandão mostrou-se commovidissimo, sobre tudo quando, após a elevação, cantei o bellissimo e tocante *Ave Verum* do Canto-Chão.

E o senhor Gabriel H. catholico allemão, homem de antiga tempera, e que não conhece o baixo vezo da adulação, affirmou publicamente com o maior enthusiasmo que nunca assistira em Itajahy a uma festinha tão simples e commovedora.

D'ahi pude deprehender que o meu trabalho não foi perdido, produzindo bons fructos no meio d'aquella boa população.

Antes de deixarmos Itajahy, quero que o leitor conheça um incidente digno de nota.

Pretendendo telegraphar para Santa Catharina, fui á estação telegraphica, onde redigi o telegramma, cujo endereço era o seguinte: *Desterro*. O telegraphista respondeu-me que devia escrever Florianopolis, e não Desterro, por ser aquelle o nome official. Achei muito original essa observação, e disse-lhe muito calmamente que no Rio de Janeiro, onde ha republicanos tão sinceros pelo menos como os de Itajahy, podia-se escrever como melhor agradasse, e que um nome official de forma alguma destroe o conhecimento de logares ou cidades que existião quando nascemos.

Seria o mesmo se um carteiro se negasse a levar uma carta á rua do Ouvidor, só por n'ella não se achar indicado o nome official que nunca pegará, a saber: rua Moreira Cesar.

As minhas ponderações de nada valerão. O bom do rapaz mostrou-se inabalavel, intransigente, e mesmo jacobino. Se o decantado apego ao novo regimen não fosse uma boa mentira, e sim realidade, vel-o-iamos transformado no partidarismo mais feroz e perigoso. Os que conhecemos porem a realidade das cousas, sabemos que este republica-

nismo não passa de um carrancismo lastimavel em que ainda jazem certas localidades de estados onde muitos empregados publicos condescendem a fazer muitas vezes um papel ridiculo, incensando de continuo as autoridades superiores.

Para tal cidadão telegraphista, tinha eu á mão um bom remedio, mas d'elle não quiz utilizar-me. Poderia assim mesmo alguem perguntar á digna Directoria dos thelegraphos se é licito a qualquer de seus subalternos arvorar-se em tyranete arbitrario, vexando o publico caprichosamente com leis hypotheticas que não existem, nem podem existir. Para concluir permitta-me o referido cidadão lhe aconselhe que não saia nunca de suas attribuições, manifestando perante o publico qualquer preferencia ou aversão politica. Tenho mesmo idea que existem leis positivas vedando aos telegraphistas o fazerem politica. E não é, creio, se não esta a razão porque vejo tantos telegraphistas d'aqui serem de tempos em tempos transferidos de uma para outra cidade. Se tal acontecesse ao *meu* camarada de Itajahy talvez em breve ficaria ensinado pela propria experiencia.

No dia do embarque para o Desterro, não podia deixar, alem de outras pessoas, de levar minhas despedidas a um meu velho amigo e mestre.

Encontrára, no dia 1° de Novembro, em Itajahy o Rev.mo P.e João Steiner, e muito com isso tinha ficado satisfeito, porquanto esse encontro despertou-me saudades dos annos de 1885 e 86, em que elle fôra professor no Collegio de S. Paulo em Blumenau. Como voárão esses quasi dezoito annos: Por aquelle tempo, foi elle nomeado Vigario da freguezia de S. Pedro de Alcantara, que parochiou cerca de 15 annos; ultimamente sentindo-se já cançado, pedio sua exoneração, preferindo a coadjutoria da Freguezia de Itajahy.

Apesar de seus sessenta annos, e livre de responsabilidades, é elle um sacerdote incansavel e zeloso da salvação das almas. Ahi a missa parochial tem logar ás 9, celebrando elle ás 8 horas da manhã.

Aqui tomo a liberdade de fazer duas pequenas observações. A primeira fiz a elle pessoalmente. Pelo que

ouvi e notei, seria mais conveniente para a população de Itajahy que a primeira missa fosse ás 7 horas em ponto.

Acontece que sendo a missa ás 8 horas, e havendo n'ella uma pratica, acaba quasi ás nove horas, de modo que os que assistem a ella, não chegão á casa a tempo das outras pessoas poderem assistir á segunda missa. Isto ouvi da bocca de muitos d'aquelles bons catholicos de Itajahy.

Como são bellas as crenças catholicas escrupulosamente observadas!

Na missa das 8 o P. Steiner costuma sempre pregar, e em allemão, pelo embaraço já invencivel que sente na lingua portugueza. E agora ouso emittir o meu segundo parecer. Parece-me que na primeira missa seria melhor não pregar por ser de grande conveniencia que ella seja o mais breve possivel, e tambem porque o Vigario na missa parochial nunca deixa de pregar. No caso, porem, que elle ache mais conveniente pregar a palavra de Deus, melhor seria se escrevesse um brevissimo trabalho em portuguez, como creio ter elle feito mais de uma vez em outras occasiões. Não ha talvez em Itajahy um só allemão que não comprehenda sufficientemente o portuguez; pelo contrario não hesito em affirmar que uma bos parte dos que assistem á missa das 8 horas não comprehendem o allemão. Este meu modo de pensar não é só em referencia a *Itajahy* mas a qualquer outro logar, ou circumstancia analoga.

CAPITULO XIX

Embarque para o Desterro

No dia 3 de Janeiro, ás 8 horas em ponto da manhã, levantava o ferro o *Itapemirim*, governado agora pelo respectivo commandante, o senhor Souza.

Todos os homens habituados ás viagens de mar, ficaram devéras admirados ao ver tal pontualidade, sem discrepancia de um minuto. Isso deve attribuir-se exclusivamente ao Commandante Souza que no tocante á regularidade é o mais caprichoso e irreprehensivel que eu conheço. Aprecio summamente um homem dessa tempera, em tudo disciplinado.

Sempre que viajo por mar, gósto conservar-me no alto, isto é, no convez, para gozar a pureza e frescura do ar, embora forte e violento. N'essa manhã o mar era bastante agitado, e, fóra do costume, comecei quasi logo a sentir um certo mal estar.

Á hora do almoço desci para a sala e comecei a comer, mas não pude acabar. Revoltou-se me subitamente o estomago, sendo obrigado a voltar para onde estava.

Foi tão forte a rapida indisposição do estomago que, á hora do jantar, deslizando o *Itapemirim* tranquillamente barra a dentro, tão manso como se fóra sobre as aguas de um rio, não pude, nem de longe, tratar de receber algum alimento.

Convenci-me então, por propria experiencia, que quem viaja por mar deve antes de embarcar alimentar-se bem ;

é este o primeiro preservativo contra o enjôo. Eu tinha embarcado em jejum.

Ás 5 horas, achava-me de volta na cidade do Desterro, sobre a qual direi mais alguma cousa, para melhor conhecimento do leitor. O dia 11 de Janeiro era domingo, e fui convidado, como em outras occasiões, pelo Rev.mo Vigario P. Francisco Topp para pregar na missa parochial. Annui com prazer ao amigavel convite. Terminado o sermão, apresentou-se-me um antigo conhecido que tres annos antes, fora meu companheiro de viagem no *Itaperuna*, tambem do Rio para o Desterro. Quando se viaja é cousa muito agradavel ter occasião de reatar antigas relações.

Era cerca de meio dia quando o mesmo negociante veio procurar-me no Hotel Brasil, onde me achava hospedado, convidando-me para jantar no mesmo dia em companhia d'elle e de sua familia. A tarde foi cheia e agradavel: fui bem recebido e melhor (se assim posso dizer) tratado.

Após o jantar, convidou-me para um bonito passeio, com o que fiquei contentissimo. Penso não haver cousa melhor para o corpo e para o espirito do que um bom passeio vagaroso immediatamente depois do jantar.

O ponto mais ameno e attrahente da cidade do Desterro é sem duvida a Praia de Fóra, que corresponde ao nosso Bota-Fogo. Fomos antes de tudo, á Escola dos aprendizes marinheiros, sendo recebidos pelo official de dia com amabilidade. Em seguida, o mesmo official levou-nos a todos os compartimentos do vasto edificio, mostrando-nos tudo que havia de alguma importancia, e dando-nos ao mesmo tempo, com maior gosto, as minimas explicações e esclarecimentos.

Notei em tudo muita ordem e muitissima limpeza. Creio que bem poucas repartições d'este genero se poderão com ella comparar. O que me edificou extremamente foi a simplicidade e completa ausencia de respeito humano d'aquelles aprendizes. Nem um d'elles deixou de tomar-me a benção, á chegada e á hora da despedida.

Bem perto da Escola dos aprendizes marinheiros, acha-se um jardim publico, ponto para passeio muito aprazel, não só pela sombra de seu arvoredo e pelo aroma de

suas flores, mas tambem por achar-se collocado á beira mar : isso lhe communica um encanto e uma belleza inexprimiveis.

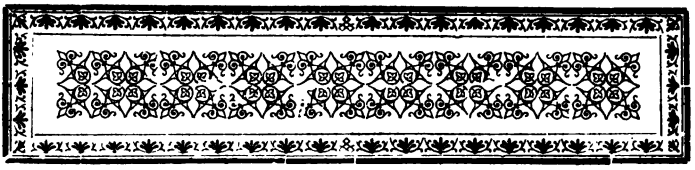
Depois de ahi termos descançado breves momentos, levantámo-nos, atravessando por differentes ruas toda a cidade, de um a outro extremo.

Era uma tarde de domingo, hora esta em que geralmente os desoccupados entregão-se aos excessos da bebida, d'onde as rixas, os espancamentos e as mortes. Qual não foi minha surpresa, nada de anormal encontrando n'este meu longo trajecto ! Tanto no centro como nos pontos mais afastados, reinava ordem inalteravel e perfeita. Parecia não uma tarde de folganças, mas uma d'essas manhãs de segunda-feira que succede a uma noite de divertimentos e folias.

Convenci-me então ser verdade que não ha no mundo povo tão pacifico e ordeiro como o d'essa cidade. Disserão-me, e agora acredito sem difficuldade, que os poucos mantenedores da ordem, que lá estão, passam os dias e as noites muito tranquillamente, sem que alguem lhes dê o minimo incommodo ou lhes perturbe o somno inalteravel. Assassinatos e esfaqueamentos o povo do Desterro nem quasi os conhece.

Continuando, na companhia amavel do negociante Julio Moura, chegámos, onde tomámos um breve descanço, ao jardim fronteiro á Matriz, indo ao depois tomar um bom café nas proximidades do mesmo jardim.

Eram 7 horas da noite quando nos despedimos. D'esse passeio e de quem proporcionou-me horas tão agradaveis, guardo as mais vivas recordações.



CAPITULO XX

Chegada do Rio a Santa Catharina

Estou quasi a despedir-me da boa população do Desterro, mas não o farei sem que aqui registre mais algumas impressões recebidas que ainda não tive occasião de descrever.

No dia do meu desembarque, a primeira impressão recebida, despertando recordações do passado, foi a falla musical dos catharinenses Tem elles, particularmente as senhoras e as crianças, um modo de fallar caracteristico do logar. A falla é quasi sempre cadenciada, o que lhe dá uma graça particular.

Um dia, após minha chegada, encheu-me de surpresa uma novidade inesperada. Cahiu-me casualmente nas mãos uma d'essas folhas volantes destinadas a *reclame*. Vião-se n'ella, em primeiro logar, em um typo graúdo, essas duas palavras *Grande Successo* ! Mais abaixo é que encontrei o nome da mãe da pequena Elsa. Soube então que ella era uma actriz, farcista, comediante, ou cousa que o valha, a qual ia divertir o povo de Santa Catharina que a quizesse apreciar. O meu pensamento correu logo para a gentil criança que a seguia em suas excursões. Confesso que n'esse momento senti para com ella um não sei que de amizade e compaixão. Pobre menina ! Por que veredas, cheias de precipicios, vae ella encaminhada pelos mesmos que lhe deram a vida ! Não duvido muito em breve ver-lhe toldada na fronte aquella pura e verdadeira alegria que ainda lhe concede a innocencia baptismal !.

Mas vamos adiante. No dia 30 de Outubro, fui convidado para assistir á conferencia de S. Vicente de Paulo, installada ha poucos annos n'aquella matriz. A's 7 horas abriu-se a sessão. A noite era feia e chuvosa, e por cima d'isso, tempestuosa. Notei, comtudo, com grande admiração, a presença de não menos de uns quinze ou dezeseis confrades. E' esta uma das melhores que conheço. Conta cerca de quarenta confrades e produz em cada reunião semanal cincoenta ou sessenta mil réis ! No Brasil, creio que não muitas se poderão comparar a ella.

Sem fallar no zelo e boa vontade dos confrades em geral, não deixarei de mencionar ao menos seu digno presidente, o senhor Simas, recentemente convertido pela graça de Deus á fiel observancia de sua santa lei. O senhor Simas, disserão-me, era até irreligioso, difficultando ás pessoas de sua familia as praticas catholicas.

Um bello dia, creio que devido a alguma boa leitura sentiu-se repentinamente transformado. Deus, com a mysteriosa linguagem da graça, o tinha convertido ! Imagine-se agora que effeito produziria o que vou narrar, A' noite do mesmo dia, chegou a casa e declarou terminantemente que, na manhã seguinte, elle e todas as pessoas da familia approximar-se hião da mesa eucharistica, depois de uma boa confissão ! E assim se fez. E como esta conversão foi sincera, foi tambem duradoura.

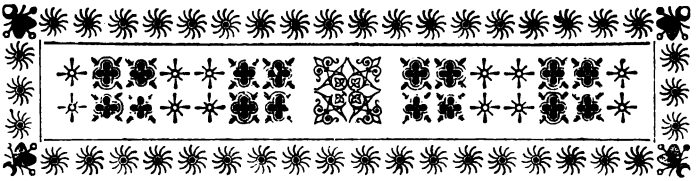
O senhor Simas é incansavel nos trabalhos, e sua caridade para com os pobres é publicamente conhecida.

O Vigario P.e Topp de sua parte é a alma não só das conferencias, mas de tudo que de religioso ahi se tem emprehendido.

N'essa reunião, tive ensejo de fallar sobre a admiravel obra de S. Vicente, fazendo reparar que o pão material que elles fornecem á pobreza, não é senão um meio de lhe ministrar o pão da alma.

A boa leitura, especialmente dos Sagrados Evangelhos, ultimamente traduzidos e annotados pelos Padres Franciscanos da Bahia, devia ser facilitada a tantos que infelizmente não conhecem o alimento vital da alma. Para exemplo e estimulo contei-lhes o facto que tanto me enchera de magoa, encontrando um Novo Testamento protestante na estação telegraphica da Companhia ingleza,

Ainda a conferencia não tinha acabado quando ouvi o apito do desejado *Itapemirim*, que me havia de levar ao suspirado porto de Itajahy. Apezar da longa espera de tres dias, fluctuando o meu espirito entre o temor e a esperança, dei-me então por feliz. O momento pouco a pouco se approximava em que poderia ter noticias seguras sobre a saude de meu pae.



CAPITULO XXI

Matriz e S. Coração de Jesus

A Egreja Matriz de N. S. do Desterro é um templo bastante vasto e magestoso sob a guarda vigilante e activa de zeloso e activo P.e Francisco Topp. O que mais n'esse templo impressiona ao visitante é o magnifico grupo de Nossa Senhora do Desterro. O throno já não existe, peça esta, que, devido a costumes inveterados, parece-nos indispensavel em toda a egreja. Em logar pois do throno avista-se, logo da entrada, Nossa Senhora do Desterro. E' esse um grupo admiravel de estatuas de madeira, representando em quasi tamanho natural a fugida da Sagrada Familia para o Egypto. Maria Santissima, em conformidade á tradição, vae montada em um jumento, trazendo ao collo o menino Jesus. S. José caminha na frente guiando o animal. O conjuncto d'esse quadro, concepção do Reve.mo P.e Topp, é um primor. Pareceu-me até incrivel que por dois contos de reis se pudesse obter por encommenda uma obra de tanto valor.

E já que estamos, como se costuma dizer, com as mãos na massa, direi algumas palavras sobre o R.mo Pe Topp, que ha cerca de nove annos rege a importante freguezia da Capital do Estado de Santa Catharina. E' sem duvido um vigario modelo. E' allemão, mas na caridade para com o proximo, e na affabilidade de suas maneiras desmente por completo esse preconceito que nos representa os germanos dominados por uma rudeza quasi natural.

Como vigario e cura de almas, é zeloso, activo, e não ha trabalho que o possa cançar,

Passando sobre o muito que, em Santa Catharina, tem trabalhado para maior gloria de Deus, direi somente que a esperança de poder um dia conseguir no Desterro a erecção de uma nova diocese, tem sido n'estes ultimos annos o ponto maximo de seus cuidados, no que muito foi alentado por Dom José, primeiro Bispo de Curityba.

O proprio P.e Topp affirmou-me que, certo dia, em que estava palestrando com Sua Ex.cia Rev.ma, de passagem por Desterro, Dom José, sem ser interpellado, apresentou-lhe a idea d'esse grande emprehendimento. O digno Prelado paranaense mostrou então que tinha uma alma grande e que bem ruminára em seu espirito as divinas palavras da oração dominical: *adveniat regnum tuum!* Pouco se lhe dá, tratar dos proprios interesses: o que elle ardentemente almeja é o engrandecimento do reino de Christo.

Animado o P.e Topp pelo seu proprio prelado, metteu mão á obra, em que trabalhando com illimitada coragem, fez prodigios de valor. Sei, por exemplo, que, alem de muitos outros logares por elle percorridos, abalou-se do Desterro para Blumenau, internando-se d'ahi para a roça umas oito e mais leguas, e isso em diversas direcções, para conseguir de cada camponez uma offerta qualquer.

Santa Catharina é um dos Estados mais pobres, mas o P.e Topp, com esforços inauditos, conseguiu ajuntar a metade do patrimonio exigido pela Santa Sé, isto é, cerca de cincoenta contos.

Sempre que apparece dinheiro não deixa-de se offerecer alguma occasião de o gastar indubitavelmente. N'isso foi muitas vezes tentado o P.e Topp. A necessidade de um palacio episcopal fez com que os offerecimentos não se fizessem esperar. Elle porem, apesar das vantagens do offerecimento, comprehendeu logo que se uma tal compra fizesse, seria a completa ruina da empresa. Haja primeiro o capital que a Santa Sé requer, e o resto virá necessariamente.

O P.e Topp continúe a trabalhar com o mesmo proposito; não desanime que em breve poderá, espero, cantar victoria. Se elle tem o defeito de ser estrangeiro, torna-se

por isto mesmo mais merecedor da gratidão dos catharinenses.

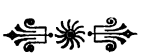
E' comtudo muito de lamentar que ninguem mais, a não ser elle, tome uma deliberada iniciativa n'essa empresa tão sympathica. Porque não se fórma uma commissão de seculares ? Porque algum catholico ou sacerdote brasileiro não se mette tambem á frente d'esse movimento, para assim fazer jus ao galardão merecido, no dia em que N. S. distribuir as recompensas entre os que trabalhárão por tão santa causa ?

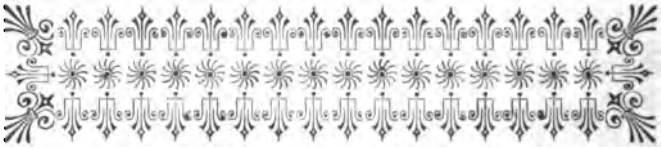
Quem conhece a alma nobre e bem intencionada d'esse illustre sacerdote, tem a certeza absoluta de que, longe d'elle desdenhar concurrentes, redobraria de coragem, se ao seu lado, se collocassem novos e valorosos campeões da mesma causa.

Esperemos pois que esse estado de apathia esteja prestes a terminar, e que todos os bons catholicos d'aquelle Estado se convenção, em fim, que não lhes deve bastar serem generosos em donativos, mas que a proxima erecção da nova diocese reclama os esforços pessoaes de sua actividade individual e tambem collectiva.

Em todas as principaes cidades do Estado ha, graças a Deus, catholicos de bom coração que, reunidos em grupos, ou associações particulares, poderão facilmente angariar donativos, remettendo-os periodicamente para a Capital do Estado. E' claro que sem trabalhos e sem generosidade nada se ha de alcançar. O que até aqui se tem feito, poderia, com o mudar dos tempos, perder-se de todo, se a boa disposição e a esperança, despertadas no povo, não forem aproveitadas a tempo.

O P.e Topp pretende vir esmolar no Rio e ir tambem á Allemanha para o mesmo fim. Espero que com mais este acto de desinteresse e sacrificio poderá concluir de vez a obra encetada.





CAPITULO XXII

Pharmacia Rauliveira

Para ser justo, não deixarei em silencio, antes de seguir viagem para o Rio, a impressão recebida na visita que fiz á importante pharmacia e drogaria Rauliveira.

Apresentado ao chefe da casa pelo meu amigo P.e João Leite, fui muito bem recebido, e promptamente nos foi levando a todas as dependencias do mesmo edificio. Muitos remedios, que com grande fama correm o Brasil e mesmo lhe ultrapassão os limites são artefactos exclusivos d'esta casa.

Em tudo e em todos os compartimentos, notei a maxima limpeza e a maior ordem possivel. E' raro, e talvez impossivel, encontrar-se o chefe de uma casa commercial como esta tão firme e intransigente na conservação da ordem. Assim mesmo não deixarei de fazer uma leve observação. O que mais attrahiu minha attenção foi a sala do laboratorio em que algumas moças erão occupadas em pregar rotulos nos vidros ; creio que ellas se occupam tambem na confecção dos remedios.

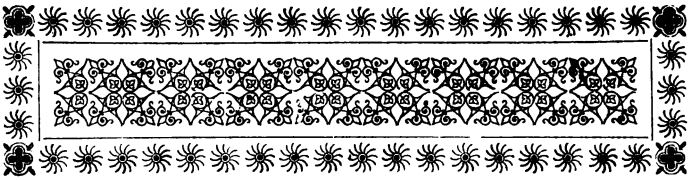
Ahi é absolutamente prohibido fallar, e o rigor chega a tal ponto, que, ao entrarmos n'essa sala, nenhuma d'ellas fallou, nem levantou os olhos para nos cumprimentar. E comtudo uma d'ellas era filha de uma familia amiga dos dois visitantes. O gerente e dono da casa conhece os perigos de certas familiaridades e teme com razão que os adversarios de sua prosperidade não se aproveitem de

primeiro ensejo para prejudical-o. Eis a razão d'esta disciplina previdente, mais do que militar, a que sujeita todo seu pessoal. E' inutil dizer que uma longa experiencia confirmou-o sempre mais neste modo de pensar.

Eu penso comtudo que, sem chegar a taes extremos, poderia elle conseguir o mesmo fim. Os costumes de nossos dias já não são os de cincoenta annos atraz.

Portanto, se este ultimo quadro, a mim que sempre fui amante da ordem, causou-me uma impressão um tanto desagradavel, não seria de estranhar que os visitantes em geral tirassem d'ahi motivo de criticas mais acerbas. E, admittindo mesmo que esse rigor seja justo e louvavel, parece-me que a ordem em uma casa deve vigorar só relativamente aos empregados entre si. No tocante aos visitantes, ella só deve existir emquanto possa concorrer para deixar-lhe impressa uma recordação agradavel.

E ahi tenho exposto a ultima das principaes impressões, dando-me occasião a que apresente ao publico um molde tão apreciado quanto raro em nossos dias : um homem de ordem, de lei e disciplina.



CAPITULO XXIII

Embarque para o Rio

Foi no dia 13 de Janeiro que embarquei no vapor *Santos*, da Companhia «Novo Lloyd», que seguia para o Rio. Levantámos o ferro ás 10 1/2 horas da manhã, chegando a Itajahy com viagem muito boa ás 3 1/2 horas da tarde.

Ahi jantei no Hotel conhecido mais pelo nome do seu chefe ja fallecido, o senhor Cheffer; em seguida visitei rapidamente dois amigos e embarquei, que não havia tempo a perder. A's 6 1/2 horas da tarde o *Santos* ja se movia em demanda da barra, que é uma das mais perigosas. O mar já não era o mesmo: estava bastante agitado, assim mesmo á meia noite, sem incommodos e sem novidades chegámos ao porto de S. Francisco. O resto da noite passamol-a tranquillos em um abrigo. Na manhã do dia seguinte, ás 10 horas, deixámos esse porto, encaminhando-nos para o de Paranaguá, onde chegámos á tardinha. Apesar de agora passar geralmente bem a bordo, não ha cousa para mim mais agradavel do que tomar, quando é possivel, minhas refeições em terra. E' o que fiz n'esse dia; mal tinha desembarcado com um novo companheiro de viagem, dirigimo-nos direitinho ao Hotel Tristão onde jantámos, passámos a noite, e no dia seguinte almoçámos, sendo muito bem tratados. O preparo das comidas é o melhor possivel. Emquanto ao governo interior da casa, na qual ha sem duvida o maior respeito,

como é governado por homens, não deixa de ter seu cunho especial.

Ahi existe um quê de verdadeira republica, não de republica governo, mas d'essas reuniões de estudantes folgazões que, mesmo reduzidos a nenhum vintem, se considerão como tantos principes independentes, satisfeitissimos com o reinado da verdadeira egualdade. E' assim que se passa no Hotel Tristão.

Cada hospede vive ahi completamente despreoccupado, como se estivesse em sua casa. Tirando isso, que para alguns seja talvez um *senão*, no Hotel Tristão está-se bem e passa-se melhor, sem que se possa dizer que haja abuso a respeito da algibeira do freguez.

Tive como companheiros de viagem alguns caixeiros viajantes do Rio; hospedarão-se no mesmo hotel. Em todas as classes, ha gente boa e gente ruim. Entre elles notei o mesmo. Um delles, que me affirmarão ser sobremodo admirador enthusiasta de toda e qualquer bebida, tinha uns modos e uma linguagem devéras deprimentes para quem, como elle, representava uma casa importante do Rio de Janeiro.

Todos os companheiros de viagem, mesmo senhoras, erão obrigados, de vez em quando, a ouvir as mais desbragadas expressões da bocca d'esse infeliz. Mas não digo, nem darei os pormenores que o tornem conhecido; quero corrigir mas não prejudicar. Um outro, pelo contrario, que com o primeiro nada tinha de commum, por ser o representante de uma outra casa do Rio; por seus modos e franqueza com que se abriu commigo, agradou-me extraordinariamente. Estava magoado e sentia a necessidade de desabafar. Entendeu que commigo se poderia abrir, e eu partilhei cordialmente seus sentimentos. Acabava, disse-me elle, de receber uma carta de seus patrões, na qual lhe communicavam que um outro o havia de substituir, isso com grande detrimento do meu interlocutor. O preferido era muito conhecido como incapaz de honrar a propria classe, e menos a casa que representava, porquanto levava em suas viagens pessoas que só servião para escandalisar o publico. Isso me fez especie, perguntado-me a mim mesmo como era possivel a um moço de vida tão irregular supplantar um joven que me parecia

devéras um homem de bem? Questão de sorte! E' aliás o que n'este mundo estamos vendo todo o dia. Geralmente fallando, o que dá as melhores posições não é o merito, é a bajulação. Na vinda para cá, tive um outro companheiro de viagem cujo nome não quero declinar. A principio, captivou-me por suas boas maneiras; depois da metade da viagem senti-me na necessidade de me afastar d'elle por completo. Era um d'esses muitos que difficilmente sabem conservar dignidade na postura; inconvenientes em seus modos, tornão-se logo merecedores da critica severa e imparcial. Em toda e qualquer viagem de mar, é cousa infelizmente bem commum encontrarem-se individuos que, encerrados no estreito espaço de um convez, desrespeitão-se a si mesmos, desrespeitando simultaneamente aos seus companheiros. O cidadão a que me refiro deu para conquistador, e n'este triste officio fez os papeis mais ridiculos, transformando sua posicão, aliás bonita, na de um assaz mediocre bohemio. Se muitos lessem, antes de emprehender uma viagem, estas linhas; se meditassem um pouco em que os passageiros de um vapor não formão senão uma só familia, entre cujos membros deve haver o maior recato, serião mais puros em sua linguagem e mais cautos em seus galanteios. N'essas occasiões, distinguem-se logo os que, não tendo religião, receberão uma educação fina dos que só vivem alimentados por instinctos puramente animaes.

CAPITULO XXIV

De Paranaguá a Santos

No dia 16, ás 7 1/2 horas da manhã, chegámos á cidade de Santos, tendo tido uma viagem regular, embora com o mar meio revolto. A manhã era cerrada e chuvosa, e havia muita carga e descarga a fazer.

Sabiamos que, se a chuva continuasse poucas horas, ficariamos impedidos de sahir no mesmo dia, e d'esta forma perderiamos 24 horas. Com effeito, nos portos d'onde o sahir de noite é difficil ou impossivel, acontece, ás vezes, que só a perda de uma ou duas horas atraza a viagem de um dia e uma noite. E' este o maior desespero dos viajantes que na monotona vida do mar, vão contando as horas e os dias como se fossem eternidades.

E esses atrazos, mesmo nos melhores vapores, são, como se costuma dizer, o pão nosso de cada dia. Sempre geralmente apparece uma causa que retarda algumas horas a sahida.

Assim em Paranaguá a partida estava marcada para meio dia, e devido, não á mala do correio ou a outras visitas officiaes, mas á demora da propria Agencia da Companhia, só nos foi permittido partir ás 3 1/2 horas da tarde.

Agora estamos em Santos, onde o que logo attrahe a attenção do recemchegado são as docas e os armazens contiguos, nos quaes se nota uma ordem admiravel.

Os maiores transatlanticos podem, com toda a facilidade, encostar á terra, e isto com a maior brevidade de tempo. E' um prazer para os passageiros, não direi pela pequena economia que fazem, quanto por se verem livres do inevitavel supplicio de tratar e regatear com os taes catraeiros, que serião muito boa gente se não exorbitassem em suas primeiras exigencias.

Após o desembarque e um breve passeio, fui almoçar em um hotel, que dizem ser o primeiro da cidade e que se não me engano, tem um qualificativo de internacional. Fui com a intenção de almoçar bem, embora não tivesse muito appetite, confiado no nome dessa casa tão afamada.

Foi uma decepção. Achei-a inferior nos temperos, não aos nossos principaes hoteis, mas ás mais modestas casas de pensão. Houve porem uma compensação: o que faltava no gosto, havia até de sobra nas contas apresentadas, paguei pelo menos o 40 0/0 mais do que teria pago aqui no Rio, no Hotel do Globo. Tratar mal e cobrar bem eis um systema muito bom, não para adquirir freguezia certa, mas para aproveitar os transeuntes occasionaes.

Se assim tivessem procedido no Hotel Tristão, certamente não terião ganho novos freguezes.

Acabado o almoço, o tempo que poucos momentos antes nos tinha visitado com uma demorada chuva torrencial, começou a clarear e então recobrei a esperança de, no mesmo dia, seguir para o Rio.

Eram 11 horas passadas quando sahi do hotel com a intenção de correr detidamente as docas, de uma a outra extremidade. Eis ahi um passeio instructivo, util e agradavel. Admira-se por toda a parte grande movimento e muitissima ordem. Vêm-se ahi esses colossos do mar sendo carregados por centenas de homens occupados em sua maior parte na carregação do café. E' uma cousa que espanta ver mais da metade d'aquelles carregadores levando duas saccas de café, e muitos vi que levavão tres de cada vez.

E o sol era abrasador, e não sei comprehender como muitos d'elles não cahião fulminados pelo excesso do calor e do trabalho. Os monstruosos guindastes, governados por uma criança, estão em movimento continuo, particular-

mente na carga e descarga de pesos que a força humana não poderia remover. O que mais me encantava era a ordem interior d'esses armazens gigantescos e a disposição dos differentes generos e mercadorias empilhados distinctamente, conforme a especie e as casas importadoras e exportadoras.

N'essa cuidadosa excursão tive outrosim ensejo de estudar os varios typos que successivamente vinhão apparecendo.

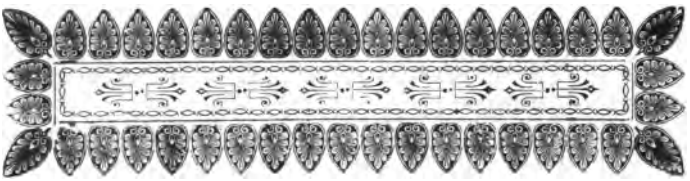
Encontrei muita gente boa e delicada, pessoas sempre promptas em responder a qualquer pergunta que lhes fizesse. Mas entre os carregadores deparei com muitos não differentes dos que, no Rio de Janeiro, aprenderão na escola da incivilidade. Esses taes pensão que o padre, por ser o typo tradicional da mansidão, pode por elles ser impunemente chacoteado, e fazem-no com ares de segurança. Quantos não ha n'este mundo d'esses vilãos, filhos da irreligião e da insensatez! O que mais me entristeceu foi notar que, exceptuada uma só vez, essas indelicadezas e grosserias erão sempre praticadas por portuguezes. Todos elles erão filhos d'esse pequeno paiz cheio de glorias que nos trouxe de sua patria a civilisação christã.

E então comecei a philosophar, pretendendo, como ainda pretendo, que o portuguez, educado desde a infancia nos sagrados principios do christianismo, e na pratica mais escrupulosa dos preceitos da Egreja, não tem direito de injuriar a quem ainda hontem venerava com sinceridade, e a quem amanhã, se voltar para a terra natal, saudará com respeito, quando não seja por outra causa, envergonhado de proceder differentemente perante as pessoas de bom senso. Ora, como se poderá explicar o phenomeno dos que se comportam mal em terra estranha, emquanto em sua patria são tão attenciosos e respeitadores?

O portuguez, residente no Brasil, vive como no seio de sua patria. N'esta segunda patria, deveria elle cumprir a sublime missão que Deus confiara a seus maiores. Se em vez de se entregar a todos os excessos, conservasse em seu coração a fé viva e a pureza dos costumes, cumprindo fielmente com os preceitos da Egreja, quantas almas não poderia elle instruir entre nós, com o bom exemplo; almas essas que sempre poderão allegar em proprio favor

que de seus paes nunca receberão uma educação christã! Mas dá-se commumente o contrario: os que com o bom exemplo deverião encaminhar o nosso povo, são os que mais o arrastão para o mal com suas depravações!

Ponhamos termo, que é tempo, a esta digressão, pois já é chegado o momento suspirado da partida.



CAPITULO XXV

Partida para o Rio

Erão 5 horas da tarde do dia 16 de Janeiro e o *Santos*, com grande jubilo de todos, já se movia em demanda de Guanabara.

A viagem deste ultimo degráo foi egualmente boa, a não ser um vento importuno que de continuo soprava do Norte, com tal impetuosidade, que quem estava no convez, com muita difficuldade podia mover-se contra elle.

O mar era calmo e o tempo claro. Em referencia ao passadio a bordo, achei-o muito bom. Todo o pessoal de Lloyd foi bastante amavel e delicado.

A bordo d'este paquete, encontrei um uso que me parece a delicadeza e o cavalherismo levados ao extremo. E' um facto que se dava constantemente á mesa, por occasião das refeições. Achando-se ahi assentada uma senhora era sempre a primeira servida, fosse qual fosse o logar que occupava. Ora, acontecia muito de frequente, que ella não se achava em uma das extremidades da mesa, e sim no meio entre os outros commensaes. Pois bem, o copeiro entendia praticar um dever de fina polidez, ir até onde ella estivesse, servil-a em primeiro logar, voltando em seguida a começar o serviço do principio da mesa. Eis ahi um costume que acho muito para reprovar, pois expõe senhoras a verdadeiros vexames, vendo-se muitas vezes

preferidas a cavalheiros de cathegoria superior. Parece-me que muito melhor seria na mesa seguir a ordem, evitando qualquer distincção.

Era cerca de meio dia quando o *Santos* fundeou na bahia do Rio de Janeiro. Aqui esperava-nos uma sorpresa irritante, fazendo-nos a todos perder a calma. Só a officialidade do *Santos* e o pessoal da Agencia do Lloyd conseguirão por seus bons modos diminuir os effeitos desagradaveis da exasperação geral. Como o *Santos* vinha de um porto estrangeiro, isto é, da Argentina (Rosario) entendeu a Alfandega que nenhum passageiro desembarcasse, sem que todas suas malas e bagagens fossem revistadas. De nada valerão os mais justos protestos, e todos forão forçados a sujeitar-se a essa inutil e vexatoria arbitrariedade. Com effeito, se uma tal medida era tomada por ser o *Santos* proveniente de um porto estrangeiro, só deveria ser levada a effeito no primeiro porto nacional, para respeitar, conforme a lei, os que embarcassem em portos brasileiros. Em resumo : as malas, depois de revistadas puderão acompanhar os seus donos ; não assim as bagagens que forão remettidas para os armazens da Alfandega. Ahi derão-se outros factos que não são dos mais honrosos para uma repartição em que deverião predominar a rectidão e o cumprimento do dever.

Dois ou tres dias depois, para lá enviei um portador de confiança, com um cartão meu, sendo amavelmente acompanhado pelo gerente do Novo Lloyd, o qual, em todos esses successos se mostrou solicito, incançavel e de uma dedicação sem exemplo. Apesar do meu pedido e autorização por escripto e da presença do gerente do Novo Lloyd, não querião fazer a entrega das minhas malas, sem que eu mesmo me apresentasse. Qual o motivo de mais esse vexame ? O meu portador resumiu suas impressões e o seu juizo (temerario talvez) n'estas duas palavras bem significativas : *querião comer*. Mas não o conseguirão.

E ahi temos o epilogo de um facto arbitrario, e que as autoridades competentes deverião profligar, salvaguardando dest'arte sua honorabilidade. Chegou afinal o suspirado momento do desembarque. Algumas pessoas dedicadas e amigas tinhão vindo em uma lancha ao meu encon-

tro, e já estavão a bordo á minha espera. Desembarquei, e todos me acompanharão até minha residencia.

Ao concluir essas toscas e despretenciosas linhas, agradeço de coração as innumeras e inequivocas demonstrações de dedicação e amizade que, por occasião d'essa minha viagem, recebi.

Rio, Dezembro de 1904

Pe. Jacomo Vicenzi

INDICE

Cap.	I	O Embarque.	Pag.	3
»	II	Paranaguá.	»	11
»	III	Santa Catharina.	»	14
»	IV	De viagem para Itajahy.	»	19
»	V	Blumenau.	»	24
»	VI	O Mestre-Escola.	»	30
»	VII	Pomeranos.	»	39
»	VIII	As eleições.	»	46
»	IX	O Commercio.	»	51
»	X	Instrucção e Educação.	»	58
»	XI	Religião.	»	61
»	XII	Um passeio a S. Paulo.	»	75
»	XIII	Reminiscencias.	»	80
»	XIV	Bairrismo allemão.	»	83
»	XV	Estação agronomica.	»	88
»	XVI	Usos em Pomeranos.	»	93
»	XVII	A Volta. . . , ...	»	95
»	XVIII	Partida para Itajahy.	»	100
»	XIX	Embarque para o Desterro.	»	105
»	XX	Chegada do Rio a Santa Catharina. .	»	108
»	XXI	Matriz e S. Coração de Jesus. . . .	»	111
»	XXII	Pharmacia Rauliveira	»	114
»	XXIII	Embarque para o Rio	»	116
»	XXIV	De Paranaguá á Santos.	»	119
»	XXV	Partida para o Rio.	»	123

YC 10091

U.C. BERKELEY LIBRARIES

C039106888

M251271

F
2626
V5

THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY